



O CONTRIBUTO DAS ARTES VISUAIS
PARA O DESENVOLVIMENTO DAS
CRIANÇAS: CONCEÇÕES DAS FAMÍLIAS E
DOS/AS EDUCADORES/AS DE INFÂNCIA

Bárbara Campo Verde Costa

Relatório de Prática Profissional Supervisionada apresentado
à Escola Superior de Educação de Lisboa para obtenção de
grau de mestre em Educação Pré-Escolar
2.º ano do Mestrado em Educação Pré-Escolar

2022-2023



O CONTRIBUTO DAS ARTES VISUAIS
PARA O DESENVOLVIMENTO DAS
CRIANÇAS: CONCEÇÕES DAS FAMÍLIAS E
DOS/AS EDUCADORES/AS DE INFÂNCIA

Bárbara Campo Verde Costa

Relatório de Prática Profissional Supervisionada apresentado
à Escola Superior de Educação de Lisboa para obtenção de
grau de mestre em Educação Pré-Escolar
2.º ano do Mestrado em Educação Pré-Escolar
Orientadora: Professora Ana Simões

2022-2023



AGRADECIMENTOS

Este relatório significa para mim a conclusão de um dos maiores e mais importantes desafios da minha vida. Estes cinco anos foram compostos por *alegrias* e conquistas, mas também por *choro* e *ansiedade*, mas valeu tudo a pena, pois permitiu concretizar o meu sonho: ser Educadora de Infância.

Quero agradecer à minha família que me apoiou desde o primeiro momento e acreditou em mim, mesmo quando eu duvidava de mim e das minhas capacidades. À minha mãe, ao meu pai e ao meu irmão, por todo o amor, por estarem sempre presentes e celebrarem comigo todas as vitórias, *grandes* e *pequenas*. Ao meu primo, por partilharmos esta paixão pela Educação e por ser o modelo da docente que pretendo ser; à minha prima, por toda a ajuda prestada e por me dar uma “força extra” quando mais precisava. Aos meus avós e avôs, por todo o amor, carinho e mimo, obrigada por tudo.

Ao Gonçalo, por estar sempre ao meu lado, por acreditar sempre em mim e em todas as minhas capacidades, acalmar-me nos meus momentos de *ansiedade* e celebrar comigo as minhas vitórias. Obrigada por tudo, amo-te!

Aos meus amigos, obrigada por estarem sempre presentes e agradeço antecipadamente, por confiarem em mim para cuidar dos vossos futuros filhos. Muito obrigada por tudo, adoro-vos!

Quero agradecer, também, a todos os/as docentes que fizeram parte deste percurso, especialmente à minha orientadora, a Professora Ana Simões, por todo o apoio prestado, mas também à Educadora e à Auxiliar de Ação Educativa da Sala Verde, por todos os conhecimentos partilhados. Às crianças e às famílias da Sala Verde, muito obrigada!

A todos os mencionados e a todos os outros que fizeram parte do meu percurso, muito obrigada! Consegui!

RESUMO

O presente relatório consiste numa análise crítica e reflexiva sobre a Prática Profissional Supervisionada (PPS II) realizada no âmbito do 2.º ano do Mestrado em Educação Pré-Escolar da Escola Superior de Educação de Lisboa, que decorreu entre 17 de outubro de 2022 e 6 de fevereiro de 2023. O documento visa demonstrar todo o trabalho que foi desenvolvido ao longo de toda a prática, através da apresentação e análise das vivências observadas e refletindo, de forma fundamentada, acerca das mesmas, dando a conhecer todo o processo investigativo que ocorreu no contexto da PPS II. Com o decorrer do estágio, surgiu o tema para a investigação realizada: **“O contributo das Artes Visuais para o desenvolvimento das crianças: conceções das famílias e dos/as Educadores/as de Infância”**. Para tal, foi necessário definir os objetivos do estudo: i) analisar a importância das Artes Visuais no Jardim de Infância para as Educadoras e famílias das crianças; ii) identificar o papel das Artes Visuais na prática pedagógica das educadoras da instituição cooperante e iii) identificar o que realizam as crianças com as suas famílias no que às Artes Visuais diz respeito.

No que se refere à metodologia, foi realizado um estudo de caso, com o recurso às seguintes técnicas de recolha de dados: observação direta e participante; consulta documental, uma entrevista às Educadoras de Jardim de Infância da instituição cooperante, à dinamizadora da *Oficina “Artes nas Mãos”* e à Diretora Pedagógica. Foi aplicado, ainda, um inquérito por questionário às famílias das crianças da PPS II. Como instrumentos de recolha de dados, utilizaram-se registos fotográficos, notas de campo retiradas ao longo da PPS II os guiões das entrevistas e do inquérito por questionário. No que concerne à técnica de análise de dados, foi utilizada a análise de conteúdo, assim como o tratamento estatístico relativo às questões fechadas do inquérito por questionário.

Com a realização deste estudo, poder-se-á concluir que, tanto as famílias das crianças como as profissionais de educação entrevistadas, consideram que as Artes Visuais têm um impacto significativo no desenvolvimento das crianças em Jardim de Infância, pois desenvolvem a criatividade, sendo uma forma das crianças se expressarem, sem utilizarem a linguagem verbal.

Palavras-chave: Crianças; Educação de Infância; *Artes Visuais*; famílias.

ABSTRACT

This report consists of a critical and reflective analysis of the Supervised Professional Practice (SPP II) carried out in the 2nd year of the master's degree in Preschool Education of the School of Education of Lisbon, which took place between October 17, 2022 and February 6, 2023. The document aims to demonstrate all the work that was developed throughout the practice, through the presentation and analysis of the observed experiences and reflecting, in a reasoned way, about them, making known all the investigative process that occurred in the context of PPS II. As the internship progressed, the theme for the research came up: "**The contribution of Visual Arts to children's development: conceptions of families and Kindergarten teachers**". To this end, it was necessary to define the objectives of the study: i) to analyze the importance of Visual Arts in Kindergarten for educators and children's families; ii) to identify the role of Visual Arts in the pedagogical practice of the educators of the cooperating institution and iii) to identify what children and their families do regarding Visual Arts.

Regarding methodology, a case study was conducted, using the following data collection techniques: direct and participant observation; document consultation, an interview with the Kindergarten Educators of the cooperating institution, the organizer of the "Arts in Hands" Workshop and the Pedagogical Director. A questionnaire survey was also applied to the families of the PPS II children. As data collection tools, we used photographic records, field notes taken throughout the PPS II, the interview scripts, and the questionnaire survey. As far as the data analysis technique is concerned, content analysis was used, as well as statistical treatment of the closed questions in the questionnaire survey. With this study, it can be concluded that both the children's families and the education professionals interviewed consider that Visual Arts have a significant impact on the development of children in kindergarten, because they develop creativity, being a way for children to express themselves, without using verbal language.

Keywords: Kids; Early Childhood Education; *Visual Arts*; Families.

LISTA DE ABREVIATURAS

AAE	Auxiliar de Ação Educativa
DP	Diretora Pedagógica
JJ	Jardim de Infância
PE	Projeto Educativo
PPS I	Prática Profissional Supervisionada
PPS II	Prática Profissional Supervisionada II
UC	Unidade Curricular

ÍNDICE GERAL

1.INTRODUÇÃO.....	1
2.CARACTERIZAÇÃO DE UMA AÇÃO EDUCATIVA CONTEXTUALIZADA	4
2.1. Meio Envolvente	5
2.2. Contexto socioeducativo	5
2.3. Equipa Educativa	7
2.4. Ambiente Educativo.....	9
2.5. Crianças.....	12
2.6. Famílias	15
3.ANÁLISE REFLEXIVA DA INTERVENÇÃO EM JARDIM DE INFÂNCIA	17
3.1. Intenções para a Ação e Objetivos.....	18
3.2. Planificação e Avaliação	24
4.INVESTIGAÇÃO EM JARDIM DE INFÂNCIA	26
4.1. Identificação da problemática.....	27
4.2. Revisão da literatura sobre a problemática identificada	28
4.3. Roteiro metodológico e ético	31
4.4. Apresentação e Discussão de Resultados	34
5. CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOCENTE COMO EDUCADORA DE INFÂNCIA EM CONTEXTO	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS	57
ANEXOS.....	65
ANEXO A. Portfólio da PPS II (cf. Anexos ao Relatório).....	66
ANEXO B. Portfólio da criança (cf. Anexos ao Relatório).....	269
ANEXO C. Estrutura organizacional da instituição	296
ANEXO D. Planta da Sala Verde	298
ANEXO E. Exemplo de um Planificação Mensal	300
ANEXO F. Idade vs. género	302
ANEXO G. Conjunto de objetivos específicos para as famílias	304
ANEXO H. Situação profissional do Pai e da Mãe vs. nível de escolaridade.....	306
ANEXO I. Carta de Apresentação às famílias	309
ANEXO J. Guiões de Entrevista.....	311

Anexo J1. Guião de Entrevista às Educadoras	312
Anexo J2. Guião de Entrevista à Educadora R.....	314
Anexo J3. Guião de Entrevista B à Diretora	316
ANEXO K. Guião do inquérito por questionário aplicado às famílias.....	318
ANEXO L. Consentimento Informado.....	322
ANEXO M. Roteiro Ético.....	325
ANEXO N. Transcrições de entrevistas às Educadoras	333
Anexo N1. Entrevista à Educadora Cooperante.....	334
Anexo N2. Entrevista A à Educadora A.....	335
Anexo N3. Entrevista à Educadora P.	337
Anexo N4. Entrevista à Educadora R.....	338
Anexo N5. Entrevista à Diretora Pedagógica.....	339
ANEXO O. Árvores categoriais e análise das respostas das entrevistas às Educadoras e Diretora da instituição e dos inquéritos por questionário às famílias	341
Anexo O1. Árvore categorial da entrevista realizada às Educadoras e Diretora da Instituição	342
Anexo O2. Árvore categorial das respostas abertas do inquérito por questionário aplicados às famílias	347
Anexo O3. Análise das respostas fechadas dos inquéritos por questionário aplicados às famílias	352
ANEXO P. Notas de Campo acerca do tema da investigação.....	357

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Silhueta construída e pintada pelas crianças	39
Figura 2. Pintura do envelope com rolhas, através de estampagem	39
Figura 3. Produção plástica construída na Oficina "Arte nas Mãos"	40
Figura 4. Produções plástica construídas na Oficina "Arte nas Mãos"	41
Figura 5. Crianças a realizarem a pintura de Halloween	42
Figura 6. Criança a pintar o papel de cenário	Erro! Marcador não definido.
Figura 7. Desenho realizado pelo AP.	43
Figura 8. Desenho realizado pelo FR.	43
Figura 9. Alforreca construída pela MC. e a sua mãe, em casa.....	44

1. INTRODUÇÃO

| ' ' | | ' ' |

O presente relatório foi elaborado no âmbito da Unidade Curricular (UC) de Prática Profissional Supervisionada II (PPS II) que decorreu numa Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) situada na freguesia da Ajuda, tendo sido realizada com um grupo de 22 crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 5 anos. O documento pretende espelhar todo o trabalho realizado ao longo da PPS II, sendo que sucede à elaboração de um portefólio realizado anteriormente (cf. Anexo A. Portefólio da PPS II, em Anexos ao Relatório). Esse documento é composto por uma “Caracterização de uma Ação Educativa contextualizada”, uma “Análise Reflexiva da Intervenção em Jardim de Infância”, a que se seguem os registos realizados ao longo do estágio - notas de campo, reflexões diárias e reflexões semanais. Após esses registos, encontram-se as planificações das atividades realizadas e o “Portfólio da Criança” (cf. Anexo B. Portefólio da Criança, em Anexos ao Relatório), que foi realizado com base no desenvolvimento do LD. No final do referido documento, encontra-se uma conclusão, em que se realizou o balanço acerca de toda a prática profissional e de que modo aquela contribuiu para o meu conhecimento enquanto futura profissional de educação.

Durante a realização da PPS II, foi realizada uma investigação acerca de um tema que eu considere relevante analisar. Assim, surgiu o tema **“Artes Visuais para o desenvolvimento das crianças”**. Decidi estudar este tema, pois acredito que é algo fulcral para o desenvolvimento das crianças. Para além disso, “early art and aesthetic experiences provide an environment in which children learn to appreciate beauty, to express themselves, to develop their creativity, and to use their imagination” (Gamze & Sakire, 2018, p.132). Após a decisão do tema a estudar, foi necessário definir os objetivos do estudo: **i) analisar a importância das Artes Visuais no Jardim de Infância para as Educadoras e famílias das crianças; ii) identificar o papel das Artes Visuais na prática pedagógica das educadoras da instituição cooperante e iii) identificar o que realizam as crianças com as suas famílias no que às Artes Visuais diz respeito.** Considerando os objetivos do estudo, segui a metodologia de Estudo de Caso. Em relação às técnicas de recolha de dados, recorri à observação direta e participante, à consulta documental, assim como à realização de uma entrevista semiestruturada às Educadoras de Jardim de Infância da organização, à Educadora que dinamiza a *Oficina “Arte nas Mãos”* e à Diretora Pedagógica da instituição cooperante. Apliquei um inquérito por

questionário às famílias das crianças. Como instrumentos de recolha de dados, recorri a registos fotográficos, ao guião de entrevista e às notas de campo retiradas ao longo da prática. Por fim, no que concerne à técnica de análise de dados, utilizei a análise de conteúdo, assim como o tratamento estatístico, especificamente na contagem de frequências nas questões fechadas do inquérito por questionário aplicado.

No que diz respeito à organização do relatório, este está dividido em cinco capítulos: o primeiro remete para a presente introdução; o segundo capítulo corresponde à “Caracterização de uma Ação Educativa contextualizada”, onde estão descritos o meio envolvente da organização, o contexto socioeducativo, a equipa educativa, o ambiente educativo, as crianças e as famílias, recorrendo a diferentes fontes de informação. O terceiro capítulo, intitulado de “Análise Reflexiva da intervenção em Jardim de Infância”, apresenta as minhas intenções para a ação, sendo que se encontram descritas todas as intencionalidades que defini, de que forma decidi concretizá-las e a sua avaliação final, bem como a “Planificação e Avaliação” que remete para todas as atividades que idealizei e implementei ao longo do estágio e o balanço geral das mesmas. Apresento nesse capítulo as razões da elaboração de um portefólio de uma criança do grupo com quem realizei a PPS II. Segue-se um quarto capítulo, em que se encontra a “Investigação em Jardim de Infância”, com a revisão da literatura sobre a problemática identificada, a elaboração do roteiro metodológico e ético e, por fim, a “Apresentação e Discussão de Resultados”. Num quinto capítulo, as “Considerações Finais”, faço um balanço acerca de toda a minha prática profissional, de que modo a mesma contribuiu para o meu conhecimento enquanto futura profissional de educação e uma reflexão final em torno da investigação realizadas. Seguem-se as referências utilizadas no presente trabalho e os Anexos, com informação complementar.

2. CARACTERIZAÇÃO DE UMA AÇÃO EDUCATIVA CONTEXTUALIZADA

| | ' ' | | ' ' |

2.1. Meio Envolve

O meio envolvente é fundamental para o desenvolvimento das crianças, constituindo num “processo dinâmico de relação com o meio, em que o indivíduo é influenciado, mas também influencia o meio em que vive” (Silva et al., 2016, p.21).

Na caracterização de uma organização socioeducativa, para além de ser fundamental a descrição do estabelecimento na qual se conhece o seu espaço físico, os recursos humanos e materiais de que dispõe, é fundamental conhecer a área geográfica e o meio social e cultural onde se insere. A Instituição onde realizei a PPS II é parte integrante da Freguesia da Ajuda, fazendo parte de um ambiente urbano e com infraestruturas comerciais e de serviços bem desenvolvidas. Segundo o Projeto Educativo (PE, 2019), a organização surgiu na freguesia da Ajuda de modo a dar resposta às necessidades das crianças e suas famílias, revelando-se ao longo dos anos como uma instituição educativa respeitada e com um PE diferenciador. A Organização é acessível, através de carro e transportes públicos, mais especificamente, autocarro e elétrico.

Ao nível dos serviços, destaca-se o comércio de rua ou pequenos lojistas (ex.: cafés) e a restauração. Para além disso, existem um monumento, um jardim e uma biblioteca a uma curta distância. A acompanhar esta oferta de serviços educativos, surgiram também vários estabelecimentos de educação pré-escolar.

2.2. Contexto socioeducativo

O contexto socioeducativo deve estar organizado de forma a ser um contexto possibilitador de desenvolvimento e de aprendizagem, oferecendo oportunidades às crianças que o frequentam (Silva, et al., 2016). A Organização Educativa é uma “instituição particular de solidariedade social, sem fins lucrativos, rege-se por um conjunto de regras e normas e é regulada por organismos externos no que respeita à sua organização e finalidade.” (*Site da Instituição, 2022, Secção “Documentos de gestão”*).

Segundo o PE (2019), a organização proporciona uma resposta educativa dos 4 meses aos 5 anos. A organização é dividida por quatro pisos e existe um elevador que tem acesso a todos os pisos do edifício, adaptado a pessoas com mobilidade reduzida. No piso 0, está presente a sala de berçário (4 até 12 meses) com sala parque, copa de leites, dormitório do berçário e do pré-escolar, a secretaria e uma casa de banho. No piso 1,

encontra-se o gabinete da direção; a sala de reuniões/uma biblioteca, sala para arrumação de material de desgaste, uma casa de banho, uma zona de cacifos dos colaboradores e quatro pequenas arrecadações. No piso -1, está presente o recreio, a sala amarela (1 ano); a sala violeta (12 aos 24 meses), ambas as salas têm casas de banhos de apoio e a sala salmão (24 aos 36 meses). Para além disso, existe uma sala de refeições para as salas de 1 ano, uma copa, duas casas de banho de adultos, lavandaria, zona de cacifos dos colaboradores e um espaço para uma futura sala *Snoezelen*. Esta zona tem duas saídas para a rua. No piso inferior - 2, estão presentes 4 salas, a sala a sala rosa (24 aos 36 meses) e as três salas de pré-escolar, a sala azul, laranja e verde (onde estou a estagiar) (3 aos 5 anos), todas têm casas de banho de apoio. No que concerne às salas e atividades, são todas *acolhedoras*, há bastante luminosidade natural proveniente das janelas existentes, sendo assim, possível diretamente e de forma fácil com espaço exterior, podendo obscurecer através das cortinas existentes. Existem, ainda, duas casas de banho para adultos, sendo uma adaptada a pessoas portadoras de deficiência (mobilidade reduzida), um corredor onde se localizam os cabides das crianças do pré-escolar. No mesmo piso, mas no exterior está presente o

recreio com diversos equipamentos lúdicos de psicomotricidade, um atelier para atividades de expressão plástica, um espaço polivalente, casa de banho exterior, uma arrecadação, refeitório para o pré-escolar e para duas salas de 2 anos, cozinha, despensa, zona de refeições dos colaboradores e uma sala de estar/lazer também para os colaboradores (Projeto Educativo, 2019, p.9).

A Organização Socioeducativa tem definida a sua missão: “nutrir as crianças de um pensamento crítico e estético e permitir que se tornem competentes para modificar a realidade onde estão inseridas, utilizando para tal a linguagem da argumentação, do respeito, da assertividade e dos afetos” (Projeto Educativo, 2019, p.7).

No que diz respeito à visão da Organização, a mesma afirma que

será reconhecida como uma organização aprendente, cujo valor da criatividade, respeito pela individualidade de cada criança e da proteção do seu superior interesse, se articulam e fundem na componente artística,

reflexiva e de ligação à natureza de cada ser único no seu contexto próprio (p.13).

No que diz respeito ao modelo pedagógico, a Organização segue o Movimento da Escola Moderna (MEM), pois que “um dos motivos que me levou a escolhê-la, foi o facto de ter um modelo pedagógico implementado, neste caso o Movimento da Escola Moderna, algo que até agora só tinha aprendido em teoria” (Reflexão Semanal – Semana 1). “Este modelo organiza-se em torno de três conceitos com profundas repercussões no acto [*sic*] de ensino-aprendizagem: os circuitos de comunicação, as estruturas de cooperação educativa e a participação democrática directa [*sic*].” (Niza, 2007, citado por Site da Instituição, 2022, Secção “O Modelo Pedagógico (MEM)”).

2.3. Equipa Educativa

De acordo com o PE (2019), a equipa educativa do contexto socioeducativo em análise é constituída por 9 docentes no total, especificamente, por uma Direção Técnica e Pedagógica, cinco Educadoras para a creche (uma para cada grupo de crianças) e três Educadora para o pré-escolar (uma para cada sala). No que diz respeito ao pessoal não docente, a instituição é constituída por 17 pessoas, especificamente, duas colaboradores de serviços administrativos (atendimento ao público e serviço de secretaria), duas colaboradoras dos serviços gerais e limpeza, uma cozinheira e uma auxiliar de cozinha, 10 Auxiliares de Ação Educativa, (uma para cada sala, à exceção do berçário, que tem duas), por fim, em regime de polivalência encontra-se uma Auxiliar de Ação Educativa (AAE), que apoia ambas as respostas educativas. (Projeto Educativo, 2019, p.8). Cada sala tem presente uma Educação e uma AAE, à exceção do Berçário que tem uma Educadora e duas AAE.

No que concerne às atividades curriculares do *Projeto Linguagem da Arte*, estas são diversas: a *Oficina “Chuva de Histórias” (Expressão oral)* - “Nesta oficina, as crianças ouvem e vêem a dramatização de histórias na Biblioteca da Organização Educativa.” (Nota de Campo 11 – Semana 1). A *Oficina “Arte nas Mãos” (Expressão plástica)* à terça-feira às 10:00 (uma vez por mês) - “Hoje foi dia da Oficina de “Arte nas mãos”, oficina que fui acompanhar as crianças, sozinha.” (Nota de Campo 6 – Semana

2). A *Oficina de Música* à segunda-feira às 11:20 - “Por volta das 11:00, saímos da sala e deslocámo-nos à sala arco-íris, para as crianças terem a “Oficina de Música”. (Nota de Campo 5 – Semana 1). A *Oficina de Educação Motora*, à sexta-feira às 11:20, “Após o reforço da manhã, as crianças saíram para o recreio para ter a *Oficina de “Expressão Motora”*. (Nota de Campo 15 – Semana 1). Por fim, a *Oficina “Entrelaç’Arte (Expressão dramática e dança criativa)*, à quinta-feira às 10:20 (de duas em duas semanas). Quanto às atividades extracurriculares, a Instituição proporciona *Jiu-jitsu*, à segunda-feira às 16:00, *Inglês* à terça-feira às 16:00 e *Hip-Hop*, à quarta-feira às 16:00.

Ao analisar o PE da Organização (2019), conclui-se que esta apresenta uma Estrutura Mecanicista (cf. Anexo C. Estrutura organizacional da instituição), pois apresenta um elevado grau de diferenciação horizontal, de formalização e centralização das decisões, relações hierárquicas rígidas e ênfase nas regras e procedimentos (Mintezberg, 1991, citado por Marques, 2021, p.6).

Durante o período de estágio, tive a possibilidade de observar a relação entre a Educadora e a AAE, existindo uma entreaajuda diária, comunicação diária e uma organização eficiente. Roldão (2007) defende que “trabalhar colaborativamente permite, pois, ensinar mais e melhor” (p.27), sendo que este exige um contributo por parte dos envolvidos. A comunicação diária que observei remetia para diversos assuntos, discussão de ideias para atividades a realizar, sendo realizada semanalmente, partilha informações acerca das crianças, aquando da ausência da Educadora ou da AAE, entre outros, garantindo assim um apoio mútuo constante. Para além disso, observei a cooperação entre salas. Na eventualidade de um dos adultos de referência estar em falta, a equipa educativa reorganiza-se de modo a poder prestar ajuda à docente que está sozinha.

Hoje foi um dia diferente pois apenas 8 crianças estavam presentes na sala e a Educadora não estava presente. Para além disso, a sala azul tinha apenas 13 crianças. Nesse sentido, a Educadora da sala azul e as auxiliares (sala verde e azul) decidiram juntar as duas salas, passando as crianças da sala verde para a sala azul. (Nota de Campo 13 – Semana 8).

As relações presentes são fundamentais para o bom funcionamento da mesma. Segundo Santos (2018), a “comunicação compõe o processo básico para a prática das

relações humanas, assim como para o desenvolvimento da personalidade individual e do perfil coletivo” (secção “Introdução”).

2.4. Ambiente Educativo

A organização do ambiente educativo é uma parte fundamental na prática profissional, pois leva a que o/a Educador/a “planeie intencionalmente essa organização e avalie o modo como contribui para a educação das crianças, introduzindo os ajustamentos e correções necessários” (Silva et. al, 2016, p.24). A organização do ambiente educativo divide-se em três pontos distintos: a organização do grupo, do espaço e do tempo.

Como já referi anteriormente (cf. subcapítulo Contexto socioeducativo, pp. 5-7 do presente documento), a Instituição dispõe de diversos espaços que são utilizados pelas crianças, como as salas, as casas de banho e refeitório, estão todos à altura das mesmas, tornando-se bastante acessíveis, pois é importante que o espaço educativo considere as crianças “como sujeitos capazes de produzirem novos conhecimentos e ser propício a explorações” (Souto et al., 2015, p.25439). O acesso ao espaço exterior é feito sempre que a meteorologia o permite, sendo dada a devida importância à utilização do espaço exterior sempre que possível “Após a “Oficina de música”, as crianças brincaram no recreio até à hora de almoço” (Nota de Campo 5 – Semana 1).

A organização do espaço é uma parte fundamental, no sentido em que, em que dá a conhecer “as intenções da educadora e da dinâmica do grupo, sendo indispensável que esta se interrogue sobre a sua função, finalidades e utilização, de modo a planear e fundamentar as razões dessa organização.” (Silva et. al, 2016, p.26). Aquando da organização do espaço, a educadora deve ter em conta as necessidades e preferências do grupo de crianças, pois este espaço é para o seu usufruto.

A Sala Verde, contexto onde realizei o estágio, é descrito pelo *site* da Instituição como tendo crianças

curiosas, enérgicas e ávidas de descobrir o mundo que as rodeia iniciam agora uma viagem individual e de grupo, onde a autonomia, a capacidade de escolha, a valorização da opinião, a procura de respostas às questões e

também a consciência dos afetos e da relação com o outro, serão os alicerces para a construção da viagem desafiadora que é crescer! (Site da Instituição, 2022, Secção “Pré-escolar – Sala Verde”).

No primeiro dia em que cheguei à sala de atividades, descrevi-a da seguinte forma:

A sala onde estou a estagiar é a sala verde; por essa razão, parte das paredes estão pintadas de verde. A sala é bastante ampla, sendo que as paredes estão bastante preenchidas com trabalhos realizados pelas crianças, calendário de aniversários, entre outras. Como a Organização Educativa segue o Movimento da Escola Moderna, a sala está dividida por áreas de forma evidente: área da dramatização, área das expressões plásticas, área do computador, área dos jogos, área do tapete, entre outras. Todas as salas têm uma casa de banho de apoio, onde as crianças fazem a sua higiene. (Nota de Campo 1 – Semana 1) (cf. Anexo D. Planta da Sala Verde).

No exterior da sala, existe um quadro para a exposição de trabalhos realizados pelas crianças, em dias especiais, como o Dia da Mãe, Dia do Pai, Dia da Criança, entre outros. Alguns brinquedos são colocados em cima da mesa de atividades, de modo que todas as camas das crianças consigam dormir.

Nas diversas zonas da sala existem funções e regras construídas pela Educadora e pela AAE. Quando as crianças não as cumprem a Educadora relembra-as. Para além disso, quando um novo jogo é colocado na sala, a Educadora explica ao grupo em que consiste e as regras associadas ao mesmo.

Ed. – Eu queria-vos mostrar dois jogos novos que o Pai Natal trouxe para a sala. Este jogo é como o tangram que vocês já conhecem só que tem uma pequena diferença é magnético. Um dos jogos é um tangram só de triângulos o outro é com formas geométricas diferentes. Temos de ter cuidado para não perder as peças e quando quiserem jogar estes jogos tem de ser em mesas diferentes para não misturar peças, sim? (Nota de Campo 2 – Semana 10).

A rotina é pedagógica quando é planeada de forma intencional e “porque é do conhecimento das crianças, que sabem o que podem fazer nos vários momentos e prever

a sua sucessão, tendo a liberdade de propor modificações” (Silva et al., 2016, p.27). Portugal (2011, citada por Mourinha, 2020), acerca do tema da rotina afirma que “os cuidados de rotina são momentos importantes oferecendo oportunidades únicas para interações [sic] diádicas, e para aprendizagens sensoriais, comunicacionais e atitudinais” (p.32). Para além disso, as crianças necessitam da existência da rotina para promover segurança às crianças e desenvolver a sua autonomia. (Bilória & Metzner, 2013, p.2). No que diz respeito à rotina da sala, a Educadora cria a “Agenda de atividades” (cf. Anexo E. Exemplo de um Planificação Mensal), no final de cada mês, assim como, a sua planificação semanal. No entanto, quando necessário, é possível ocorrerem alterações tendo em conta as necessidades das crianças, pois que

a rotina é compreendida como uma categoria pedagógica da Educação Infantil que opera como uma estrutura básica organizadora da vida cotidiana diária em certo tipo de espaço social, creches ou pré-escola. Devem fazer parte da rotina todas as atividades recorrentes ou reiterativas na vida cotidiana coletiva, mas nem por isso precisam ser repetitivas. (Barbosa, 2006, citado por Bilória & Metzner, 2013, p.5).

No que diz respeito à organização do grupo,

há diferentes fatores que influenciam o modo próprio de funcionamento de um grupo, tais como as características individuais das crianças que o compõem, o maior ou menor número de crianças de cada sexo, a diversidade de idades ou a dimensão do grupo (Silva et al., 2016, p.27).

Ao longo do estágio, realizei diversas atividades, tendo organizado o grupo de crianças, de maneiras distintas, de forma que atividade fosse significativa “nesta atividade participaram 6 crianças à vez (dos 13 participaram 10, um estava a faltar)” (Nota de Campo 13 – Semana 9). Para além disso, quando necessário, organizei as crianças de duas formas diferentes, ao longo de uma mesma atividade, como por exemplo: “Inicialmente, as crianças devem estar sentadas em semicírculo, no tapete. Para isso, 2/3 crianças à vez devem descolar-se à mesa das pinturas” (Planificação da Atividade “Retrato familiar”).

2.5. Crianças

O grupo de crianças com que realizei a minha prática teve duas alterações durante o tempo em que estive em estágio. No primeiro dia, a 17 de outubro, o grupo era composto por 21 crianças, onze meninas (uma delas, a MM., entrou na instituição no primeiro dia de estágio) e dez meninos, com idades compreendidas, no início do estágio, entre os 2 e os 4 anos (cf. Anexo F. Idade vs. género vs. percurso institucional). “O grupo é composto por 21 crianças, 10 meninos e 11 meninas: AD.; AP.; BP.; DS; EV.; FR.; FP.; GS.; JG.; JS.; LD.; MC.; MCR.; MM.; MF.; MS.; MG.; PM.; SN.; SV.; VA.” (Nota de Campo 2 – Semana 1). No entanto, “o EV. apenas vem à escola na quarta, quinta e sexta-feira e o SN. não vem à escola às segundas-feiras” (Nota de Campo 2 – Semana 1). Para além disso, no dia 9 de novembro, ocorreu uma mudança no grupo “Hoje chegou uma nova menina à sala, a VL., é russa, sendo que fala russo e inglês” (Nota de Campo 10 – Semana 4), passando assim o grupo a ser composto por 22 crianças, 10 meninos e 12 meninas. No final do estágio, o grupo era constituído por 22 crianças, 12 meninas e 10 meninos, com idades compreendidas entre 3 e os 5 anos (cf. Anexo F. Idade vs. género vs. percurso institucional). Silva et al. (2016) afirmam que “a existência de grupos com crianças de diferentes idades acentua a diversidade e enriquece as interações no grupo, proporcionando múltiplas ocasiões de aprendizagem entre crianças” (p.24).

As crianças do grupo são *curiosas, participativas e sociais*, sendo que se adaptaram bastante bem a todas as mudanças que ocorreram com a minha entrada, a da MM. e da VL. Algumas das crianças já tinham contactado com estagiárias em anos anteriores. Segundo Rubin et al. (2008), “experiences with peers constitute an important developmental context for children wherein they acquire a wide range of behaviors, skills, and attitudes that influence their adaptation during the life span” (p.3). A relação com o outro é essencial para o desenvolvimento da criança, pois segundo Vygotsky (1991, citado por Disério & Pereira, 2019) “as crianças se desenvolvem com o apoio dos seus pares, em interação e a partir do que recebem do meio social que as rodeia” (p.44). Pude observar que estas duas crianças dão muitos abraços uma à outra. Quando estes abraços acontecem, as reações por parte da MG. diferem: às vezes, ele abraça-a e ela afasta-o, outras vezes, ela abraça-o de volta e, mais raramente, a MG. que abraça o SV, quando isso ocorre, o SV. abraça-a sempre de volta.

Outro tipo de interação que pode ocorrer entre as crianças é o conflito, sendo que este é “uma das bases relacionais pelas quais o dinamismo e a criatividade se desenvolvem e importa não o diabolizar como fenómeno a controlar e evitar” (Sobral & Caetano, 2021, secção “Resumo”). Nesse sentido, o conflito não deve ser visto como uma situação que se deve ser extinto, mas sim, como um momento “de crescimento, aprendizagem, enriquecimento mútuo, transformação e desenvolvimento” (Sobral & Caetano, 2021, p.81). Desde o início do estágio que me deparei com a existência de conflitos entre as crianças, sendo que a maioria dos mesmos remetia para o facto de duas ou mais crianças quererem brincar com o mesmo brinquedo ou jogo, e, por isso, começarem a disputá-lo. Por exemplo, quando duas crianças querem jogar/brincar com o mesmo objeto/jogo, por vezes, as mesmas conseguem entender-se sozinhas e decidir que podem jogar ao mesmo tempo, ou que uma criança espera que a outra termine, e joga a seguir. No entanto, por vezes, é necessária a intervenção de um adulto da sala, pois as crianças não se conseguem entender e o/a educador/a deve tornar-se o/a mediador/a, de modo que as crianças cheguem a um consenso.

Segundo Albuquerque e Aquino (2021), pesquisas feitas por Alexandrino e Braz Aquino (2018) e Oliveira, Braz Aquino e Salomão, afirmam que os educadores têm uma importância significativa nas interações entre o/a educador/a e as crianças, fomentando o desenvolvimento da cognição social e um trabalho pedagógico que promova o desenvolvimento global.

No que diz respeito à autonomia das crianças, este domínio é fundamental no desenvolvimento das crianças. Oliveira e Siqueira (2004) defendem que a autonomia deriva “do grego “auto” (próprio) e “nomos” (lei, norma). Significa autogoverno, autodeterminação da pessoa para assumir decisões sobre sua própria vida, higidez psicofísica e social. Refere-se à capacidade de decidir sobre seu próprio destino” (p.58). Este conceito está intimamente relacionado com o conceito de autonomia. A autonomia permite às crianças que assumam um papel ativo na construção e aquisição das suas aprendizagens e conhecimento. No que concerne à alimentação, algumas crianças eram bastante autónomas, AD.; AP.; BP.; DS; EV.; FR.; GS.; JG.; LD.; MC.; MCR.; MS.; PM. e SV.; conseguem comer sozinhos, pedindo ajuda por vezes para terminar a sopa. A FP.; JS.; MM.; MF.; MG. (ainda usa babete para não se sujar); SN.;

VA. e VL ainda pedem ajuda regularmente para comer. No que diz respeito, ao momento da higiene a maioria das crianças já não depende do adulto, mas algumas ainda precisam de ajuda. A higiene oral que é feita após o almoço e todas as crianças a fazem autonomamente.

O momento da sesta ocorria entre as 12h40 e as 14h45; “o sono é uma necessidade biológica e vital, essencial ao crescimento, desenvolvimento e saúde da criança” (Maia & Pinto, 2008, p.9). A sesta é fulcral nas crianças desta idade, pois permite-lhes recuperar energias, sendo que estas são muito mais reduzidas que as de um adulto. No caso específico deste grupo, nem todas as crianças necessitavam de dormir. As que dormiam eram a AD.; BP.; DS.; EV.; JS.; MCR.; MG. e MM., a VL. nos primeiros dias pediu para dormir por estar cansada, mas já não o faz. As crianças de todas as salas de Jardim de Infância (JI) dormiam na mesma sala e não têm de ficar deitadas na cama até a sesta terminar (14h45); por isso, quando acordam, são levadas para a sala a que pertencem.

No que se refere aos gostos das crianças, estes eram diversos: explorar jogos, algo que era feito com frequência: “Quando entrei na sala, as crianças estavam em atividades livres, algumas estavam sentadas nas mesas, outras estavam a jogar jogos ou a fazer puzzles” (Nota de Campo 3 – Semana 1). “De seguida, fui para uma mesa e quatro crianças exploraram o jogo, e depois outras quatro, por fim, realizei o jogo com o SN. No final todas as crianças disseram que tinham gostado do jogo, sendo que a VL. e MF. repetiram o jogo” (Nota de Campo 7 – Semana 7). Para além disso, gostam de desenhar com lápis e lápis de cera: “Quando entrei na sala, as crianças estavam em atividades livres, algumas estavam sentadas nas mesas, a fazer desenhos” (Nota de Campo 3 – Semana 1) e “Quando estavam todos presentes, a Educadora questionou a cada um o que queriam fazer. Estas foram as diversas respostas. MM. – “Desenho”; JG. – “Desenho”; MCR. – “Desenho”” (Nota de Campo 11 – Semana 4). As crianças, na sua maioria, também gostavam muito de pintar: “Após o reforço da manhã, algumas crianças (MS.; MF.; FP.; JG.; DS.; MG.; LD.; MCR.; MM. e BP.) puderam realizar uma pintura de *Halloween*. Poderiam pintar bruxas, abóboras, gatos pretos, fantasmas, monstros, etc...” (Nota de Campo 9 – Semana 2). “Hoje, após a reunião, foi realizada pelas crianças a pintura do papel cenário que será colocado no placar” (Nota de Campo 6 – Semana 6). De um modo,

geral, o grupo de crianças aderiu muito bem às atividades propostas, quer por mim, quer pela Educadora Cooperante.

2.6. Famílias

Segundo Toren (2013), “Parents’ educational involvement has been defined in a number of ways but has consistently been shown to positively affect children’s achievement, regardless of its form.” (p.635). Silva et al. afirmam também que “os pais/famílias e o estabelecimento de educação são dois contextos sociais que contribuem para a educação da mesma criança; importa, por isso, que haja uma relação entre estes dois sistemas” (p.28).

No que diz respeito ao envolvimento da família, ao longo de todo o estágio, foi possível observar a importância que a Educadora Cooperante dá à família. Aquando do envio do *email* mensal acerca da “Agenda de Atividades” (cf. Anexo E. Exemplo de um Planificação Mensal), a docente partilha com os pais que foi iniciado o “**Projeto do Mar e dos Animais Marinhos**”, questionando-os se pretendiam ajudar no projeto trazendo imagens, livros ou outros materiais, ou se queriam vir à sala. Uma das crianças construiu com a mãe uma alforreca para o Projeto: “hoje, a MC. trouxe uma alforreca para colocar no placar do Projeto do mar. A MC. construiu em casa com a mãe, utilizando materiais/decorações que sobraram da sua festa de aniversário” (Nota de Campo 2 – Semana 9). Para além disso, no dia a dia, os pais vêm deixar as crianças à sala e a educadora mostra-se sempre disponível para os acolher.

Aquando da leitura do PE (2019) acerca desta dimensão, a Instituição defende: “encontrámos sete valores basilares (criatividade, felicidade, relações familiares, proteção, iniciativa, comunicação e respeito) que dão corpo à Missão que nos propomos cumprir.” (p.7). Para além disso, de modo a cumprir a sua missão, a Instituição fomenta uma “cooperação, proximidade e vinculação com as famílias, desenvolvendo e centrando a ação pedagógica numa rede democrática e de respeito, de participação e colaboração num movimento dialético equilibrado entre o sucesso educativo e a felicidade integral da criança” (Projeto Educativo, 2019, p.7). No sentido de promover a relação com as famílias, a Instituição criou os seus “objetivos operacionais gerais para os próximos 4

anos”, sendo que criou para as famílias um conjunto de objetivos específicos que se encontram em anexo (cf. Anexo G. Conjunto de objetivos específicos para as famílias).

Durante o estágio, fui contactando regularmente com as famílias das crianças da sala de atividades da PPS II, ao estar presente no momento do acolhimento. No dia 11 de novembro, realizou-se a “*Feira de Outono*”, uma forma de fomentar a relação escola-família, pois permitiu que a comunidade escolar se reunisse na Organização de modo a celebrar o *Dia de São Martinho*. Durante este convívio, as famílias puderam comer, conviver umas com as outras, conhecer as famílias de crianças novas, assim como conversar com a Educadora. Com efeito, “a feira correu muito bem, houve uma grande adesão por parte dos pais. Todas as famílias das crianças que estiveram presentes hoje foram à feira” (Nota de Campo 13 – Semana 4).

No que diz respeito à informação relativa às famílias da *Sala Verde*, foi possível recolher alguma informação, especificamente a idade, a profissão e habilitações académicas (cf. Anexo H. Situação profissional do Pai e da Mãe vs. nível de escolaridade). Ao analisar a tabela, é possível constatar que os pais têm habilitações literárias diversas: um tem o 9.º ano, 10 têm o ensino secundário, 18 têm uma Licenciatura, dois têm uma Pós-Graduação, seis têm Mestrado, quatro não obtive informação e um tem um Doutoramento. No que concerne às profissões, as mesmas são diversas áreas (ex.: área da tecnologia, área financeira, área de recursos humanos).

O próximo capítulo aborda as minhas intenções e objetivos que defini ao longo do estágio, assim como a avaliação para cada um deles, concluindo assim os que foram concretizados e quais necessitavam de ser mais trabalhados. Par além disso, retrata as atividades que planifiquei ao longo da prática e avaliação acerca da sua dinamização.

3. ANÁLISE REFLEXIVA DA INTERVENÇÃO
EM JARDIM DE INFÂNCIA

| | ' ' | | ' '

3.1. Intenções para a Ação e Objetivos

Um aspeto fundamental que devemos ter em conta aquando da nossa intervenção são as intenções educativas, tanto para com as crianças, como para com a equipa educativa e as famílias do grupo de crianças. Coelho (2009) define o conceito de intencionalidade como expressão e formalização da natureza das suas funções, das finalidades e dos sentidos das suas práticas e dos modos como as organizam. Ao longo deste subcapítulo, irei apresentar as minhas intenções tendo em conta cada um dos envolvidos (crianças, equipa educativa e famílias), durante a minha intervenção, e de que modo as concretizei. É essencial referir que todo este processo teve em conta todas as questões éticas que lhe estão associadas. Silva et al. (2016) afirmam que “a intencionalidade do/a educador/a, que caracteriza a sua intervenção profissional, exige-lhe que reflita sobre as concepções e valores subjacentes às finalidades da sua prática: papel profissional, imagem de criança, o que valoriza no que as crianças sabem e fazem e no modo como aprendem” (p.13).

A PPS II teve lugar numa sala de Jardim de infância, algo que já tinha experienciado em estágios passados. Segundo Vasconcelos (2009),

a educação de infância (na sua aceção dos 0 aos 6 anos) a primeira etapa da educação básica, o investimento nesta etapa educativa não se pode fazer sem o ligar ao fortalecimento da educação básica – tendo como missão levar a que TODOS aprendam – e, como já atrás enunciámos, garantindo simultaneamente um atendimento de qualidade nos tempos não estritamente escolares ou “curriculares”, questão esta que também se aplica a outros níveis de escolaridade (p.159).

De acordo com Silva et al. (2016), existem quatro fundamentos e princípios educativos: “desenvolvimento e aprendizagem como vertentes indissociáveis”, “reconhecimento da criança como sujeito e agente do processo educativo”, “exigência de resposta a todas as crianças” e “construção articulada do saber” (p.12).

Relativamente às minhas intenções para com as crianças, pretendi **desenvolver uma relação afetiva com o grupo, proporcionando apoio e segurança**, pois acredito

que a afetividade é fundamental para o desenvolvimento da criança. Segundo Paniagua e Palacios (2007, citados por Rodrigues & Freire, 2017), a afetividade

é considerada um laço emocional importante que estabelecemos com as pessoas que consideramos mais significativas e indispensáveis para nós, pelo simples fato de sua presença nos trazer segurança e nos proporcionar satisfação, o que faz delas, nosso “porto seguro” já que recorremos a elas ao primeiro sinal de medo, fraqueza, fragilidade e nos momentos de aflição (p.14).

De modo a concretizar esta intenção, dei apoio às crianças sempre que foi necessário, sentei-me com elas no tapete e envolvi-me nas suas brincadeiras sempre que considere adequado e oportuno. Transmiti afeto e considero que, com o passar do tempo, me tornei, também, um adulto de referência da sala, em quem as crianças confiavam e recorriam quando necessitavam. De acordo com a *Carta de Princípios para uma Ética Profissional* (APEI, 2011), um dos papéis da educadora é “cuidar na relação educativa a gestão da “aproximação” e da “distância”, do respeito pela individualidade, sentimentos e potencialidades de cada criança” (p.1). Com o término do período de estágio, posso afirmar que fui bem-sucedida, experienciando diariamente esta relação afetiva com o grupo de crianças com as quais intervim, de formas distintas, devido às diferentes personalidades das crianças. Nesse sentido, “sentei-me a brincar com as crianças” (Nota de Campo 3 – Semana 1), cantei – “estivemos a cantar diversas canções de Natal” (Nota de Campo 3 – Semana 9), dancei – “cantámos a canção diversas vezes enquanto dançávamos” (Nota de Campo 12 – Semana 12) e dei-lhes carinho, reconfortando-as quando necessário: “durante a semana, foi prestado ao.... todo o apoio necessário para que se pudesse acalmar e parar de chorar” (Reflexão Semanal – Semana 2).

Outra intenção que delinee foi **dar voz à criança, valorizando os seus interesses nas atividades realizadas**. Esta intenção é fundamental, pelo facto a *Convenção dos Direitos da Criança* (1989) afirmar que a criança tem direito a ser escutada pelos adultos e expressar a sua opinião livremente relativamente a assuntos que lhe digam respeito, tornando-se, assim, “o principal agente da sua aprendizagem” (Silva et al., 2016, p.9). O

Direito Internacional das Crianças (2005, citado por James, 2007) – afirma que que “as vozes das próprias crianças devem ser proeminentes na exploração do que está a acontecer nas suas vidas – devemos abordar as crianças como sujeitos de conhecimento” (p.220). Durante o estágio, tive a oportunidade de realizar algumas atividades com as crianças, assim como um *Projeto acerca do Corpo Humano*, que surgiu devido a um interesse das crianças, tal como ilustra a seguinte nota de campo:

Hoje, durante o recreio, ocorreu um momento que deu origem ao Projeto que irei realizar com as crianças.

LD. – *O meu coração está a bater muito rápido.*

Eu – *Porquê?*

LD. – *Não sei.*

Eu – *E já pensaste porque é o coração bate?*

LD. – *Não!*

Eu – *E será que está sempre a bater?*

LD. – *Não sei.*

MC. – *O coração está sempre a bater e é por causa do sangue.*

Eu – *Será?*

MS. – *Não, não, o nosso coração só bate quando estamos felizes.*

Eu – *Vocês têm muitas teorias sobre o corpo humano...gostavam de saber o que temos debaixo da pele?*

MS., MC. E LD. – *Sim!*

Eu – *Então, eu vou falar com a Educadora para saber se podemos fazer um projeto sobre o corpo humano, sim?*

MS., MC. E LD. – *Sim!* (Nota de Campo 14 – Semana 4).

Durante a minha ação pedagógica, senti alguma dificuldade em realizar atividades com as crianças, pois que não pretendia fazer algo que não fosse do interesse das crianças. No entanto, com o desenrolar do estágio, fui conhecendo melhor as crianças, o que me levou a conseguir realizar atividades tendo em conta os seus interesses e envolvendo-as na planificação das mesmas.

Considerarei que deveria, também, **promover momentos de exploração livre por parte das crianças**, quer através da cedência de materiais, quer através da disponibilização dos vários espaços, pois a exploração livre contribui para que a criança seja a decisora das suas ações. Neste sentido, **valorizei o ato de brincar** que, segundo Rubin et. al. (2019), possui três funções essenciais ao desenvolvimento: i) criar um contexto para dominar a comunicação de significado; ii) oferecer oportunidades para que as crianças aprendam a controlar e a se comprometer e iii) permitir um contexto seguro fomentador da exploração). Pretendi, também, **promover aprendizagens significativas**, através da planificação e da realização de diferentes atividades que fomentassem o desenvolvimento das crianças a diversos níveis (físico, social, emocional, linguístico, entre outros). Segundo Cardona et. al. (2021), “planear é fundamental para prever e antecipar o que é mais importante realizar, para promover as aprendizagens das crianças” (p.76). Por essa razão, foi necessário criar um equilíbrio entre a exploração livre e a realização de atividades planificadas. Considero que ambas as intenções foram concretizadas: os momentos de exploração livres ocorreram diversas vezes, através da exploração dos livros, por exemplo, que acontecia regularmente:

Hoje, durante a hora de almoço, algumas crianças da sala laranja estavam na sala verde, e eu estava sentada numa mesa e, uma das crianças da outra sala veio ter comigo com um livro sobre os dinossauros e a época pré-histórica:

Eu – *Queres que veja o livro contigo?*

A criança abana a cabeça afirmativamente. Começámos a ver o livro e diversas crianças começaram a colocar-se à minha volta, para verem também o livro.

PM. – *Este é o livro que tem as mortes?*

Eu – *Mortes?*

PM. – *Sim.*

PM. – *Aqui* (aponta para um homem das cavernas a matar um coelho). *Porque é que ele está a fazer mal ao coelho?*

Eu – *Porque era assim que eles se alimentavam.*

MF. – *Porque é que eles estão despidos?*

Eu – *Porque eles estão na água?*

PM. – *O que é que eles estão a fazer aqui?*

Eu – *Estão a separar a carne da pele do animal.*

MF. – *Porquê?*

Eu – *Porque eles comiam a carne e, com a pele, faziam roupas como estas.*

Continuámos a exploração do livro e eu fui respondendo às questões que as crianças colocavam (Nota de Campo 10 – Semana 9).

Foram diversos os momentos de promoção de aprendizagens significativas, tendo realizado atividades de diversas *Áreas de Conteúdo*, do *Subdomínio da Música/Dança* (“Canção do Corpo Humano”), do *Subdomínio das Artes Visuais* (“Desenho do Corpo Humano”) e “Pintura do Papel de Cenário”) entre outras atividades. (cf. Anexo A. Portefólio da PPS II, em Anexos ao Relatório).

Uma outra intenção que delineei foi **promover a autonomia da criança**. Almeida (2019) afirma que “essa autonomia é construída, progressivamente, no seio da família e das instituições educativas a partir de uma relação de poder que controla a passagem de uma heteronomia para uma autonomia totalmente governada” (p.13). Como forma de concretizar esta intenção, incentivei sempre a participação da criança, antes de oferecer apoio. Creio que esta intenção foi concretizada, pois que promovi diariamente a autonomia das crianças nos diversos momentos da rotina, como por exemplo, durante a construção do cartaz sobre o coração,

Eu – Muito bem. MS., tu que és a mais crescida e já sabes escrever bem as letras. Queres escrever tu a resposta? Eu digo-te as letras e tu vais escrevendo?

MS. – *Sim.*

Eu – *Boa! Então vá.*

soletro a resposta e a MS. vai escrevendo

Eu – *Muito bem. Já está.*” (Nota de Campo 6 – Semana 10).

No que diz respeito, às intenções para com as famílias, pretendi **desenvolver uma relação comunicativa e de confiança**. Inicialmente, criei uma *Carta de Apresentação* (cf. Anexo I. Carta de Apresentação), de modo a apresentar-me às famílias. Com o passar do tempo, fui promovendo momentos de partilha, quando possível, acerca do dia a dia

das crianças, demonstrando-me envolvida na rotina das crianças, sendo que estes diálogos poderiam ocorrer no momento de chegada e ida das crianças. Segundo Homem (2002, citado por Costa, 2008), “constrói, desconstrói-se e reconstrói-se em espaços de diálogo, convergente e/ou divergente, partilhando preocupações educativas, individuais sim, mas também universais” (p.13). Para além disso, tencionava **envolver as famílias na investigação**, garantindo que estariam sempre a par do processo, tornando-os participantes na mesma. Mata e Pedro (2021) afirmam que

décadas de investigação, de avaliação de programas e de debate sobre os fatores de sucesso educativo têm permitido recolher evidências sobre a importância do papel que os pais podem desempenhar junto dos filhos, na construção de expectativas positivas sobre o percurso escolar, a médio e longo prazo (e.g., Albright & Weissberg, 2010; Epstein, 2011; Silva, 2009) (p.10).

Considero que consegui construir uma *boa* relação com as famílias, o que me permitiu conhecer melhor as crianças com as quais intervim.

Quanto às minhas intenções para com a equipa educativa, um dos meus objetivos foi **promover uma relação de confiança, assim como garantir a existência de um trabalho colaborativo**, demonstrando-me sempre disponível para o que fosse necessário. Pretendia que houvesse uma partilha de todo o trabalho desenvolvido durante a minha prática profissional supervisionada com a equipa de sala:

Na segunda-feira, tive uma conversa com a Educadora acerca do Projeto que estou a fazer com as crianças; conversámos sobre as atividades que irei realizar ao longo do mesmo e acerca da ordem das mesmas (por ser algo em que estava a sentir alguma dificuldade) (Reflexão Semanal – Semana 8).

Pretendia também uma **partilha de ideias acerca de possíveis atividades que se pudessem realizar com as crianças**. Roldão (2007) defende que “trabalhar colaborativamente permite, pois, ensinar mais e melhor” (p.27). De modo a estabelecer uma relação de confiança para com a equipa educativa de sala, demonstrei uma atitude de abertura às críticas e sugestões de melhoria por parte da equipa educativa, havendo um diálogo regular entre ambas as partes.

3.2. Planificação e Avaliação

Planificar consiste em prever, organizar, coordenar, podendo ser definida como “una actividad deliberada consistente en desarrollar un conjunto de posibles acciones adecuadamente articuladas para alcanzar un conjunto de metas” (González et al., 2003, p.208). Quando planificamos as atividades, estas devem ser feitas com antecedência, de modo que, se surgirem imprevistos, ser possível realizá-las ou terminá-las mais tarde. Ao longo do estágio, aquando da planificação de atividades, tive por base interesses e/ou necessidades do grupo. As atividades que fui planificando foram sempre partilhadas e discutidas com a Educadora Cooperante antecipadamente, de forma a fomentar a partilha de opiniões e reflexão acerca das possíveis atividades; estas foram realizadas durante a manhã, pois é quando as crianças estão mais predispostas a participar e pelo facto de eu não estar presente durante a tarde, dado o meu horário ser das 8 horas às 13 horas. Durante as atividades, senti que a minha maior dificuldade remeteu para a gestão de grupo, algo que fui melhorando com o desenrolar da prática pedagógica. Silva et. al. (2016) referem que “a existência de grupos com crianças de diferentes idades acentua a diversidade e enriquece as interações no grupo, proporcionando múltiplas ocasiões de aprendizagem entre crianças” (p.24). A maioria das atividades que dinamizei foram organizadas em grupos pequenos e, por isso, tive de garantir que as crianças não estavam a realizar a atividade, estavam a brincar ou a realizar outras tarefas do seu interesse. A realização do projeto *“Os ossos estão dentro do coração? – MCR.”*, que desenvolvi com as crianças foi fundamental na minha prática profissional; foi possível realizar atividades de diversas *Áreas de Conteúdo* e que surgiram dos interesses das crianças, desenvolvendo e fomentando aprendizagens de diversos domínios acerca de um mesmo tópico.

Ao fazer um balanço geral das atividades que planifiquei e realizei ao longo do estágio, julgo que, de uma forma geral, correram bem, visto que proporcionei novas atividades e experiências às crianças e que contribuíram para o seu desenvolvimento global.

Ainda no âmbito da PPS II, foi solicitada a elaboração de um portfólio de uma criança (cf. Anexo B. Portefólio da Criança, em Anexos ao Relatório). Como o desenvolver do portfólio, pude conhecer melhor o LD., sendo ele uma criança *alegre* e

sociável, não tendo por isso, dificuldades em estabelecer uma relação afetiva com a criança.

O capítulo seguinte remete para a investigação que realizei durante a PPS II acerca das *Artes Visuais*. Ao longo deste capítulo é abordado a forma como a investigação surgiu assim como os respectivos objetivos, de seguida, a revisão de literatura acerca do tópico e o roteiro metodológico e ético, por fim, a apresentação, discussão de resultados e conclusões.

4. INVESTIGAÇÃO EM JARDIM DE INFÂNCIA

| ' ' | | ' ' |

4.1. Identificação da problemática

De acordo com Gamze e Sakire (2018, citados por Bai et al., 2022), “artistic and aesthetic experiences in early years offer an atmosphere where children acquire an appreciation of beauty, express themselves, develop creativity and use imagination of themselves” (p.6).

Ao longo da PPS II, fui elaborando notas de campo e reflexões semanais acerca do que observava. Com o passar do tempo, identifiquei que havia um interesse particular em *Artes Visuais*, por parte das crianças e que as experienciavam diariamente:

Quando estavam todos presentes a Educadora questionou a cada um o que queriam fazer. Estas foram as diversas respostas.

VA. – “Puzzle”; FR. – “Jogo dos colares”; PM. – “Puzzle”; GS./AP – “Jogo das construções”; SN – “Retrato do pai”; MC. – “Jogo dos números”; MF./SV./MS. – Pintura do papel cenário com aguarelas; MM. – “Desenho”; LD. – “Jogo dos picos”; JG. – “Desenho”; MCR. – “Desenho” (Nota de Campo 11 – Semana 4).

Após este momento as crianças foram para atividades livres.

Eu – *O que queres fazer, MC.?*

MC. – *Eu queria fazer um desenho do corpo humano.*” (Nota de Campo 6 – Semana 5), entre outras.

Neste sentido, decidi falar com a Educadora Cooperante de modo a auscultar a sua opinião sobre o assunto, ao que a mesma respondeu que este tema era, de facto, algo do interesse do grupo. Após esta conversa, decidi investigar **“O contributo das Artes Visuais para o desenvolvimento das crianças: conceções das famílias e dos/as educadores/as de infância”**, uma vez que “early art and aesthetic experiences provide an environment in which children learn to appreciate beauty, to express themselves, to develop their creativity, and to use their imagination” (Gazme & Sakire, 2018, p.132). Para além disso, “adult intervention, adequate space and time are all necessary for children to perform qualified art and aesthetics activities” (Bruce, 1998, citado por Gazme & Sakire, 2018, p.132).

Uma outra razão para a escolha deste tema teve a ver com o facto de eu ainda não conhecer, de forma aprofundada, esta dimensão e, por isso, querer saber mais sobre o assunto.

Tomada a decisão acerca do que iria investigar, foi necessário definir os **objetivos do estudo**, sendo estes: **i) Analisar a relevância das Artes Visuais no Jardim de Infância; ii) Conhecer as conceções das famílias e dos/a educadores/as de infância sobre as Artes Visuais em Jardim de Infância e iii) Identificar o possível contributo das Artes Visuais para o desenvolvimento das crianças.**

Para dar resposta aos objetivos definidos, foi necessário realizar uma revisão de literatura sobre a temática, a qual será apresentada no próximo subcapítulo.

4.2. Revisão da literatura sobre a problemática identificada

Antes de mais, considerei fundamental identificar o que são as *Artes Visuais*. Aidar (s.d.), afirma que

as artes visuais são um conjunto de manifestações artísticas como: pintura, escultura, desenho, arquitetura, artesanato, fotografia, cinema, design, arte urbana, entre outros. O conceito de arte visual está relacionado ao ato de visualizar - “ver” – por isso, integra as artes em que a fruição, ou seja, a apreciação, acontece por meio da visão (p.1).

O *National Council for Curriculum and Assessment* (s.d.) defende que

Visual arts activities enable the student to communicate in a unique way and to organise [*sic*] experiences, ideas, feelings, and imaginings in a visible and tangible way. Through drawing, painting, constructing, and inventing, the student is enabled to assimilate, respond to, and make sense of, his/her experience of the world (Secção “Introduction”).

A *National Art Education Association* (2014) afirma que

Visual Arts include the traditional fine arts such as drawing, painting, printmaking, photography, and sculpture; media arts including film, graphic communications, animation, and emerging technologies; architectural,

environmental, and industrial arts such as urban, interior, product, and landscape design; folk arts; and works of art such as ceramics, fibers, jewelry, works in wood, paper, and other materials (Secção “Definition of Visual Arts”).

As manifestações artísticas que compõem as Artes Visuais diferem de autor para autor. No entanto, algumas, como o desenho e a pintura, são sempre mencionadas. As *Artes Visuais* têm diversas vantagens para o desenvolvimento das crianças, por diversas razões, sendo por isso, fundamental a sua presença no dia a dia das crianças. Segundo Michael (1982, citado por Bai et. al., 2022),

the goal of education is not the art itself, or the aesthetic product, or the aesthetic experience, but rather the child who grows up more creatively and sensitively and applies his experience in the arts to whatever life situations may be applicable (p.5).

Para Brooks (2009), McArdle (2003) e Vecchi, (2010, citados por Probine, 2018), the visual arts have been proven as a powerful domain through which [sic] young children can explore and represent their experiences, think through and deepen their working theories and develop their creative thinking (p.1).

Por sua vez, Barbosa (2010, citada por Martins & Mattos, 2021) argumenta que as *Artes Visuais* promovem uma experiência com o mundo empírico, com a cultura e a sociedade personalizada pelo processo de gerar significado. Essa importância da arte torna-a valiosa na educação. Em arte não há certo ou errado, mas sim o mais ou menos adequado, o mais ou menos significativo, o mais ou menos inventivo (p.2201).

Tal como foi referido pelos diversos autores, as *Artes Visuais* têm de facto um papel importante no desenvolvimento das crianças, estando por isso presente nas *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* como um dos subdomínios do domínio da Educação Artística.

Assim como os docentes, os pais também referem que as *Artes Visuais* têm uma importância para o desenvolvimento das crianças. Um estudo realizado por Bostan (2016) relevou que

the art and artistic education are appreciated by parents as necessary for the formation of kids' personality and development for a good and successfully life. The arts and artistic education are deemed necessary for the formation and development of students' personality throughout life.

O mesmo estudo apresenta as diversas razões dadas pelos pais, de modo a justificar a importância das *Artes Visuais*, tais como, um aumento na sua autoconfiança(66.04%), tornando-os melhor na escola; uma melhor socialização (59.24%), ajudou a fazer amigos, a compreender que o trabalho de equipa é útil e a ser mais relaxado; desenvolvimento de competências (57.58%), ajudou-o a aprender mais facilmente e a tornar-se mais criativo; autoconhecimento (54.06%) ajudou-o a conhecer-se melhor (Bostan, 2016).

Ao ler estes estudo e autores, podemos perceber que, de facto, as *Artes Visuais* têm uma importância crucial no desenvolvimento das crianças. Neste sentido, deve ser fomentada pelos/as educadores/as, estando presente na sua prática pedagógica. Segundo a Association of International Schools in Africa (2020),

All teachers should encourage students to draw on the skills they develop in art classes to express their ideas in visual form, such as by illustrating whole-language books, designing figures and illustrations to enhance their social studies or science presentations, and designing and decorating their classrooms and school environment (Secção “An Introduction”).

Silva et. al. (2016) apresentam diversas formas de como o/a educador/a pode promover as *Artes Visuais*, tais como: “organiza o ambiente educativo de forma a promover a exploração e conhecimento das artes visuais”; “dialoga com as crianças durante a realização dos seus trabalhos, procurando perceber as suas opções e ajudando-as e dando sugestões que as ajudem a concretizar e a melhorar o que pretendem fazer”; “usa naturalmente termos ligados às artes visuais, promovendo a sua utilização por parte das crianças” “promove a articulação de saberes das artes visuais com as diferentes áreas ou domínios como por exemplo através da exploração de elementos da comunicação visual” e “comenta com as crianças os seus trabalhos, envolvendo-as numa apreciação

global do que foi realizado, realçando a mobilização de elementos de comunicação visual” (p.51).

De acordo com a última dimensão - que aborda a dimensão do diálogo que pode surgir entre a criança e o adulto acerca do que realizou, esta é fundamental para as crianças aquando da realização de produções plásticas. Segundo *The Art of Education University* (2020), defende que, em vez de dizer “*O que é?*”, “*Que está bonito!*”, “*Que boa ideia!*”, “*Põe no frigorífico!*” e “*Adoro!*”, deve ser pedido para a criança falar do seu desenho (incentivando a criança a descrever os detalhes em vez de assumir o que é); devem ser feitos comentários específicos e incentivar a conversa através do questionamento: “*O que gostarias de fazer com a arte?*”, “*Como te sentes acerca do que fizeste?*”, entre outras questões). Estas conversas são fundamentais pois permitem conhecer melhor as crianças, recorrendo a uma forma comunicação distinta, por parte da criança.

4.3. Roteiro metodológico e ético

A metodologia de investigação é fundamental para a realização de uma investigação, pois “assume um papel instrumental ao serviço da investigação, na qual toda a questão técnica (...) sobre maneiras de fazer ciência e o questionamento dos limites e possibilidades que oferecem as diferentes opções metodológicas ao dispor do investigador.” (Alves et al., 2010, p.50), possibilitando que o/a investigador/a se mantenha organizado/a, delineando que modo que pretende estudar o problema em questão. Para além disso, permitirá a um/a futuro/a leitor/a entender de que forma se chegou àquelas conclusões, que métodos e técnicas foram utilizadas e porquê. Alves et al. (2010) referem ainda que, de um modo geral, a metodologia pode ser compreendida como sendo o *design* da investigação, sendo esta constituída por vários procedimentos de recolha e análise de dados, que permitem adicionar informação acerca do tema em questão, de modo a atingir os objetivos a que o/a investigador/a se propôs.

Para esta investigação, recorri a uma **abordagem qualitativa**; este tipo de análise tem características específicas, sendo utilizada na criação de deduções acerca de um acontecimento ou variável exata (Bardin, 1977). Considerando os objetivos do estudo, segui a **metodologia de Estudo de Caso**, pois este herda características da investigação

qualitativa (Meirinhos & Osório, 2010) e, como é referido por Dooley (2002, citado por Meirinhos & Osório, 2010),

Investigadores de várias disciplinas usam o método de investigação do estudo de caso para desenvolver teoria, para produzir nova teoria, para contestar ou desafiar teoria, para explicar uma situação, para estabelecer uma base de aplicação de soluções para situações, para explorar, ou para descrever um objecto [*sic*] ou fenómeno (p.52).

Yin (2009) afirma que “as a research method, the case study is used in many situations, to contribute to our own knowledge of individual, group, organizational, social, political and related phenomena” (p.4). O mesmo autor refere ainda que “in brief, the case study method allows investigators to retain the holistic and meaningful characteristics of real-life events – such as individual life cycles, small group behavior, organizational and managerial processes”. (p.4). Creswell (1998, citado por Coutinho, 2022) define que “o estudo de caso é uma exploração de um “sistema limitado”, no tempo e em profundidade, através de uma recolha de dados de profunda envolvendo fontes múltiplas de informação ricas no contexto” (p.335).

Em relação às **técnicas de recolha de dados**, utilizei a **observação direta e participante**, na medida em que

o investigador assume um papel ativo e atua como mais um membro do grupo que observa; o objetivo, neste caso, é conseguir ter uma perspetiva de um insider do grupo, sem perder a credibilidade que assiste a um investigador social (Angrosino 2012, citado por Coutinho, 2022, p. 138).

Neste sentido, apoiei as crianças durante os momentos relacionados com as *Artes Visuais* assim como fomentei atividades deste *subdomínio*. Para além disso, recorri à **análise documental**, algo fundamental para a realização da investigação, pois, “a finalidade é sempre a mesma, a saber, esclarecer a especificidade e o campo de acção [*sic*] da análise de conteúdo [*sic*” (Bardin, 1977, p.45). Com a utilização desta técnica, é possível conferir credibilidade às informações dadas através das entrevistas e do inquérito por questionário e às conclusões retiradas com a realização do estudo. Realizei, também

uma entrevista semiestruturada à equipa educativa, nomeadamente às Educadoras do JI (Educadora Cooperante, A. e P.), à Educadora R. (responsável pela Oficina “Arte nas mãos”) e à Diretora da Instituição (cf. Anexo J. Guiões de entrevista) e apliquei um inquérito por questionário às famílias das crianças da PPS II (cf. Anexo K. Guião do inquérito por questionário às famílias), pelo facto de serem metodologias de recolha de dados que permitem o envolvimento dos participantes, podendo este contribuir de forma ativa e fazer parte da investigação (Reste, 2015).

De acordo com Carmo & Ferreira (2008), Coutinho (2011) e Gonçalves (2004, citado por Sá, et. al., 2021),

recorremos ao inquérito por questionário quando pretendemos inquirir um conjunto de indivíduos sobre uma determinada realidade ou fenómeno social, tendo em vista a caracterização de traços/elementos identificadores de uma população, com o objetivo de se proceder a inferências e a generalizações (p.17).

Segundo Hill (2014, citado por Batista et. al., 2021), o investigador pode construir um questionário de três tipos distintos, tendo em conta o tipo de questão que o compõem: questionário só com perguntas abertas, questionário só com perguntas fechadas e questionário misto. O questionário que elaborei é composto por perguntas de resposta aberta e fechada, pois é “útil quando o investigador pretende obter informação qualitativa que sirva, por exemplo, como complemento ou elemento indicador do contexto da informação quantitativa obtida” (Hill, 2014, citado por Sá et al., 2021, p.18).

No que se refere à utilização de **instrumentos de recolha de dados**, recorri a **registos fotográficos**, pois estes são uma mais-valia, aquando da descrição de um momento/situação, tornando-se um auxílio adicional. Antes de realizar os registos fotográficos, elaborei um consentimento informado para os pais assinarem (cf. Anexo L. Consentimento Informado). Quanto à natureza do guião de entrevista, esta é semiestruturada, pois

as questões derivam de um plano prévio, um guião onde se define e regista, numa ordem lógica para o entrevistador, o essencial do que se pretende obter,

embora, na interação se venha a dar uma grande liberdade de resposta ao entrevistado (Amado, 2014, p.208).

Para além disso, permite que a entrevista flua de uma maneira mais natural, podendo surgir informação pertinente sobre a qual não iríamos questionar. Elaborei **notas de campo** no sentido em que, quando “encaradas como ferramentas de trabalho, as notas de campo acabaram por revelar-se igualmente um óptimo [sic] “arquivo de ideias” (Burgess, 2001), e um ponto de apoio precioso da redacção [sic] do relatório final” (Queirós & Rodrigues, 2006, p.7).

No que concerne à técnica que utilizei para análise de dados, foi a **análise de conteúdo**, sendo que este conceito é definido por Krippendorff (1980, citado por Vala, 1986), como “uma técnica de investigação que permite fazer inferências, válidas e replicáveis, dos dados do seu contexto” (p.103), permitindo ao investigador ter acesso a momentos passados importantes, podendo estes vir a ser interpretados e analisados. Para além disso, como existem perguntas de resposta fechada no questionário, esses dados serão sujeitos a tratamento estatístico, especificamente, a contagem de frequências.

No decorrer de todo este processo – de recolha, tratamento e análise dos dados recolhidos no âmbito da investigação, elaborei **um roteiro ético**, sendo que este foi preenchido tendo em conta a minha prática no decorrer da investigação, relacionando-a com os princípios defendidos por Tomás (2011) e os princípios defendidos na *Carta de Princípios para uma Ética Profissional*, redigida pela APEI (2011) (cf. Anexo M. Roteiro Ético).

4.4. Apresentação e Discussão de Resultados

Após a realização das entrevistas às Educadoras do JI (Educadora Cooperante, A. e P.), à Educadora R. (responsável pela Oficina “Arte nas Mãos”) e à Diretora da Instituição, (cf. Anexo J. Guiões de entrevista), via *email*, a pedido das mesmas, procedi à transcrição de cada uma das entrevistas (cf. Anexo N. Transcrições das entrevistas às Educadoras). As entrevistas foram respondidas a 17 de janeiro, 24 de janeiro, 8 de janeiro, 10 de janeiro e 18 de janeiro de 2023, respetivamente. Seguiu-se a respetiva análise de conteúdo a partir de uma tabela categorial (cf. Anexo O1. Árvore categorial da entrevista

realizada às Educadoras e Diretora da Instituição). Para além disso, apliquei também um questionário *online* às famílias das 22 crianças do grupo da PPS II (cf. Anexo K. Guião do inquérito por questionário às famílias), tendo obtido 23 respostas. Posteriormente, elaborei uma tabela categorial para as respostas das perguntas abertas (cf. Anexo O2. Árvore categorial das respostas abertas do inquérito por questionário aplicados às famílias). Quanto às respostas de perguntas fechadas, analisei-as estatisticamente, através de contagem de frequências (cf. Anexo O3. Análise das respostas fechadas dos inquéritos por questionário aplicados às famílias). Por fim, recorri aos registos (notas de campo, reflexões diárias e semanais) que redigi ao longo da prática acerca do tema em estudo (cf. Anexo P. Notas de Campo acerca da investigação).

A caracterização dos participantes de uma investigação é fundamental, pois permite ao/a leitor/a conhecer o tipo de pessoas que participaram no estudo. Participaram no estudo todas as crianças – 22, da sala de atividades da PPS II. O grupo de crianças era constituído por 12 meninas e 10 meninos, com idades compreendidas entre os 3 e os 5 anos (cf. Anexo O3. Análise das respostas fechadas dos inquéritos por questionário aplicados às famílias).

No que respeita à equipa educativa da Sala Verde – a sala de atividades onde decorreu a PPS II, esta era constituída por uma Educadora de Infância, com um bacharelato realizado entre os anos 1984 a 1986 e uma licenciatura realizada na ESEI Maria Ulrich e exerce as funções de educadora de infância há mais de 33 anos, em Creche e em Pré-Escolar, estando presente na Instituição desde 1986 e tendo assumido a função da Direção Pedagógica por diversas vezes (cf. Anexo N1. Entrevista à Educadora Cooperante). No que se refere à Educadora A., a mesma formou-se em educação de infância pela Escola Superior de Educação Maria Ulrich e realizou o mestrado em Psicologia Educacional pelo ISPA. A docente é Educadora de Infância há 30 anos, estando presente na Instituição desde o início da sua carreira e assumiu as funções de Diretora Pedagógica de 2017 a 2021 (cf. Anexo N2. Entrevista A à Educadora A.). A Educadora P. tem uma licenciatura em Educação de Infância e exerce a sua atividade profissional desde setembro de 2006. Está há seis anos na organização (cf. Anexo N3. Entrevista à Educadora P.). A Educadora R. tem uma licenciatura em Educação de infância, uma pós-graduação em Livro Infantil e um mestrado em Ciências da Educação,

área de especialização em Desenvolvimento Curricular e Avaliação. É Educadora de Infância há 16 anos e está há seis anos na organização socioeducativa onde realizei a PPS II (cf. Anexo N4. Entrevista à Educadora R.).

A Diretora da organização socioeducativa é professora do 1.º ciclo, mestre em Ciências da Educação, na especialidade de supervisão pedagógica e encontra-se a frequentar o doutoramento em Ciências da Educação, na especialidade de supervisão pedagógica. Exerce a função de Diretora há sete anos. (cf. Anexo N5. Entrevista à Diretora).

No que se relaciona com as famílias das crianças da Sala Verde que responderam ao inquérito por questionário – 23, foram caracterizadas tendo em conta a idade, o género, as habilitações literárias e a profissão. Ao observar os dados verifica-se que, no que diz respeito à idade que 26,1% (6) têm entre os 30-35 anos, 43,4% (10) têm entre os 36-40 anos, 26,1% (6) têm entre os 41-46 anos e 4,3% (1) tem entre os 47-51 anos. Quanto ao género, 69,6% (16) são do género feminino e 30,4% (7) são do género masculino. Relativamente às habilitações literárias e profissão, 4,3% (1) tem o ensino básico, 52,2% (12) têm uma licenciatura e 34,8% (8) têm um mestrado e fazem parte do segmento profissional de “Representantes do Poder Legislativo e de Órgãos Executivos, Dirigentes, Diretores e Gestores Executivos”, e “Técnicos e Profissões de Nível Intermédio”, “Pessoal Administrativo”, “Trabalhadores Qualificados da Indústria, Construção e Artífices”, entre outros (cf. Anexo O3. Análise das respostas fechadas dos inquéritos por questionário aplicados às famílias).

Ao ter em consideração a revisão de literatura anteriormente realizada, especificamente no que se refere à importância das *Artes Visuais* para as crianças, a *Association of International Schools in Africa* (2020) afirma que “through the creative process students have the opportunity to investigate big ideas allowing for the development of innovative thinking skills and an opportunity for risk taking” (Secção “Create”). A mesma associação defende que a inspiração para estas produções pode surgir através da arte de outro, materiais, o ambiente que os rodeia, entre outros. Ao analisar os dados (das entrevistas e do inquérito por questionário), verifica-se que as Educadoras, a Diretora da organização socio educativa e as famílias das crianças consideram importante a abordagem das *Artes Visuais* no Jardim de Infância. A

Educadora Cooperante afirma: “vejo as artes visuais no J.I. como um conjunto de ferramentas cujo objetivo é o de permitir a expressão livre da criança” (Excerto da entrevista à Educadora Cooperante); a docente A. considera que “as artes visuais deverão ocupar um lugar central no cotidiano pedagógico. As artes visuais constituem uma das linguagens da arte, ou seja, uma das formas que as crianças têm de ler e compreender o mundo” (Excerto da entrevista à Educadora A.); a Educadora P. refere que “a abordagem das Artes Visuais é importante desde sempre, por ser uma forma de expressão e um impulso intrínseco da criança” (Excerto da entrevista à Educadora P.); a Educadora R. considera que “é imperativo "alimentar" a plasticidade do cérebro, sendo esta uma característica da faixa etária em questão assim como, proporcionar a experimentação, o envolvimento e a descoberta através das Artes” (Excerto da entrevista à Educadora R.). Para a Diretora da organização socioeducativa, “as linguagens artísticas são um meio extraordinário de enriquecer as competências de expressão e comunicação das crianças” (Excerto da entrevista à Diretora da organização socioeducativa).

Relativamente às perspectivas das famílias das crianças, aquelas também apresentam algumas razões para a importância da abordagem das *Artes Visuais*, tais como: “desenvolve a motricidade fina, bem como reflete o que sente ao nível psicológico” (Inquirido C), “é uma área de desenvolvimento tão importante como outras” (Inquirido Q), “ensinar a criança a expressar pensamentos e sentimentos. Contribui para o desenvolvimento da criança. Desenvolver a criatividade” (Inquirido L), e “acho importante a abordagem a todo o tipo de arte, permite-lhes explorar o mundo e prepará-los para um futuro aberto, com conhecimento e com a possibilidade de se sentirem livres para explorar e criar novas abordagens e novas formas de arte” (Inquirido J).

Segundo Santos e Costa (s.d.), “através da realização de atividades artísticas, a criança desenvolve sentimentos, auto-estima, capacidade de representar o simbólico, analisando, avaliando e fazendo interpretações, desenvolvendo habilidades específicas da área das artes” (Secção “A arte como ferramenta pedagógica”). No que diz respeito ao papel que as *Artes Visuais* têm para as crianças, a docente afirma que

a expressão livre das crianças é intrínseca e constitui um dos fatores imprescindíveis para um crescimento harmonioso e global da criança. A criatividade surge com a experimentação espontânea e o saber fazer

utilizando vários materiais, colocando nas suas produções cada vez mais intencionalidade (Excerto da entrevista à Educadora Cooperante).

A Educadora A. defende que “é uma forma de comunicação poderosa e simbólica que desvenda emoções e sentimentos que a criança não consegue transmitir com palavras. A arte visual é uma chave que permite entrar no universo consciente e inconsciente da criança” (Excerto da entrevista à Educadora A.). A docente P. refere que “através delas [as *Artes Visuais*], as crianças exploram e sentem o gosto de manusear diversos materiais, novos conhecimentos e infinitas possibilidades de criação. Considero que as artes visuais ajudam a criança a ver o mundo de outra forma, tornando-se mais sensíveis e criativas” (Excerto da entrevista à Educadora P.). A Educadora R. defende que as *Artes Visuais* “criam um leque variado de possibilidades, onde não se encontram estruturadas respostas corretas ou erradas”. (Excerto da entrevista à Educadora R.). A educador acrescenta ainda que as *Artes Visuais* permitem explorar “sem estar presente uma formatação ou formalização das aprendizagens, que por vezes é já tão frequente na educação pré-escolar, esta necessidade de escolarização” (Excerto da entrevista à Educadora R.). A Diretora considera que “as artes visuais têm um papel de alargamento e enriquecimento da representação simbólica, do sentido estético e do espírito crítico perante o mundo” (Excerto da entrevista à Diretora da organização socioeducativa).

De facto,

a arte é fundamental na formação das crianças, pois representa experiências individuais e para que a arte seja utilizada como uma ferramenta no desenvolvimento cognitivo, intelectual e emocional do aluno, o professor precisa ter sensibilidade e conhecimento de que a arte é extremamente necessária no cotidiano escolar, ciente do seu papel na relação com o desenvolvimento (Santos & Costa, s.d., Secção “A arte como ferramenta pedagógica”).

No que diz respeito à prática pedagógica das educadoras entrevistadas, todas referiram que as *Artes Visuais* estão presentes nas suas práticas pedagógicas (cf. Anexo O1. Árvore categorial da entrevista realizada às Educadoras e Diretora da Instituição), pois trata-se de um “instrumento de uma educação diferenciada, estão disponíveis para

utilização livre e criativa da criança. A educação estética, a sensibilidade face ao belo são partes fundamentais do currículo educativo” e que “como educadores, temos de ser o veículo para criar possibilidades e tornar o contacto com as artes possível.” (cf. Anexo O1. Árvore categorial da entrevista realizada às Educadoras e Diretora da Instituição).

Figura 1.

Silhueta construída e pintada pelas crianças



Figura 2.

Pintura do envelope com rolhas, através de estampagem



Para além das *Artes Visuais* estarem presentes no dia a dia das crianças, através de atividades planeadas ou por escolha das crianças, existe também um momento dedicado a este *subdomínio*: a **Oficina “Artes nas Mãos”**. Esta oficina faz parte um projeto intitulado de **“Linguagens da Arte”** - “este projeto é gratuito para todas as famílias e é constituído por 5 oficinas das mais variadas expressões artísticas” (cf. Anexo O1. Árvore categorial da entrevista realizada às Educadoras e Diretora da Instituição). Surgiu “da necessidade sentida pela equipa, de um espaço de exploração livre, dos materiais e técnicas plásticas, ampliando esta aprendizagem e exploração aos artistas e correntes artísticas de todo o mundo” (cf. Anexo O1. Árvore categorial da entrevista

realizada às Educadoras e Diretora da Instituição). A Educadora R. é a dinamizadora desta oficina ao que, quando questionada acerca da forma como organiza as atividades realizadas, a mesma afirma que

as atividades são organizadas mediante as necessidades e interesses dos grupos, existindo também, uma coerência com o Modelo Pedagógico do Movimento da Escola Moderna e com as linhas orientadoras do Projeto Educativo de Escola. Existe também uma vertente pessoal e profissional, que se prende com os valores e princípios que defendo e preconizo (Excerto da entrevista à educadora R.).

Esta oficina é realizada uma vez por mês e, durante o período de estágio, tive oportunidade de observar dois momentos distintos. No primeiro momento,

às 10:20, acompanhei metade do grupo para a *Oficina*. Durante esta oficina, a Educadora RO., leu uma história às crianças, “Pop ville” e, de seguida, as crianças puderam construir a sua cidade, recorrendo a diversos materiais. Às 11 horas, a outra metade do grupo veio e realizou a mesma atividade” (Nota de Campo 6 – Semana 2).

Figura 3.

Produção plástica construída na Oficina "Arte nas Mãos"



No segundo momento, as crianças fizeram uma produção plástica em grupos de quatro elementos, utilizando trapilhos e tintas de diversas, construindo o que quisessem. Assim como, na primeira oficina, esta foi realizada em dois momentos distintos:

Quando as crianças acabaram de pintar, questionei-as sobre o que tinham criado: SV. – Casa, bola e coração; MC. – Mesa e coração; FR. – Água de arco-íris; JG. – Roda, mota e carro; BP. – Cobra; JS. – Duas Cobras; AP. – Cobra e mar verde; LD. – Bola e arco-

íris. O segundo grupo é constituído por: VL., MM., PM., MF., VA., GS., AD., SN., FP. e MCR. Quando as crianças acabaram de pintar, questionei-as sobre o que tinham criado: GS. – Casa com cobras; VA. – Cobra voadora; FP. – Peixe-desejo; PM. – Harry Potter, cobra e sol; SV. – Cobras e peixe; AD. – Cobra; MCR. – Cobras; VL. – The sky; MM. – Cobra. (Nota de Campo 5 – Semana 13).

Figura 4.

Produções plásticas construídas na Oficina "Arte nas Mãos"



Segundo Silva et. al. (2016), “as Artes Visuais são formas de expressão artística que incluem a pintura, o desenho, a escultura, a arquitetura, a gravura, a fotografia e outras, que, sendo fundamentalmente captadas pela visão, podem envolver outros sentidos” (p.49). Com efeito, as *Artes Visuais* que estavam mais presentes no dia a dia eram os “desenhos, pinturas e aguarelas espontâneas com vários materiais e suportes, as colagens com múltiplos materiais naturais ou reciclados e a modelagem” (cf. Anexo O1. Árvore categorial da entrevista realizada às Educadoras e Diretora da Instituição), “desenho com lápis pastel, cera e as aguarelas. Explorámos diversas técnicas regularmente, mas não de uma forma diária como: assemblagem, carvão, pintura, monotípias, escultura...”, “tendo a desenvolver com mais regularidade a pintura, o desenho e a escultura.” e “atividades relacionadas com a expressão plástica e dramatização” (cf. Anexo O1. Árvore categorial da entrevista realizada às Educadoras e Diretora da Instituição). Durante o estágio, foi possível observar diversas atividades de *Artes Visuais*: “Após o conto da história, foi disponibilizado ao grupo material para a

atividade de pintura, sendo que poderiam bruxas, abóboras, gatos pretos, fantasmas, monstros, ou o que quisessem.” (Nota de Campo 9 – Semana 2).

Figura 5.

Crianças a realizarem a pintura de Halloween



E, “hoje, durante a pintura do envelope, as crianças estiveram a pintar as árvores para serem colocadas nas caixas da Feira de Natal. Para isso, as crianças fizeram as bolas de Natal com um cotonete” (Nota de Campo 11 – Semana 8), entre outras. Para além disso, durante o estágio, tive oportunidade de dinamizar diversas atividades de *Artes Visuais*. Esta primeira atividade surgiu durante o *projeto do Corpo Humano*, em que as crianças pintaram um papel de cenário:

Primeiramente, expliquei às crianças que iriam fazer pintura e que todas poderiam participar, mesmo que não fossem participantes do projeto. De seguida, questionei-as sobre as cores que queriam usar: verde, laranja e vermelho. Por fim, coloquei o papel de cenário no tapete da sala e fui chamando duas crianças à vez para que pintassem” (Nota de Campo 6 – Semana 6).

Figura 6.

Criança a pintar o papel de cenário



Outra atividade que dinamizei foi o “*Desenho do Corpo Humano*”, em que “as crianças desenharam o corpo humano e o que acham compõem o mesmo. Como modo de reintroduzir o Projeto, utilizei o livro que o VA. trouxe (a LD. trouxe o mesmo livro ontem) hoje acerca do Corpo Humano” (Nota de Campo 13 – Semana 9), entre outras.

Figura 7.

Desenho realizado pelo AP.



Figura 8.

Desenho realizado pelo FR.



Para além de ser fundamental proporcionar atividades do *domínio das Artes Visuais*, é também importante realizar estas atividades em casa. Ao analisar os dados relativos aos inquéritos por questionário aplicados às famílias das crianças da sala verde, é possível concluir que 95,7% (22) realizam *Artes Visuais* em casa e apenas 4,3% (1) não as realiza. Relativamente às crianças que realizam *Artes Visuais* em casa, 90,9% (20) pintam e desenhavam, 22,7% (5) fotografam, 4,5% (1) fazem escultura, 4,5% (1) fazem plasticina e 4,5% (1) constroem legos e pistas (cf. Anexo O3. Análise das respostas fechadas dos inquéritos por questionário aplicados às famílias). Ao longo do estágio, pude observar que, de facto, as crianças realizavam *Artes Visuais* em casa pois, muitas vezes, as crianças traziam essas produções plásticas para mostrar ao grupo, dar à Educadora ou a mim ou por fazer parte do Projeto que estava a ser realizado: “hoje, a MC. trouxe uma alforreca para colocar no placar do Projeto do mar. A MC. construiu em casa com a mãe, utilizando materiais/decorações que sobraram da sua festa de aniversário” (Nota de Campo 2 – Semana 9).

Figura 9.

Alforreca construída pela MC. e a sua mãe, em casa



Segundo Hall (2009, citado por Poneliénė & Širiakoviėnė, 2018), “most of the preschool-age children like drawing and they widely apply this, seeking various goals while playing or in other daily activities at home and the preschool education institution (p.134). Com efeito, a realização destes momentos/atividades fomenta nas crianças um gosto pelas artes e pelas suas produções plásticas, gosto esse confirmado pelas educadoras entrevistadas: “a área da expressão plástica é uma das mais apetecíveis pelas crianças, independentemente da sua idade” (cf. Anexo O1. Árvore categorial da entrevista realizada às Educadoras e Diretora da Instituição); “as crianças respondem sempre com

entusiasmo às propostas no âmbito artístico e, as artes visuais não constituem exceção” (cf. Anexo O1. Árvore categorial da entrevista realizada às Educadoras e Diretora da Instituição); “nestes momentos, é frequente observarmos que o nível de concentração, implicação e bem-estar das crianças aumenta” (cf. Anexo O1. Árvore categorial da entrevista realizada às Educadoras e Diretora da Instituição) e “acolhem as propostas com bastante entusiasmo e motivação” (cf. Anexo O1. Árvore categorial da entrevista realizada às Educadoras e Diretora da Instituição). Ao longo do estágio, fui podendo observar que, efetivamente, existia este “gosto” pelas *Artes Visuais*, tal como ilustra a seguinte nota de campo:

Quando regressaram à sala, as crianças foram à casa de banho, lavaram as mãos e sentaram-se no tapete. Quando estavam todas presentes, a Educadora questionou a cada uma o que queriam fazer: VA. – “*Puzzle*”; FR. – “*Jogo dos colares*”; PM. – “*Puzzle*”; GS./AP – “*Jogo das construções*”; SN – “*Retrato do pai*”; MC. – “*Jogo dos números*”; MF./SV./MS. – *Pintura do papel de cenário com aguarelas*; MM. – “*Desenho*”; LD. – “*Jogo dos picos*”; JG. – “*Desenho*”; MCR. – “*Desenho*” (Nota de Campo 11 – Semana 4).

Outro exemplo: “após este momento, as crianças foram para as atividades livres. Eu – *O que queres fazer, MC.?* MC. – *Eu queria fazer um desenho do corpo humano*” (Nota de Campo 6 – Semana 5). Através desta nota de campo, é possível constatar que, durante os momentos livres, diversas crianças decidiram realizaram algo relacionado com as *Artes Visuais*.

Após as crianças terminarem as suas produções plásticas, sentiam necessidade de as partilhar com as suas famílias ou com a Educadora Cooperante e de conversar sobre o que tinham realizado. Nestes momentos, o adulto deve apresentar um discurso adequado para com as crianças. De acordo com (Franks, 1979, citado por Schirmacher, 1986), a abordagem correta é “allow children to go about their artistic discoveries without you comparing, correcting or projecting yourself into their art.” (p.5), “shift from searching for representation in children’s art to a focus on the abstract design qualities to encourage the development of sthetic awareness and potencial” (Eisner, 1976, 1982, Dimondstein,

1974, Sparing & Sparling, 1973, Smith, 1983 e Kellog, 1979 e Wachowak, 1985, citado por Schirmacher, 1986, p.5) e “use reflective dialogue in talking with children about their art” Tauton, 1984, citado por Schirmacher, 1986, p.5). A Educadora Cooperante afirma que, durante estes momentos, as crianças demonstram diversos comportamentos:

Algumas crianças precisam de um reforço positivo no final de cada trabalho, tendo necessidade de mostrar o seu trabalho. Outras crianças estiveram tão embrenhadas na sua produção que basta um olhar do adulto ou um sorriso para haver uma comunicação positiva, sem existir a necessidade de perguntar sobre o seu desenho ou pintura. Outras crianças têm ainda a necessidade de contar longas histórias da sua produção realizada, aliando a criatividade plástica à criatividade da linguagem e do pensamento (Excerto da entrevista à Educadora Cooperante).

Por seu lado, a Educadora A. refere que fala sempre com as crianças após as produções plásticas estarem terminadas, de modo a, primeiramente, “tentar perceber qual a intencionalidade e depois para tentar desvendar o universo daquela criança: o que sente e quem é” (Excerto da entrevista à Educadora A.). A Educadora P. afirma que “existe sempre um momento diário, em grupo, para que as crianças possam partilhar o que realizaram, no entanto, não é de carácter obrigatório” (Excerto da entrevista à Educadora P.).

No que se refere às famílias das crianças, 91,4% (21) fala com o/a seu/sua educando/a acerca das suas produções (cf. Anexo O3. Análise das respostas fechadas dos inquéritos por questionário aplicados às famílias), sobre “o que desenhou ou o que representa” (cf. Anexo O2. Árvore categorial das respostas abertas do inquérito por questionário aplicados às famílias), “tentar perceber o que é, fazendo histórias para que imaginação seja fluída” (cf. Anexo O2. Árvore categorial das respostas abertas do inquérito por questionário aplicados às famílias), “o quê [sic] é q [sic] ilustrou, quem é q [sic] desenhou, as cores que usou, de que forma pintou e vamos sempre dando um "feedback" positivo” (cf. Anexo O2. Árvore categorial das respostas abertas do inquérito por questionário aplicados às famílias) e “para expressar em palavras o que desenhou e/ou

pintou. Para perceber os seus desenhos e o que os motivou” (cf. Anexo O2. Árvore categorial das respostas abertas do inquérito por questionário aplicados às famílias).

O próximo capítulo remete para a reflexão acerca da importância da PPS I e PPS II para a construção da minha profissionalidade como Educadora de Infância.

5. CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE
DOCENTE COMO EDUCADORA DE INFÂNCIA
EM CONTEXTO

| ' ' | | ' ' |

Com a chegada da última fase académica que me permitirá realizar a minha profissão de sonho, acredito que seja fundamental refletir acerca do meu percurso da PPS, de forma a poder descrever de que modo decorreu o processo de construção da minha profissionalidade. Este meu percurso teve *tristezas* e *alegrias*, altos e baixos e, apesar de ser o meu, não o realizei sozinha, pois recebi apoio de famílias, professores, amigos e profissionais de educação. Segundo Sarmiento (2009),

a identidade profissional corresponde a uma construção inter e intra pessoal, não sendo, por isso, um processo solitário: desenvolve-se em contextos, em interações, com trocas, aprendizagens e relações diversas da pessoa com e nos seus vários espaços de vida profissional, comunitário e familiar (p.48).

Durante o mestrado, realizei dois estágios em duas localidades e faixas etárias distintas. O primeiro foi realizado num Estabelecimento com fins lucrativos de Ensino Particular e Cooperativo na Freguesia do Lumiar, entre 14 de fevereiro e 17 de junho de 2022. O segundo decorreu numa Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), entre 17 de outubro de 2022 e 6 de fevereiro de 2023. Estas duas experiências distintas foram fundamentais para a minha profissionalidade, pois permitiram-me colocar em prática toda a teoria que tinha aprendido durante o mestrado, tendo em conta cada criança e as suas idades.

O primeiro estágio da PPS foi realizado numa Creche, numa sala com crianças com idades compreendidas entre o 1 ano e 1 ano e 10 meses (no final do estágio). Portugal (2000) afirma que “a procura de contextos de acolhimento destas crianças é um fenómeno crescente e a atenção dos especialistas incide cada vez mais sobre as variáveis contextuais que enformam a “experienciação” da creche” (Secção “Introdução). A realização do estágio foi fundamental para a minha formação enquanto futura educadora de infância, pois ainda não tinha qualquer experiência na valência dos 0 aos 3 anos. Como primeira experiência em Creche, aprendi bastante, tornando-me assim, uma melhor futura profissional de educação. No dia em que cheguei ao estágio, estava bastante *nervosa*, pois não conhecia todo o trabalho que é desenvolvido numa Creche. A Sala onde estagiei era considerada uma sala transitória. Nesse sentido, pude estar envolvida durante a adaptação de diversas crianças, tanto por transitarem do berçário, como por serem novas na Creche. Pude entender que, de facto, a transição não é um processo linear e depende de criança

para criança. Durante todo o estágio, aprendi como é a rotina das crianças na Creche e como todos os momentos são fomentadores de desenvolvimento das crianças.

O segundo estágio foi realizado numa IPPS; apesar de ter alguma experiência aquando da chegada ao estágio em contexto de JI; as experiências foram distintas, não só devido à localização, equipa educativa e crianças, mas também, porque entre os estágios, aprendi muito e desenvolvi-me enquanto futura educadora e enquanto pessoa. Com este segundo estágio, tive a oportunidade de aprender e observar a implementação de um modelo pedagógico: o *Movimento da Escola Moderna (MEM)*. Segundo o *site* do MEM (s.d.), este “propõe-se construir, através da ação dos professores que o integram, a formação democrática e o desenvolvimento sociomoral dos educandos com quem trabalham, assegurando a sua plena participação na gestão do currículo escolar” (Secção “Modelo Pedagógico do MEM”). Foi algo bastante enriquecedor pois permitiu-me observar e estar presente numa instituição onde é implementado um modelo pedagógico. Para além disso, com esta experiência, pude trabalhar e desenvolver a minha espontaneidade, algo fundamental para a prática profissional de uma educadora: “durante a reunião que tive com a minha Supervisora Institucional e a Educadora Cooperante, a educadora caracterizou-me como sendo uma pessoa *reservada, organizada, cumpridora e disponível*. No entanto, devia trabalhar a dimensão da minha pouca espontaneidade” (Reflexão Semanal – Semana 12).

Através de ambos os estágios, obtive diversas aprendizagens fundamentais, tais como a importância da relação pedagógica. De acordo com o *Early Learning Network* (2020),

evidence shows that young children’s positive interactions with teachers strengthen all aspects of their development, including language, cognition and social-emotional skills, regardless of their age, gender, race, ethnic, language and income level. However, the quality of children’s relationships with their teacher varies among individuals— even in the same classroom (Secção “Why does it matter?”).

Assim, desde o primeiro dia da PPS II, considerei essencial refletir acerca da minha relação com cada criança e se era necessário dedicar mais tempo a determinadas crianças: “sentei-me a brincar com as crianças” (Nota de Campo 3 – Semana 1).

Em ambos os estágios, consegui criar uma *boa* relação com todas as crianças de ambas as salas. Algo que também é fundamental é a relação e o trabalho entre a equipa educativa: “o trabalho colaborativo estrutura-se essencialmente como um processo de trabalho articulado e pensado em conjunto, que permite alcançar melhor os resultados visados” (Roldão, 2007, p.27). Durante estas experiências, observei as *boas* relações entre as equipas educativas, havendo um partilha constante de ideias para a realização de atividades com as crianças, mas também de entreaajuda constante, criando assim um *excelente* ambiente educativo para os grupos de crianças.

No que diz respeito ao ato de brincar, “play is linked to growth in memory, self-regulation, language, and symbol recognition” (Secção “Research on play”). Durante o estágio, era dada uma importância significativa a estes momentos: “após a “Oficina de música”, as crianças brincaram no recreio até à hora de almoço” (Nota de Campo 5 – Semana 1). Com o terminar do mestrado, consigo concluir que ambos os estágios tiveram um grande impacto na minha profissionalidade e levarei comigo todas as aprendizagens que tive para a minha prática futura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

| | ' ' | | ' '

A realização do estágio foi fundamental para a minha formação enquanto futura educadora de infância, pois permitiu ganhar mais experiência e conhecimento da valência de Jardim de Infância. Segundo Bianchi et al. (2005, citado por Bernardy & Paz, 2012), afirmam que “o Estágio Supervisionado é uma experiência em que o aluno mostra sua criatividade, independência e caráter. Essa etapa lhe proporciona uma oportunidade para perceber se a sua escolha profissional corresponde com sua aptidão técnica” (Secção “Introdução”). Para além disso, uma característica da Instituição é o facto da mesma ter um modelo pedagógico implementado: o Movimento da Escola Moderna. O facto da Organização ter um modelo implementado é algo que nunca tinha observado em estágio anteriores, o que me permitiu aprender mais acerca deste modelo e observar como é implementado no dia a dia das crianças. Segundo o *site* do MEM (s.d.), este “propõe-se construir, através da ação dos professores que o integram, a formação democrática e o desenvolvimento sociomoral dos educandos com quem trabalham, assegurando a sua plena participação na gestão do currículo escolar” (Secção “Modelo Pedagógico do MEM”).

No que concerne ao grupo de crianças, este é bastante heterogéneo, com idades compreendidas entre o 3 e os 5 anos (no final do estágio). Durante o estágio, o grupo sofreu duas alterações, inicialmente era composto por 21 crianças, onze meninas (uma delas, a MM., entrou na escola primeiro dia de estágio). No entanto, o EV. apenas vem à escola na quarta, quinta e sexta-feira e o SN. não vem à escola às segundas-feiras. Para além disso, no dia 9 de novembro, ocorreu uma mudança no grupo, a VL., uma menina russa com 3 anos, passando assim o grupo a ser composto por 22 crianças, 10 meninos e 12 meninas. No que diz respeito, à relação criada com equipa educativa, esta foi bastante positiva, de confiança e entreajuda, sendo que existia uma conversa constante acerca da minha prática e de que forma podia ser melhorada. Senti sempre uma disponibilidade por parte da Educadora e da Auxiliar, para responder a todas as dúvidas que eu pudesse ter e foi-me permitido intervir sempre que pretendia. Posso ainda referenciar que desde o primeiro dia fui muito bem recebida na Organização e toda a equipa docente se mostrou disponível a ajudar-me em tudo o que foi necessário.

Segundo Alarcão (2010),

essa reflexão é importante sobretudo para nós, os educadores já que temos uma responsabilidade acrescida na compreensão do presente e na preparação do futuro. Compete-nos interpretar na atualidade os sinais emergentes do porvir para o que estamos preparando as nossas crianças e os nossos jovens cuja formação a sociedade, em parte, quis confiar-nos (p.10).

A realização deste relatório permitiu-me realizar uma reflexão constante acerca da minha prática, questionando-me também acerca do que realizava. Para além disso, pude refletir acerca de diversos aspetos que são fulcrais para a prática das profissionais de educação (organização do espaço, importância literatura infantil, importância do brincar, entre outras). No último estágio, inicialmente, senti-me *retraída*, mesmo quando me era dado espaço para atuar livremente, sendo que esta atitude está relacionada com a minha falta de autoconfiança. No entanto, após a conversa que tive com Educadora e com a orientadora acerca da minha prestação e de que modo esta falta de espontaneidade estava a afetar a minha prática, decidi refletir acerca do que já tinha realizado com as crianças e de que modo podia melhorar a prática, tornando-me mais *ativa* na rotina. Para terminar, este estágio tornou-me uma melhor futura educadora, sendo que esta foi mais uma experiência bastante positiva que irei guardar. Sei que ainda tenho algumas fragilidades, mas com as futuras experiências que surgirão, sei que conseguirei ultrapassá-las.

A investigação é um processo privilegiado de construção do conhecimento. A investigação sobre a sua prática é, por consequência, um processo fundamental de construção do conhecimento sobre essa mesma prática e, portanto, uma actividade [*sic*] de grande valor para o desenvolvimento profissional dos professores que nela se envolvem activamente [*sic*] (Ponte, 2002, p.3).

Com a realização do estudo apresentado neste relatório, fui capaz de entender a importância da *Investigação em Educação* e o papel que possui. A metodologia é fundamental para a realização do de uma investigação, pois “a metodologia assume um papel instrumental ao serviço da investigação, na qual toda a questão técnica sobre

maneiras de fazer ciência e o questionamento dos limites e possibilidades que oferecem as diferentes opções metodológicas ao dispor do investigador.” (Alves et al., 2010, p.50), possibilitando que o investigador, se mantenha organizado, delineando que modo que pretende estudar o tópico em questão. Para além disso, permitirá a um futuro leitor entender de que forma se chegou àquelas conclusões, que métodos e técnicas foram utilizadas e porquê. Alves et al. (2010), referem ainda que, de um modo geral, a metodologia pode ser compreendida como sendo o *design* da investigação, sendo esta constituída por vários procedimentos de recolha e análise de dados, que permitem adicionar informação acerca do tópico em questão, de modo a atingir os objetivos a que o investigador se propôs.

Como referi ao longo do relatório, tive de realizar uma investigação durante o estágio; esta, para que seja bem-sucedida, pressupôs um conjunto de etapas que tive de cumprir: i) “Definição de problema”; ii) “Questão e/ou hipótese formulada”; iii) “Objetivos da investigação”; iv) “Revisão da literatura”; v) “Definição e fundamentação da metodologia”; vi) “Recolha de dados”; vii) “Análise de dados” e viii) “Conclusões” (Tomás, 2022). O desenvolver da investigação permitiu-me desenvolver a minha capacidade de análise reflexiva e crítica, colocando questões, hipóteses e teorias acerca de um tema à minha escolha. Para além disso, fortaleceu a minha autonomia e autoconfiança, enquanto futura educadora, assim como permitiu a construção de novos conhecimentos que serão utilizados na minha prática futura.

Com o terminar do estudo, concluo que consegui dar resposta a todos os objetivos que defini no início da investigação. Ao analisar os dados (das entrevistas e do questionário) concluí que as Educadoras, a Diretora e as famílias consideram essencial a abordagem das *Artes Visuais* no Jardim de Infância, dando diversas razões para o justificar. Devido à pertinência e relevância que têm, as *Artes Visuais* estão presentes na prática pedagógica das docentes, através de momentos livres, atividades guiadas e da *Oficina “Arte nas Mãos”*, realizada uma vez por mês. Para além disso, consegui concluir que, de facto, se verificou um gosto pelas *Artes Visuais* por parte das crianças e, nesse sentido, as crianças realizam *Artes Visuais* de forma autónoma - na Organização e em casa, tendo sido referido por 22 famílias que os/as seus/suas educandos/as realizam *Artes*

Visuais em casa. Por fim, o diálogo com as crianças acerca das produções plásticas, depois da criação das mesmas, é realizado tanto em casa como na Instituição.

Acredito que as *Artes Visuais* são, sem dúvida, essenciais para o desenvolvimento das crianças, pelo que devem ser valorizadas e potenciadas das mais diversas formas.

REFERÊNCIAS

| ' ' | | ' ' |

- Albuquerque, J. A. A. & Aquino, F. S. B. (2021). Interações educadora-bebê em creches: um estudo sobre concepções de educadoras infantis. *Psicologia USP*, 32, 1-10.
- Almeida, T. (2019). Psicologia do desenvolvimento e a delimitação de modos de ser criança. Devir-adulto, devir-sujeito e a educação de infância. In F. Lemos & M. L. Nascimento (Org.). *Biopolítica e Tanatopolítica: A Agonística dos Processos de Subjetivação Contemporâneos* (pp. 229-249). Editora CRV.
- Alves, M. G., Azevedo, N. R., Rosa, J. C., Gonçalves, T. N., Nascimento, A.T. B., Couceiro, M. L., Gomes, E. X., Neves, C., Vieira, R., & Guerreiro, A. B. (2010). *Investigar em educação desafios da construção de conhecimento e da formação de investigadores num campo multi-referenciado*. UIED.
- Amado, J. (2014). *Manual de investigação qualitativa em educação*. Imprensa da Universidade de Coimbra.
- APEI (2011). *Carta de Princípios para uma Ética Profissional*. APEI.
<http://apei.pt/associacao/carta-etica.pdf>
- Art of Education University (2020). *How to talk to kids about their art*. Consultado a xx de março de 2023 em <https://theartofeducation.edu/2020/04/how-to-talk-to-kids-about-their-art/>
- Association of International Schools in Africa (2020). *The Visual Arts*.
<https://aisa.or.ke/wp-content/uploads/resources/creative-arts/all-creative-arts/the-visual-arts-230820.pdf>
- Bai, L., Liu, Y., & Li, Z. (2022). *Developing Visual Art Education in Early Childhood Education*. [Dissertação de mestrado não publicada]. Laurea University of Applied Sciences.
- Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Edições 70.
- Batista, B. F., Rodrigues, D., Moreira, E., & Silva, F. (s.d.). Técnicas de recolha de dados em investigação: inquirir por questionário e/ou inquirir por entrevista? In *Reflexões em torno de Metodologias de Investigação: recolha de dados*. UA Editora.
https://ria.ua.pt/bitstream/10773/30772/3/Metodologias%20investigacao_Vol2_Digital.pdf

- Bernardy, K., & Paz, D. C. T. (2012). Importância do estágio supervisionado para a formação de professores. <https://www.unicruz.edu.br/seminario/downloads/anais/ccs/importancia%20do%20estagio%20supervisionado%20para%20a%20formacao%20de%20professores.pdf>
- Bilória, J. F., & Metzner, A. C. (2013). A importância da rotina na Educação Infantil. *Revista Fafibe On-Line*, VI (6), 1-7. [https:// www.unifafibe.com.br/](https://www.unifafibe.com.br/)
- Bostan, C-G. (2016). Parents' Perception Concerning Artistic Practices in Education. *Revista Romaneasca pentru Educatie Multidimensionala*, 8 (2), 89-96.
- Cardona, M. J., Silva, I. L., Marques, L., & Rodrigues, P. (2021). *Planear e avaliar na educação pré-escolar*. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE).
- Coelho, A. (2009). A internacionalização educativa em creche. *Revista Iberoamericana de Educación*, (49/5), 1-12.
- Costa, A. C. G. (2008). *Relação Família/Jardim-de-Infância e Creche*. Escola Superior de Educação de Coimbra. https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/23130/1/ANA_CATARINA_COSTA.pdf
- Coutinho, C. P. (2022). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Edições Almedina.
- Desidério, D., & Pereira, M. (2019). Interações com pares mais competentes e o seu potencial para o desenvolvimento: “os mais velhos não sabem, os pequenos ajudam”. In C. Pires, D. Lino, S. Pereira & T. Leite. *Atas do IV Encontro de Mestrados em Educação e Ensino da Escola Superior de Educação de Lisboa*. (41-51) Lisboa: CIED - Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais da Escola Superior de Educação de Lisboa. https://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/11830/1/Intera%c3%a7%c3%b5es%20com%20pares%20maiscompetentes%20e%20o%20seupotencial%20para%20odesenvolvimentolivro_atas_4eme.pdf
- Early Learning Network (2020). *Emerging theme: Teacher-child relationships*. <https://earlylearningnetwork.unl.edu/2019/05/20/teacher-child-relationships/>

- Gamze, B., & Sakire, O. (2018). Early Childhood Pre-service Teachers' Views about Visual Arts Education and Esthetics. *Eurasian Journal of Educational Research*, 73, 131-148.
- González, M. T., Cano, J. M. N., & Pruaño, A. P. (2003). Planificación y estrategia en los centros escolares. In J. L. Posadas (Ed.), *Organización y Gestión de Centros Escolares: Dimensiones y procesos* (pp.207-223). Pearson Educación.
<https://cafge.files.wordpress.com/2014/11/organizacion-y-gestion-de-centros-escolares-dimensiones-y-procesos.pdf>
- James, A. (2007). Giving voice to children's voices: practices and problems, pitfalls and potentials. *American Anthropologist* 109 (2), 261-272.
- Maia, I., & Pinto, F. (2008), Hábitos de Sono. *Revista do hospital de crianças Maria Pia*, XVII (1), 9-12.
- Marques, L. (2021). *Organizações e análise organizacional*. [Apresentação de PowerPoint].
- Martins, S. A., & Mattos, M. F. S. C. G. (2021). Experiências significativas em artes visuais na educação infantil. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, 16(3), 2199-2220. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8082318>
- Mata, L. e Pedro, I. (2021). *Participação e envolvimento das famílias: construção de parcerias em contextos de educação de infância*. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE).
<https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EInfancia/documentos/participfamilias.pdf>
- Meirinhos, M. & Osório, A. (2010). O estudo de caso como estratégia de investigação em educação. *Revista Portuguesa de Educação*, 2, 49-65.
- Mourinha, A. L. C. (2020). *A importância das rotinas para o desenvolvimento da autonomia da criança em contexto de Creche*. Escola Superior de Educação de Santarém. <https://repositorio.ipsantarem.pt/handle/10400.15/2817>
- Movimento da Escola Moderna (s.d.). *Movimento da Escola Moderna: Organização e gestão cooperada em conselho de cooperação educativa*.
<http://www.escolamoderna.pt/modelo-pedagogico/>

- National Art Education Association (2014). *National Visual Standards*.
<https://arteducators-prod.s3.amazonaws.com/documents/303/78f297ce-3438-40b5-ad16-f7c150586b2f.pdf?1451960678>
- National Council for Curriculum and Assessment (s.d.). *Visual Arts: Guidelines for Teachers of Students with Moderate General Learning Disabilities*.
https://www.sess.ie/sites/default/files/Resources/Cirricular_Material/P_Mod_VisualArts.pdf
- Oliveira, R.R. e Siqueira, J.E. (2004). Autonomia e Vulnerabilidade na Vida dos Adolescentes. *Revista da Faculdade Médicas Sorocaba*, 6(2), 57-61.
<https://revistas.pucsp.br/RFCMS/article/download/316/pdf>
- Organização (...). (2022). *Projeto Educativo 2019/2023*.
- Organização (...) (2022). *Site da creche*.
- Poneliénė, R. & Širiakovienė, A. (2018). Preschool-age children's education by art: problems and possibilities. *Problemy wczesnej edukacji*, 3(42), 134-143.
https://www.researchgate.net/publication/332440649_Preschool-age_children's_education_by_art_problems_and_possibilities
- Ponte, J. P. (2002). Investigar a nossa própria prática. In GTI (Org). *Refletir e investigar sobre a prática profissional* (pp. 5-28). APM.
<http://www.ipb.pt/~mjt/documdisciplinas/investigaranossa.pdf>
- Portugal, G. (2000). Educação de Bebés em Creche: Perspectivas de Formação Teóricas e Práticas. In *Grupo de Estudos para o Desenvolvimento da Educação de Infância*. *Revista do GEDEI*, (1), 85-106.
- Probine, S. (2018). The visual arts as a means to transmit and experience values. *International Art in Early Childhood Research Journal*, 1(1), 1-21.
https://www.artinearlychildhood.org/content/uploads/2022/03/ARTEC_2018_Research_Journal_1_Article_4_Probine.pdf
- Queirós, J. & Rodrigues, V. (2006). Não, não somos jornalistas: uma introdução à utilização do diário de campo e da fotografia na pesquisa sociológica. *IS Working Papers*, (14), 1-11. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/54402>
- Reste, C. D. (2015). O potencial da entrevista em contexto educativo: uma experiência investigativa. *Educação em Revista*, 31(4), 223-248.

<https://www.scielo.br/j/edur/a/5SVJbTD9ysMTPJWC8MtzgGh/?format=pdf&lang=pt>

Rodrigues, M. F., & Freire, R. B. (Janeiro/Junho 2017). A importância da afetividade na Creche. *Revista Mosaico*, 8(1), 11-16.

<http://editora.universidadevassouras.edu.br/index.php/RM/article/view/924/pdf>

Roldão, M. C. (2007). Colaborar é preciso: Questões de qualidade e eficácia no trabalho dos professores. *Noesis*, 71, 24-29.

https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/CDIE/RNoesis/noesis_miolo71.pdf

Rubin, K.H., Bukowski, W., Parker, J., & Bowker, J.C. (2008). Peer interactions, relationships, and groups. In Damon, W. & Lerner, R. (Eds.), *Developmental Psychology: An Advanced Course*. Wiley.

https://www.researchgate.net/publication/242408974_Peer_Interactions_Relationships_and_Groups

Rubin, K., Bukowski, W., & Parker, J. (2019). Peer Interactions, Relationships, and Groups. In W. Bukowski, B. Laursen & K. Rubin (Eds), *Handbook of Peer Interactions, Relationships, and Groups* (pp.571-592). Guilford Press.

Sá, P., Costa, A. P., Moreira, A., Alves, A. T. A. R. B. A. A., Nascimento, A., Ulhôa, A., Batista, B., Capela, C., Venturine, C., Rodrigues, D., Moreira, E., Silva, F., Ribeiro, E., Demba, J., Lapa, L. D. P., Mota, M., & Silva, P. C. B. (2021). *Reflexões em torno de Metodologias de Investigação: recolha de dados (Vol. 2)*. Universidade de Aveiro. <https://doi.org/10.34624/ka02-fq42>

Santos, M. A. A., & Costa, Z. (s.d.) *A arte na educação infantil: sua contribuição para o desenvolvimento*. [https://www.feevale.br/Comum/midias/325d6200-a6f7-420b-8192-](https://www.feevale.br/Comum/midias/325d6200-a6f7-420b-8192-7f3fade7ee4d/A%20arte%20na%20educa%C3%A7%C3%A3o%20infantil%20sua%20contribui%C3%A7%C3%A3o%20para%20o%20desenvolvimento.pdf)

[7f3fade7ee4d/A%20arte%20na%20educa%C3%A7%C3%A3o%20infantil%20sua%20contribui%C3%A7%C3%A3o%20para%20o%20desenvolvimento.pdf](https://www.feevale.br/Comum/midias/325d6200-a6f7-420b-8192-7f3fade7ee4d/A%20arte%20na%20educa%C3%A7%C3%A3o%20infantil%20sua%20contribui%C3%A7%C3%A3o%20para%20o%20desenvolvimento.pdf)

Santos, R. O. (2018). A importância da comunicação no processo de liderança. *Revista de Administração em Saúde*, 18(72). <http://dx.doi.org/10.23973/ras.72.128>

Sarmento, T. (2009). As identidades profissionais em educação de infância. *Locus Soci@l*, (2), 46-64. <https://doi.org/10.34632/locussocial.2009.10152>

- Schirmacher, R. (1986). Talking with Young Children about Their Art. *Young Children*, 41, 3-7. https://zebrart.it/wp-content/uploads/2020/03/Schirmacher_Talking_with_Young_Children.pdf
- Silva, I. L. (Coord.), Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Ministério da Educação, Direção Geral da Educação.
- Sobral, C., & Caetano, A. P. (2021). O conflito no jardim de infância como oportunidade de desenvolver uma cultura de mediação e de paz. *J² - Jornal Jurídico*, 4(1), 77–96. <https://revistas.ponteditora.org/index.php/j2/article/view/319>
- Souto, D. L., Gil, G. F., & Saito, H. T. I. (2015). A organização do espaço na educação infantil: algumas reflexões. *XII Congresso Nacional de Educação*. <https://docplayer.com.br/42662677-A-organizacao-do-espaco-na-educacao-infantil-algumas-reflexoes.html>
- Sussman, K. S. (2012). The importance of play in the preschool classroom. *Texas Child Care*, 36(3). https://www.childcarequarterly.com/pdf/winter12_play.pdf
- Tomás, C. (2011). Princípios éticos e deontológicos no trabalho de investigação com crianças. In Edições Afrontamento (Ed.). *Há muitos mundos no mundo: Cosmopolitismo, participação e direitos da criança* (pp. 160-167). Afrontamento.
- Tomás, C. (2022). *Procedimentos de Investigação*. [Apresentação de PowerPoint].
- Toren, N. K. (2013). Multiple dimensions of parental involvement and its links to young adolescent self-evaluation and academic achievement. *Psychology in the Schools*, 50(6). https://www.researchgate.net/publication/264489767_Multiple_dimensions_of_parental_involvement_and_its_links_to_young_adolescent_self-evaluation_and_academic_achievement
- UNICEF (1989). *Convenção Internacional dos Direitos da Criança*. Comité português para a UNICEF. https://www.unicef.pt/media/2766/unicef_convenc-a-o_dos_direitos_da_crianca.pdf

- Vasconcelos, T. (2009). Educação de Infância e Promoção da Coesão Social. *Educação das crianças dos 0 aos 12 anos*. Conselho Nacional de Educação.
- Vala, J. (1986). A análise de conteúdo. In A. Santos Silva & J. Madureira Pinto (eds.) *Metodologia das ciências sociais*. Edições Afrontamento.
- Yin, R. K. (2009). *Case Study Research: Designs and Methods*. Sage Publications.
https://books.google.pt/books?id=FzawIAdilHkC&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_vpt_read#v=onepage&q&f=false

ANEXOS

| ' ' | | ' |

ANEXO A.
Portfólio da PPS II (cf. Anexos ao
Relatório)
| ' ' | | ' ' |

ANEXO B.

Portfólio da criança (cf. Anexos ao
Relatório)

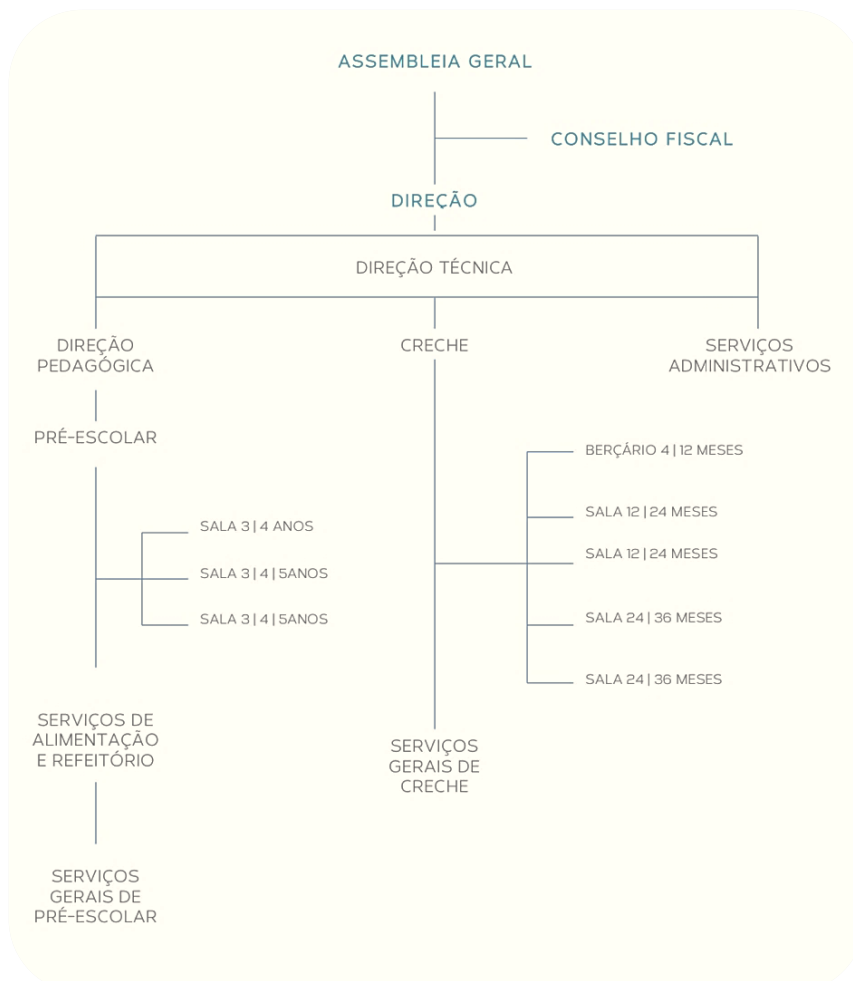
| | ' ' | | ' ' |

ANEXO C.
Estrutura organizacional da
instituição

| | ' ' | | ' ' |

Figura C1.

Organização estrutural da instituição

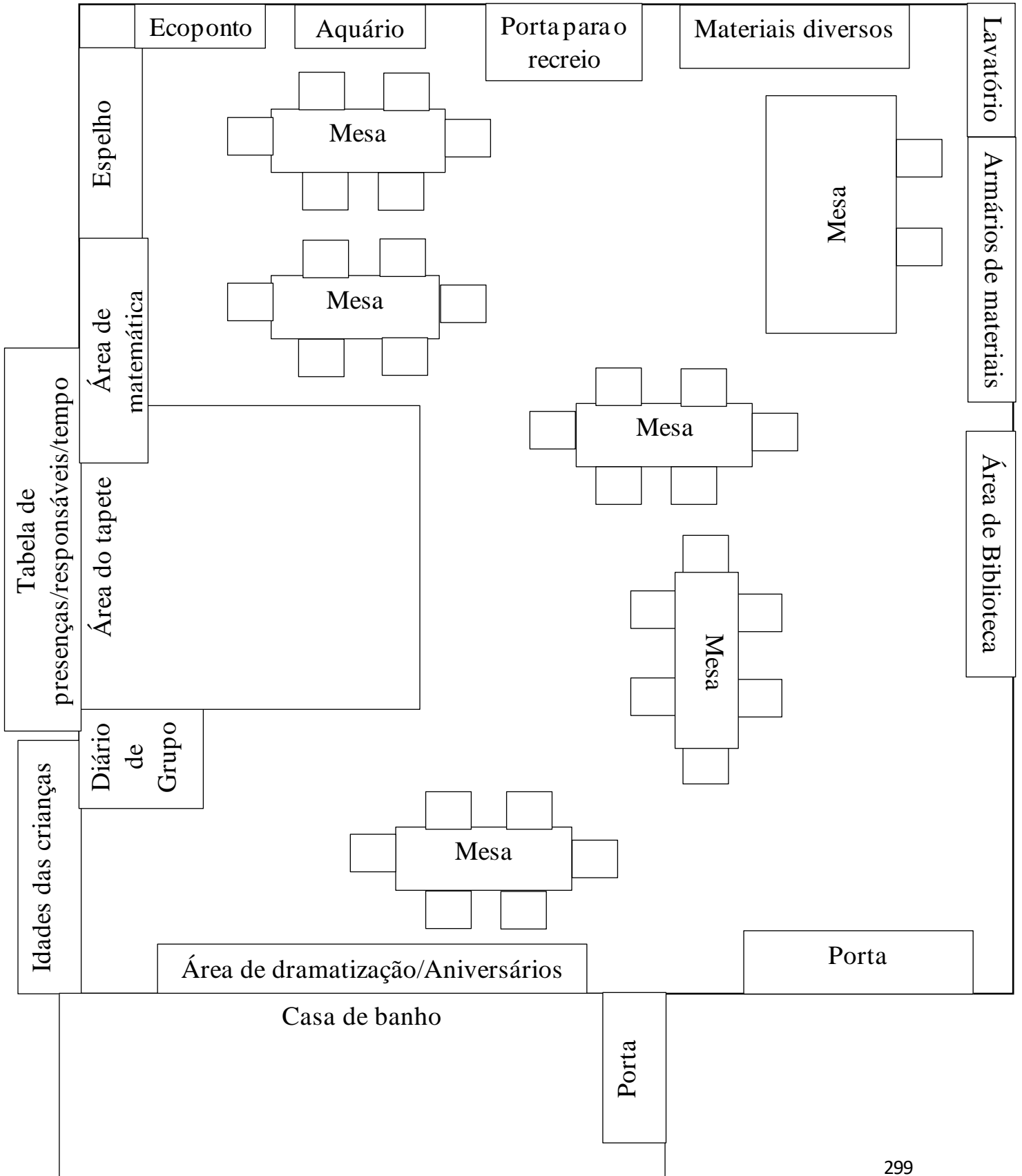


Nota. Retirado do *site* da organização socioeducativa da PPS II.

ANEXO D.
Planta da Sala Verde
| ' ' | | ' ' |

Figura D1.

Planta da Sala Verde



ANEXO E.

Exemplo de um Planificação Mensal

| ' ' | | ' ' |

Figura E1.

Agenda de Atividade de janeiro

<p style="text-align: center;">AGENDA DE ATIVIDADES JANEIRO SALA VERDE</p>				
2-segunda	3-terça	4-quarta	5-quinta	6-sexta
PLA-Música 11:20/ 12:00 Jiujiitsu	Inglês-4 e 5 anos	DINÂMICA COM BIÓLOGA MARINHA+ APRESENTAÇÃO DO LIVRO "Dinis , um polvo Feliz" + oficina Inglês-3 anos Biblioteca (16:30/19:00)	Hip-Hop	DIA DE REIS PLA-Expressão Motora 11:20/12:00
9-segunda PLA-Música 11:20/ 12:00 Jiujiitsu	10-terça Inglês-4 e 5 anos	11-quarta PLA-Chuva de Histórias 9:30/10:15 Inglês-3 anos Biblioteca (16:30/19:00)	12-quinta PLA-Entrelaç`Arte 10:20/11:15 Hip-Hop	13-sexta PLA-Expressão Motora 11:20/12:00
16-segunda PLA-Música 11:20/ 12:00 Jiujiitsu	17-terça Inglês-4 e 5 anos	18-quarta Inglês-3 anos Biblioteca (16:30/19:00)	19-quinta Hip-Hop	20-sexta PLA-Expressão Motora 11:20/12:00
23-segunda PLA-Música 11:20/ 12:00 Jiujiitsu	24-terça PLA-Arte nas Mãos 10:00/11:45 Inglês-4 e 5 anos	25-quarta PLA-Chuva de Histórias 9:30/10:15 Inglês-3 anos Biblioteca (16:30/19:00)	26-quinta PLA-Entrelaç`Arte 10:20/11:15 REUNIÃO DE PAIS 17:30H Hip-Hop	27-sexta PLA-Expressão Motora 11:20/12:00
30-segunda PLA-Música 11:20/ 12:00 Jiujiitsu	31-terça PLA-Arte nas Mãos 10:00/11:45 Inglês-4 e 5 anos			

Nota. Elaborado pela Educadora Cooperante.

ANEXO F.

Idade vs. género
| ' ' | | ' ' |

Tabela F1.*Idade vs. género*

Crianças	Data de Nascimento	Idades 17 de outubro >>> 6 de fevereiro
AD.	05/11/2019	2 a. 11 m. >>> 3 a. 3 m.
AP.	23/10/2018	3 a. 11m. >>> 4 a. 3 m.
BP.	02/02/2019	3 a. 8m. >>> 4 a.
DS.	15/04/2019	3 a. 6 m. >>> 3 a. 9 m.
EV.	17/06/2019	3 a. 4 m. >>> 3 a. 7 m.
FR.	14/11/2018	3 a. 11 m. >>> 4 a. 2 m.
FP.	15/01/2019	3 a. 9 m. >>> 4 a.
GS.	19/01/2018	4 a. 8 m. >>> 5 a.
JG.	28/12/2018	3 a. 9 m. >>> 4 a. 1 m.
JS.	09/05/2019	3 a. 5 m. >>> 3 a. 8 m.
LD.	06/10/2018	4 a. >>> 4 a. 4 m.
MC.	06/11/2018	3 a. 11 m. >>> 4 a. 3 m.
MCR	30/12/2019	2 a. 9 m. >>> 3 a. 1 m.
MF.	29/07/2019	3 a. 2 m. >>> 3 a. 6 m.
MG.	06/12/2019	2 a. 10 m. >>> 3 a. 2 m.
MM.	31/01/20219	3 a. 8 m. >>> 4 a.
MS.	24/10/2017	4 a. 11 m. >>> 5 a. 3 m.
PM.	15/06/2018	4 a. 4 m. >>> 4 a. 7 m.
SN.	20/12/2018	3 a. 9 m. >>> 4 a. 1 m.
SV.	12/06/2018	4 a. 4m. >>> 4 a. 7 m.
VA.	13/04/2018	4 a. 6 m. >>> 4 a. 9 m.
VV.	12/11/2018	3 a. 11 m. >>> 4 a. 2 m.

Nota. Adaptado de Ferreira (2004, p.75)

ANEXO G.

Conjunto de objetivos específicos
para as famílias

|' '' | | ''

Figura G1.

Conjunto de objetivos específicos para as famílias

Objetivo específico	Estratégia/Ação	Indicadores	Metas	Calendarização	Monitorização
Envolver as famílias nas diversas atividades pedagógicas/institucionais	Dinamização ações, no âmbito dos diversos projetos, que solicitem a colaboração direta ou indireta das famílias	Nº de ações dinamizadas solicitando a colaboração das famílias	Aumento de 5% comunicações das famílias, por sala, por ano	setembro a julho	Equipa docente e não docente
	Divulgação das atividades pedagógicas/institucionais através de diversas ferramentas (placard, e-mail, site)	Nº de famílias que participam nos diversos projetos	Participação de 10 famílias por trimestre, nas atividades pedagógicas/institucionais, por trimestre		
		Nº de informações divulgadas nas diversas ferramentas			
	Divulgação dos diversos documentos institucionais	Nº de documentos institucionais divulgados	Divulgação de todos os documentos institucionais através do site		
Dinamização de momentos de convívio entre a comunidade educativa	Nº de momentos de convívio realizados	Realização de 4 momentos de convívio entre a escola e a família			

Nota. Retirado do Projeto Educativo da Instituição (2019).

ANEXO H.

Situação profissional do Pai e da
Mãe vs. nível de escolaridade

|' '' | | ''

Tabela H1.*Situação profissional do pai e da mãe vs. nível de escolaridade*

Crianças	Mãe			Pai		
	Profissão	Escolaridade	Idade	Profissão	Escolaridade	Idade
AD.	Publicitária	Mestrado	37	Publicitário	----	----
AP.	Gestora de Comunicação	Mestrado	37	Professor de Padel	Licenciatura	----
BP.	Assistente Executiva	Licenciatura	----	Diretor Técnico	Secundário	40
DS.	Consultora Pedagógica	Pós-graduação	----	Comercial - Vinícola	9ºano	----
EV.	Professora de Yoga e Dança	Licenciatura	36	Músico	----	----
FR.	Bancária	Licenciatura	40	Consultor	Licenciatura	----
FP.	Diretora de Recursos Humanos	Pós-graduação	40	Data Analyst	Doutoramento	45
GS.	Técnica de Recursos Humanos	Licenciatura	----	Engenheiro Informático	Mestrado	39
JG.	Animadora Sociocultural	Licenciatura	----	Consultor/gerente	Licenciatura	41
JS.	Produtora de Espetáculos	Licenciatura	----	Engenheiro Civil	Licenciatura	41

LD.	Designer Gráfica	Licenciatura	44	Realizador de Cinema	Secundário	----
MC.	Engenheira Civil	Mestrado Integrado	38	Agente da PSP	Secundário	---
MCR	Marketing Manager	Mestrado	31	Consultor	Licenciatura	----
MM.	Empregada de Mesa	Secundário	----	Padeiro	Secundário	----
MF.	Desempregada	1º ano da faculdade	----	Diretor Financeiro	Licenciatura	----
MS.	Administradora do Banco	Licenciatura	40	----	Secundário	----
MG.	Técnica Superior de Recursos Humanos	Mestrado	34	Militar	Licenciatura	----
PM.	Jornalista	Mestrado	48	Administrador de Sistemas	Secundário	----
SN.	Controller	Licenciatura	44	Controller	Licenciatura	----
SV.	Auxiliar de Cozinha	Secundário	33	Chefe de Turno	Secundário	----
VA.	Responsável de Departamento	----	35	Técnico de Farmácia	----	----
VV.	Product Maneger	Mestrado	31	----	----	----

Nota. Adaptado de Ferreira (2004, p. 69)

ANEXO I.
Carta de Apresentação às famílias

| | " | | "

Olá, famílias!

O meu nome é *Bárbara Costa*, tenho 22 anos e sou estudante da Escola Superior de Educação de Lisboa. Frequento o 2.º ano do Mestrado de Educação Pré-Escolar. Sou uma pessoa bem-disposta, que gosta de passear e de ler.

Vou estagiar na sala verde desde o dia 17 de outubro de 2022 até dia 6 de fevereiro de 2023. Ao longo deste tempo, irei acompanhar o/a seu/sua filho/a, realizando um projeto com eles e dinamizarei atividades que potenciem o seu desenvolvimento e aprendizagem.

Durante o estágio, estarei totalmente disponível para as crianças, assim como para as suas famílias.

Obrigada,
Bárbara Costa

ANEXO J.
Guiões de Entrevista
| ' ' | | ' '

Anexo J1. Guião de Entrevista às Educadoras

Guião de Entrevista

Destinatárias: Educadoras de Infância (PPS II 2022/2023)

Objetivos:

- Caracterizar as conceções da educadora de infância sobre as Artes Visuais;
- Compreender o envolvimento das crianças nas Artes Visuais.

Blocos de Informação	Objetivos específicos	Formulação de questões
A. Legitimação da entrevista e motivação da entrevistada	<ul style="list-style-type: none">- Legitimar a entrevista;- Motivar o entrevistado;	<ul style="list-style-type: none">- Esta entrevista tem como objetivo obter informação para a realização do subcapítulo “Apresentação e Discussão de Resultados” para o relatório da PPS II.- O seu caráter é confidencial e o anonimato dos dados é garantido.
2. Definição do perfil da entrevistada	<ul style="list-style-type: none">- Conhecer o percurso profissional da educadora;	<ul style="list-style-type: none">2.1. Qual é a sua formação?2.2. Há quanto tempo exerce funções de Educadora de Infância?2.3. Fale-me do seu percurso profissional.2.4. Fale-me do seu percurso nesta organização socioeducativa.2.5. Para além de exercer funções de educador/a de infância ocupa, ou ocupou, algum outro cargo nesta organização socioeducativa?

<p>3. Perspetivas sobre as Artes Visuais em Jardim de Infância:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Importância das Artes Visuais nas crianças dos 3 aos 6 anos; • Abordagem Pedagógica; 	<ul style="list-style-type: none"> - Compreender o grau de importância que a educadora atribui às Artes Visuais; - Compreender as perspetivas da educadora acerca das Artes Visuais; - Compreender se o comportamento das crianças perante as Artes Visuais; 	<p>3.1. Considera importante a abordagem das Artes Visuais no Jardim de Infância? Porquê?</p> <p>3.2. Qual o papel das Artes Visuais para a(s) criança(s)?</p> <p>3.3. Qual é papel das Artes Visuais na sua prática pedagógica?</p> <p>3.4. Na sua prática pedagógica quais as Artes Visuais que tende a desenvolver com mais regularidade?</p> <p>3.5. Quais as reações das crianças às atividades propostas no âmbito das artes visuais?</p> <p>3.6. Após as crianças terminarem o seu trabalho dialoga com as mesmas acerca do que realizaram?</p>
<p>D. Conclusão da entrevista</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Finalizar a entrevista; 	<p>4.1. De momento, recorda-se de algo mais que considere ser pertinente em relação aos aspetos abordados?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Obrigada pela sua disponibilidade

Anexo J2. Guião de Entrevista à Educadora R.

Guião de Entrevista

Destinatárias: Educadora de Infância (PPS II 2022/2023)

Objetivos:

- Caracterizar as conceções da educadora de infância sobre as Artes Visuais;
- Compreender como é organizada a Oficina “Arte nas Mãos”.

Blocos de Informação	Objetivos específicos	Formulação de questões
1. Legitimação da entrevista e motivação da entrevistada	<ul style="list-style-type: none">- Legitimar a entrevista;- Motivar o entrevistado;	<ul style="list-style-type: none">- Esta entrevista tem como objetivo obter informação para a realização do subcapítulo “Apresentação e Discussão de Resultados” para o relatório da PPS II.- O seu carácter é confidencial e o anonimato dos dados é garantido.
2. Definição do perfil da entrevistada	<ul style="list-style-type: none">- Conhecer o percurso profissional da educadora;	<ul style="list-style-type: none">2.1. Qual é a sua formação?2.2. Há quanto tempo exerce funções de Educadora de Infância?2.3. Fale-me do seu percurso profissional.2.4. Fale-me do seu percurso nesta organização socioeducativa.2.5. Quando se tornou responsável pela Oficina “Arte nas Mãos”.

<p>3. Perspetivas sobre as Artes Visuais em Jardim de Infância:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Importância das Artes Visuais nas crianças dos 3 aos 6 anos; • Abordagem Pedagógica; 	<ul style="list-style-type: none"> - Compreender o grau de importância que a educadora atribui às Artes Visuais; - Compreender as perspetivas da educadora acerca das Artes Visuais; - Compreender se o comportamento das crianças perante as Artes Visuais; 	<p>3.1. Considera importante a abordagem das Artes Visuais no Jardim de Infância? Porquê?</p> <p>3.2. Qual o papel das Artes Visuais para a(s) criança(s)?</p> <p>3.3. Como organiza as atividades realizadas nas Oficinas?</p> <p>3.4. Na sua prática pedagógica quais as Artes Visuais que tende a desenvolver com mais regularidade?</p> <p>3.5. Quais as reações das crianças às atividades propostas no âmbito das artes visuais?</p>
<p>4. Conclusão da entrevista</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Finalizar a entrevista; 	<p>4.1. De momento, recorda-se de algo mais que considere ser pertinente em relação aos aspetos abordados?</p> <p>- Obrigada pela sua disponibilidade</p>

Anexo J3. Guião de Entrevista B à Diretora

Guião de Entrevista

Destinatárias: Diretora Técnica e Pedagógica (PPS II 2022/2023)

Objetivo: caracterizar as conceções da Diretora Técnica sobre as Artes Visuais.

Blocos de Informação	Objetivos específicos	Formulação de questões
1. Legitimação da entrevista e motivação da entrevistada	<ul style="list-style-type: none">- Legitimar a entrevista;- Motivar o entrevistado;	<ul style="list-style-type: none">- Esta entrevista tem como objetivo obter informação para a realização do subcapítulo “Apresentação e Discussão de Resultados” para o relatório da PPS II.- O seu caráter é confidencial e o anonimato dos dados é garantido.
2. Definição do perfil da entrevistada	<ul style="list-style-type: none">- Conhecer o percurso profissional da Diretora;	<ul style="list-style-type: none">2.1. Qual é a sua formação?2.2. Há quanto tempo exerce funções de Diretora Técnica?2.3. Fale-me do seu percurso profissional.2.4. Fale-me do seu percurso nesta organização socioeducativa.2.5. Para além de exercer funções de Diretora Técnica e Pedagógica ocupa, ou ocupou, algum outro cargo nesta organização socioeducativa?

<p>3. Perspetivas sobre as Artes Visuais em Jardim de Infância:</p> <p>Importância das Artes Visuais nas crianças dos 3 aos 6 anos;</p>	<p>- Compreender o grau de importância que a Diretora atribui às Artes Visuais;</p> <p>- Compreender as perspetivas da Diretora acerca das Artes Visuais;</p>	<p>3.1. Considera importante a abordagem das Artes Visuais no Jardim de Infância? Porquê?</p> <p>3.2. Qual o papel das Artes Visuais para a(s) criança(s)?</p> <p>3.3. O que faz para promover as Artes Visuais na Organização socioeducativa?</p> <p>3.4. Como surgiu a Oficina “Arte nas Mãos”?</p>
<p>4. Conclusão da entrevista</p>	<p>- Finalizar a entrevista;</p>	<p>4.1. De momento, recorda-se de algo mais que considere ser pertinente em relação aos aspetos abordados?</p> <p>- Obrigada pela sua disponibilidade</p>

ANEXO K.

Guião do inquérito por questionário
aplicado às famílias

|' '' | | ''

Importância das Artes Visuais

O meu nome é *Bárbara Costa* e sou aluna do 2º ano do Mestrado de Educação Pré-escolar da Escola Superior de Educação. O presente inquérito por questionário está inserido no meu Relatório de Estágio, cuja investigação é sobre "**O contributo das Artes Visuais para o desenvolvimento das crianças: conceções das famílias e dos/as Educadores/as de Infância**".

Com esta investigação, pretendo entender se, em casa, as crianças demonstram um gosto pelas Artes Visuais e, se sim, quais as que preferem e a opinião dos pais acerca das mesmas. Neste sentido, solicito que responda às questões seguintes.

A sua participação é voluntária e fundamental para a concretização da investigação. O preenchimento do inquérito por questionário terá uma duração de 5/10 minutos. Toda a informação fornecida por si é confidencial, sendo utilizada apenas para a elaboração do meu Relatório de Estágio.

Ao assinalar a opção “Sim” abaixo, indica que leu este formulário de consentimento, preenche os requisitos supramencionados e considera que lhe foi prestada a informação necessária acerca da natureza e objetivos desta investigação, concordando com a sua participação.

Sim

Não

1. Caracterização do inquirido

1.1. Idade _____

1.2. Género

Feminino

Masculino

Prefiro não dizer

1.3. Habilitação Literária

Ensino Básico

Ensino Secundário

Bacharelato

Licenciatura

Mestrado

Doutoramento

1.4. Profissão

Profissões das Forças Armadas

Representantes do Poder Legislativo e de Órgãos Executivos, Dirigentes,
Diretores e Gestores Executivos

Especialistas das Atividades Intelectuais e Científicas

Técnicos e Profissões de Nível Intermédio

Pessoal Administrativo

Trabalhadores dos Serviços Pessoais, de Proteção e Segurança e Vendedores

Agricultores e Trabalhadores Qualificados da Agricultura, da Pesca e da Floresta

Trabalhadores Qualificados da Indústria, Construção e Artífices

Operadores de Instalações e Máquinas e Trabalhadores da Montagem

Trabalhadores Não Qualificados

2. Caracterização do/a educando/a

2.1 Idade _____

2.2. Sexo

Feminino

Masculino

Prefiro não dizer

3. Artes Visuais no Jardim de Infância

3.1. O/A seu/sua educando/a gosta de realizar Artes Visuais em casa?

Sim

Não

3.1.1. Se sim, qual ou quais das Artes Visuais realiza mais em casa? Assinale com uma cruz a sua opção ou opções.

Pintura

Desenho

Fotografia

Escultura

Outra opção

3.2. Após o/a seu/sua educando/a terminar as suas produções plásticas, dialoga com o/a mesmo/a acerca do que realizaram?

Sim

Não

3.2.1 Se sim, sobre o quê?

3.3. Considera importante a abordagem das Artes Visuais no Jardim de Infância?

Sim

Não

3.3.1. Justifique, por favor, a sua resposta.

ANEXO L.
Consentimento Informado
|' '' | | ''

Olá, Famílias!

Eu sou aluna da Escola Superior de Educação de Lisboa e frequento o 2.º ano do Mestrado em Educação Pré-Escolar. Vou estagiar na sala verde desde o dia 17 de outubro de 2022 até dia 6 de fevereiro de 2023. Para além disso, irei recolher dados para a elaboração de um relatório, assim como, um projeto com as crianças. Desta forma, gostaria de registar alguns dos momentos desenvolvidos ao longo do estágio (fotografias), sendo que a cara de cada criança não será evidenciada, respeitando assim os princípios éticos. A participação do/a seu/sua educando/a é completamente voluntária, podendo revogar a autorização em qualquer momento, se assim o desejar. Neste sentido, peço que na tabela abaixo coloque se autoriza ou não a participação do/a seu/sua educando/a.

Agradeço, desde já, a sua colaboração.

Bárbara Costa

	Autorizo	Não autorizo	Assinatura
AD.			
AP.			
BP.			
DS.			
EV.			
FR.			
FP.			
GS.			
JG.			
JS.			
LD.			
MC.			
MCR.			
MM.			
MF.			
MS.			

MG.			
PM.			
SN.			
SV.			
VA.			

ANEXO M.
Roteiro Ético
| ' ' | | ' ' |

Tabela M1.

Roteiro ético

Princípios éticos e deontológicos (Tomás, 2011) e legislação em vigor	Prática Profissional Supervisionada	Princípios para uma Ética Profissional (APEI, 2011)
1. Objetivos do trabalho	“A sua explicitação a todos os atores envolvidos constitui um passo fundamental na construção de uma ética democrática.” (Tomás, 2011, p.160). Esta investigação envolve quatro educadora (três das salas de JI e a responsável pela Oficina de Arte Visuais), os pais, as crianças da sala verde e a Diretora da Instituição. Sendo que os objetivos foram partilhados com todos os intervenientes desta investigação.	“(…) colaborando de modo que as crianças sintam que a família e a instituição estão ligadas no processo educativo.” (APEI, 2011, p.2). “Assumir a sua profissão procurando uma articulação dialógica entre o eu pessoal e o eu profissional.” (APEI, 2011, p.2).
2. Custos e benefícios	A investigação quando é idealizada deve ter em conta os benefícios que poderá ter para as crianças, assim como possíveis custos (Tomás, 2011). Relativamente aos custos para a equipa educativa, estes estão relacionados com o tempo que	“Considerar com o maior cuidado os diagnósticos e prognósticos da situação e futuro de cada criança, sabendo que fazem parte da interação que se

	<p>levarão a responder à entrevista. No que diz respeito aos pais das crianças, os custos que a investigação remete também para o tempo que demorarão a responder ao questionário. As crianças serão observadas ao longo da investigação, mas é algo que as mesmas não se apercebem que está a ocorrer. No que concerne às fotografias, as crianças não demonstram desconforto, pois é uma prática diária, por parte da equipa educativa.</p> <p>Os benefícios desta investigação afetam as crianças, os pais e a equipa educativa. A equipa educativa e os pais terão acesso à investigação que poderão usar para saber mais acerca do tema.</p>	<p>estabelece.” (APEI, 2011, p.1)</p> <p>“Responder com qualidade às necessidades educativas das crianças, promovendo para isso todas as condições que estiverem ao seu alcance.” (APEI, 2011, p.2)</p>
<p>3. Respeito pela privacidade e confidencialidade</p>	<p>“Estas questões deverão ser sujeitas a negociação, considerando sempre a posição dos autores quando são retiradas citações de entrevista e se pretende torná-las públicas.” (Tomás, 2011, p.161).</p>	<p>“Respeitar a privacidade de cada criança e garantir o sigilo profissional.” (APEI, 2011, p.1)</p> <p>“Manter sigilo relativamente às</p>

	<p>Relativamente à privacidade, informei as famílias e instituição que as informações que recolhesse seriam confidenciais, sendo que o nome da Organização não será mencionado ao longo do trabalho. Para além disso, de modo, respeitar a privacidade das crianças, serão utilizadas iniciais para os referenciar e as fotografias que forem captadas manterão o anonimato das crianças, mantendo as suas caras tapadas (cf. Anexo L. Consentimento Informado).</p>	<p>informações sobre a família (salvo exceções que ponham em risco a integridade da criança).” (APEI, 2011, p.2).</p>
<p>4. Decisões acerca de quais as crianças a envolver e a excluir</p>	<p>Aquando da realização de uma investigação é necessário criar processos de seleção das crianças (Tomás, 2011). Na investigação que realizarei, pretendo que todas as crianças participem, sendo o grupo composto por 22 crianças. A decisão de quais as crianças que participarão é tomada pelos pais, aquando da realização do questionário.</p>	<p>“Cuidar da gestão da aproximação e da distância na relação educativa, no respeito pela individualidade, sentimentos e potencialidades de cada criança e na promoção da autonomia pessoal de cada uma.” (APEI, 2011, p.2).</p>

<p>5. Fundamentos</p>	<p>A investigação deve ter bem definidos e revistos os métodos e objetivos (Tomás, 2011). Com esta investigação pretendo: “aprofundar o meu conhecimento acerca deste tópico”, pois durante o estágio apercebi-me que havia um interesse por parte das crianças e trata-se de um tópico sobre o qual não tinha muita informação. i) Analisar a relevância das <i>Artes Visuais</i> no Jardim de Infância; ii) Conhecer as concepções das famílias e dos/a educadores/as de infância sobre as <i>Artes Visuais</i> em Jardim de Infância e iii) Identificar o possível contributo das <i>Artes Visuais</i> para o desenvolvimento das crianças.</p>	<p>“Nunca utilizar as famílias para atingir interesses pessoais” (APEI, 2011, p.2).</p> <p>“Promover a aprendizagem e a socialização numa vida de grupo cooperada, estimulante, lúdica, aberta à comunidade.” (p.1). “Trabalhar em equipa, promovendo uma relação de confiança, de cooperação e uma prática examinada.” (APEI, 2011, p.2).</p>
<p>6. Planificação e definição dos objetivos e métodos da investigação</p>	<p>Ao longo do estágio fui registando notas de campo e reflexões diárias e semanais acerca do que observava. Com o passar do tempo, identifiquei que havia um grande interesse em <i>Artes Visuais</i>, por parte das crianças. Sendo que, tive oportunidade de observar que era</p>	<p>“Nunca utilizar as famílias para atingir interesses pessoais” (APEI, 2011, p.2).</p> <p>“Promover a aprendizagem e a socialização numa vida de grupo cooperada, estimulante, lúdica, aberta</p>

	<p>algo que as crianças realizavam, diariamente. Para além disso, surgiu uma crescente curiosidade e interesse por este tópico, por ser algo que ainda não tinha investigado. Quando este tópico se tornou uma possibilidade falei com a equipa educativa e com a orientadora, tendo ambas concordado que seria uma boa opção. Em relação às famílias, fui-me introduzindo no contexto começando por me apresentar, fomentando de forma gradual através de conversas informais, assim como, através da carta de apresentação (cf. Anexo I. Carta de Apresentação). Quando foi enviado aos pais o questionário acerca do tema, foi explicado aos pais, os objetivos da investigação.</p>	<p>à comunidade.” (APEI, 2011, p.1).</p> <p>“Trabalhar em equipa, promovendo uma relação de confiança, de cooperação e uma prática examinada.” (APEI, 2011, p.2).</p>
<p>7. Consentimento informado</p>	<p>“No momento de se obter o consentimento das crianças e dos seus pais para se desenvolver uma investigação (...).” (Tomás, 2011, p.164). Inicialmente, foi explicado aos pais, que iria ser realizada um relatório, assim como, uma investigação com</p>	<p>“Respeitar a privacidade de cada criança e garantir o sigilo profissional.” (APEI, 2011, p.1).</p> <p>“Manter sigilo relativamente às</p>

	<p>base nas crianças da sala verde (cf. Anexo I. Carta de Apresentação). Assim foi obtido o consentimento para essa realização no início do estágio e recentemente, quando implementei o questionário. Sendo que no questionário estava presente o tema da investigação, assim como os objetivos da mesma.</p>	<p>informações sobre a família (salvo exceções que ponham em risco a integridade da criança).” (APEI, 2011, p.2).</p>
<p>8. Uso e relato das conclusões</p>	<p>Relativamente ao uso e relato das conclusões estas serão partilhadas com a equipa educativa, estando esta ciente do que estou a trabalhar, pois conversado e discutido em momentos informais, No que diz respeito às famílias, se o desejarem, poderão ter acesso ao trabalho final.</p>	<p>“(…) colaborando de modo a que as crianças sintam que a família e a instituição estão ligadas no processo educativo.” (APEI, 2011, p.2).</p>
<p>9. Possível impacto nas crianças</p>	<p>É fundamental que o investigador tenha em consideração possíveis impactos que a investigação possa causar às crianças. (Tomás, 2011). Os impactos possíveis para as crianças relacionam-se com o facto de que os pais e a</p>	<p>“Responder com qualidade às necessidades educativas das crianças, promovendo para isso todas as condições que estiverem ao seu alcance.” (APEI, 2011, p.2).</p>

	Educadora poderão compreender as Artes Visuais que são realizadas em casa e na Organização, podendo fomentar novas formas de Artes Visuais.	
10. Informação às crianças e adultos envolvidos	<p>Todo o processo de investigação deve ser transparente de modo a promover metodologias participativas. (O’Kane, 2005, citado por Tomás, 2011). Com esta investigação pretendo manter todos os intervenientes ocorrentes de tudo o que irá a ocorrer, transmitindo informações e respondendo a questões necessárias.</p>	<p>“(…) colaborando de modo a que as crianças sintam que a família e a instituição estão ligadas no processo educativo.” (APEI, 2011, p.2).</p> <p>“Trabalhar em equipa, promovendo uma relação de confiança, cooperação e uma prática reflexiva.” (APEI, 2011, p.2).</p>

ANEXO N.
Transcrições de entrevistas às
Educadoras

|' '' | | ''

Anexo N1. Entrevista à Educadora Cooperante

2. Definição do perfil da entrevistada

2.1. – A minha formação inicial foi realizada no antigo Magistério Primário de Lisboa, agora ESE de Lisboa, entre os anos 1984 a 1986 tendo ficado na altura com o bacharelato. Mais tarde fiz a licenciatura na ESEI Maria Ulrich.

2.2. – Exerço a função há mais de 33 anos, quase sempre no direto com crianças quer de creche, quer de pré-escolar.

2.3. – Fiz a minha formação inicial no antigo Magistério Primário de Lisboa de 1984/ 1987 -bacharelato- hoje ESE de Lisboa, tendo realizado o Complemento de Formação Científica e Pedagógica em 2002 – Licenciatura - na ESEI Maria Ulrich. Ao longo destes anos participei em inúmeras formações, congressos, encontros e círculos de estudos, tendo dinamizado formações no âmbito da prática pedagógica. Participei na elaboração da revista APEI.

2.4. – Entrei na associação no ano de 1986, tendo estado sempre no direto com as crianças quer nas respostas sociais de creche, quer de pré-escolar. Faço parte dos corpos gerentes da direção da associação há cerca de vinte anos.

2.5 – Estando presente na associação há mais de 33 anos, assumi três vezes, a função e a grande responsabilidade da Direção Pedagógica. Da última vez que assumi a função de DP estava também no direto com um grupo de pré-escolar.

3. Perspetivas sobre as Artes Visuais em Jardim de Infância

3.1. – Muito importante e fundamental. Vejo as artes visuais no J.I. como um conjunto de ferramentas cujo objetivo é o de permitir a expressão livre da criança. É através dela que a criança não só desenvolve a sua imaginação e criatividade, como também aprende a conhecer-se e a conhecer os outros, aceitando e respeitando a forma como cada um se exprime.

3.2. – A expressão livre das crianças é intrínseca e constitui um dos fatores imprescindíveis para um crescimento harmonioso e global da criança. A criatividade

surge com a experimentação espontânea e o saber fazer utilizando vários materiais, colocando nas suas produções cada vez mais intencionalidade.

3.3. – A expressão livre da criança está sempre presente diariamente, surgindo com muita frequência nos desenhos, pinturas e aguarelas espontâneas que a criança se propõe realizar, quer para se expressar interiormente, quer englobados em temas, conversas ou projetos a decorrer.

3.4. – Os desenhos, a pintura com vários materiais e suportes, as colagens com múltiplos materiais naturais ou reciclados, a modelagem.

3.5. – Pela experiência que tenho, a área da expressão plástica é uma das mais apetecíveis pelas crianças, independentemente da sua idade. Na sala com o grupo atual, as propostas são sempre recebidas com muito entusiasmo.

3.6. – Sim, quase sempre. Algumas crianças precisam de um reforço positivo no final de cada trabalho, tendo necessidade de mostrar o seu trabalho. Outras crianças estiveram tão embrenhadas na sua produção que basta um olhar do adulto ou um sorriso para haver uma comunicação positiva, sem existir a necessidade de perguntar sobre o seu desenho ou pintura. Outras crianças têm ainda a necessidade de contar longas histórias da sua produção realizada, aliando a criatividade plástica à criatividade da linguagem e do pensamento. Cada criança é única e o educador precisa de ser sensível e de conhecer cada um, percebendo quais as suas necessidades no momento.

4. Conclusão da entrevista

4.1. – Apenas referir o que declarou Picasso:

“Quando tinha a idade destas crianças, desenhava como Rafael; depois tenho passado a vida tentar desenhar como as crianças”.

Anexo N2. Entrevista A à Educadora A.

2. Definição do perfil da entrevistada

2.1. – Formada em educação de infância pela Escola Superior de Educação de Infância. Mestrado em psicologia educacional pelo ISPA.

2.2. – Há 30 anos.

2.3. – Educadora de infância durante 30 anos conciliando com outras atividades como formadora de educadoras e professoras do ensino básico. Durante alguns anos participei no projeto Urban no âmbito da educação parental, como psicóloga educacional.

2.4. – Educadora de infância há 30 anos, sobretudo, na resposta educativa de Pré-Escolar. Exerci as funções de Diretora Pedagógica de 2017 a 2021.

2.5. – Como já respondi na alínea anterior, fui Diretora pedagógica durante 4 anos.

3. Perspetivas sobre as Artes Visuais em Jardim de Infância

3.1. – Considero que as artes visuais deverão ocupar um lugar central no quotidiano pedagógico. As artes visuais constituem uma das linguagens da arte, ou seja, uma das formas que as crianças têm de ler e compreender o mundo.

3.2. – As crianças expressam-se através da arte. É uma forma de comunicação poderosa e simbólica que desvenda emoções e sentimentos que a criança não consegue transmitir com palavras. A arte visual é uma chave que permite entrar no universo consciente e inconsciente da criança.

3.3. – As Artes visuais ocupam um papel preponderante na minha prática pedagógica. Como instrumento de uma educação diferenciada, estão disponíveis para utilização livre e criativa da criança. A educação estética, a sensibilidade face ao belo são partes fundamentais do currículo educativo. As observações atentas das produções artísticas permitem um conhecimento mais profundo da criança.

3.4. – Provavelmente o desenho com lápis pastel, cera e as aguarelas. Explorámos diversas técnicas regularmente, mas não de uma forma diária como: assemblagem, carvão, pintura, monotípias, escultura...

3.5. – As crianças respondem sempre com entusiasmo às propostas no âmbito artístico e as artes visuais não constituem exceção.

3.6. – Sim, sempre. Primeiro para tentar perceber qual a intencionalidade, depois para tentar desvendar o universo daquela criança: o que sente e quem é.

4. Conclusão da entrevista

4.1. – As escolas que têm nas suas paredes a arte das crianças são museus vivos e dinâmicos.

Anexo N3. Entrevista à Educadora P.

2. Definição do perfil da entrevistada

2.1. – A minha licenciatura é em Educação de Infância.

2.2. – Sou educadora de infância desde setembro de 2006.

2.3. – Após terminar o curso estive dez anos a trabalhar numa IPSS. Ao longo destes dez anos trabalhei com todas as faixas etárias, desde berçário a pré-escolar. No último ano em que lá estive exerci a função de diretora pedagógica da Instituição. Em 2017 recebi o convite para vir trabalhar para esta Instituição.

2.4. – Estive 4 anos letivos consecutivos em creche e este é o segundo ano em que estou na resposta social e educativa de pré-escolar.

2.5 – *Não respondeu.*

3. Perspetivas sobre as Artes Visuais em Jardim de Infância

3.1. – Sim, considero essencial a abordagem das artes visuais, não só em educação pré-escolar, mas desde sempre. As artes visuais são uma forma de expressão, um impulso intrínseco da criança.

3.2./3.3. – A arte para a criança é uma forma de se expressar, a criança relaciona-se e conhece o mundo de uma forma lúdica e o contexto educativo tem um papel fundamental na sua promoção. As artes visuais estão presentes na minha prática pedagógica de uma forma muito natural. Através delas as crianças exploram e sentem o gosto de manusear diversos materiais, novos conhecimentos e infinitas possibilidades de criação. Considero que as artes visuais ajudam a criança a ver o mundo de outra forma, tornando-se mais sensíveis e criativas. Como educadores temos de ser o veículo para criar possibilidades e tornar o contacto com as artes possível.

3.4. – Citando Lopes da Silva et al. (2016), “As Artes Visuais são formas de expressão artística que incluem a pintura, o desenho, a escultura, a arquitetura, a gravura, a fotografia e outras, que, sendo fundamentalmente captadas pela visão, podem envolver

outros sentidos” (p.49). Na minha prática pedagógica tendo a desenvolver com mais regularidade a pintura, o desenho e a escultura. No entanto, o planeamento é realizado com o grupo e experienciamos as várias propostas dadas pelas crianças.

3.5. – As crianças demonstram sempre uma grande curiosidade e entusiasmo em realizar estas atividades, experimentar novos materiais e criar. Nestes momentos é frequente observarmos que o nível de concentração, implicação e bem-estar das crianças aumenta.

3.6. – Sim, na nossa rotina diária existe sempre um momento com o grupo para as várias comunicações e apresentações entre as crianças. Mostram os seus trabalhos, sejam eles plásticos ou uma construção com os materiais que desejarem. Desde que seja da vontade da criança partilhar com os colegas. Enquanto educadora é para mim essencial promover estes momentos, incentivando o restante grupo a observar, refletir e questionar.

Anexo N4. Entrevista à Educadora R.

2. Definição do perfil da entrevistada

2.1. – A minha formação inicial é uma Licenciatura em Educação de infância. Tenho uma Pós-graduação em Livro Infantil e um Mestrado em Ciências da Educação, área de especialização em Desenvolvimento Curricular e Avaliação.

2.2. – Sou educadora de infância há 16 anos. Exerci a minha prática educativa nas respostas de creche e pré-escolar.

2.3. – Iniciei o exercício da minha prática educativa na resposta social e educativa de pré-escolar, numa Instituição Particular de Solidariedade Social. Ao longo destes 16 anos integrei diferentes Projetos Educativos, passando por 4 contextos educativos distintos.

2.4. – Trabalho neste contexto educativo há 6 anos. Exerci a minha prática educativa sempre na resposta de creche, salas de 1 e 2 anos.

2.5. – Este ano letivo, 2022 / 2023.

3. Perspetivas sobre as Artes Visuais em Jardim de Infância

3.1. – Sim, considero, tal como na resposta social e educativa de creche. Penso que é imperativo "alimentar" a plasticidade do cérebro, sendo esta uma característica da faixa etária em questão assim como, proporcionar a experimentação, o envolvimento e a descoberta através das Artes. Potencializar a criança em todas as suas dimensões, estabelecendo os meios / ferramentas necessárias para atingir o que pretende.

3.2. – As Artes Visuais viabilizam o processo educativo da criança numa vertente formativa, que a percebe como um agente que realiza o seu caminho. Para além deste aspeto, criam um leque variado de possibilidades, onde não se encontram estruturadas respostas corretas ou erradas. As crianças podem experimentar, sem estar presente uma formatação ou formalização das aprendizagens, que por vezes é já tão frequente na educação pré-escolar, esta necessidade de escolarização.

3.3. – As atividades são organizadas mediante as necessidades e interesses dos grupos, existindo também, uma coerência com o Modelo Pedagógico do Movimento da Escola Moderna e com as linhas orientadoras do Projeto Educativo de Escola. Existe também uma vertente pessoal e profissional, que se prende com os valores e princípios que defendo e preconizo.

3.4. – As mais regulares são atividades relacionadas com a expressão plástica e dramatização.

3.5. – As crianças acolhem as propostas com bastante entusiasmo e motivação. É um espaço apelativo, em que se sentem confiantes e seguras para experimentar e explorar.

Anexo N5. Entrevista à Diretora Pedagógica

2. Definição do perfil da entrevistada

2.1. – Sou professora do 1.º ciclo, mestre em ciências da educação, na especialidade de supervisão pedagógica e doutoranda (2.º ano) do doutoramento em ciências da educação na especialidade de supervisão pedagógica.

2.2. – Há 7 anos.

2.3. – Enquanto professora do 1.º ciclo trabalhei em várias escolas, diferentes contextos e a última escola em que trabalhei foi uma escola para crianças cegas e de baixa visão.

2.4. – Nesta organização entrei com a função de diretora técnica e este ano assumi a direção técnica e pedagógica.

2.5. – Não, para além de ser num contexto de voluntariado, Presidente da Direção.

3. Perspetivas sobre as Artes Visuais em Jardim de Infância

3.1. – Considero muito importante. O documento que norteia as práticas educativas do educador de infância (orientações curriculares para a educação pré-escolar) deixa claro que as linguagens artísticas são um meio extraordinário de enriquecer as competências de expressão e comunicação das crianças.

3.2. – As artes visuais têm um papel de alargamento e enriquecimento da representação simbólica, do sentido estético e do espírito crítico perante o mundo.

3.3. – A (nome da organização) desenvolve, há muitos anos, um projeto artístico denominado “Linguagens da Arte”. Este projeto é gratuito, para todas as famílias e é constituído por 5 oficinas das mais variadas expressões artísticas.

3.4. – A oficina arte nas mãos surgiu da necessidade sentida pela equipa, de um espaço de exploração livre, dos materiais e técnicas plásticas, ampliando esta aprendizagem e exploração aos artistas e correntes artísticas de todo o mundo.

4. Conclusão da entrevista

4.1. – Gostaria de a parabenizar pela escolha do tema já que a educação artística é, no meu entender, uma parte essencial do corpo que constitui a educação dos 0 aos 6. A educação artística permite à criança uma expressão livre da sua identidade, do que sente e do que é. Uma exploração e sensibilização sem limites, contribuindo de forma decisiva para a construção da identidade pessoal, social e cultural da criança.

ANEXO 0.

Árvores categoriais e análise das
respostas das entrevistas às
Educadoras e Diretora da
instituição e dos inquéritos por
questionário às famílias

| | ' ' | | ' ' |

Anexo O1. Árvore categorial da entrevista realizada às Educadoras e Diretora da Instituição

Categoria	Subcategoria	Indicador	Unidade de Registo	Frequência	Unidade e Enumeração
Artes Visuais no JI	Importância das Artes Visuais	Razões apresentadas para justificar a importância das Artes Visuais no JI	<p>“Vejo as artes visuais no J.I. como um conjunto de ferramentas cujo objetivo é o de permitir a expressão livre da criança.” (Educadora Cooperante)</p> <p>“(…) uma das linguagens da arte, ou seja, uma das formas que as crianças têm de ler e compreender o mundo.” (Educadora A.)</p> <p>“(…) essencial a abordagem das artes visuais, não só em educação pré-escolar, mas desde sempre. (…) forma de expressão, um impulso intrínseco da criança.” (Educadora P.)</p> <p>“(…) é imperativo "alimentar" a plasticidade do cérebro, (…) proporcionar a experimentação, o envolvimento e a descoberta através das Artes.” (Educadora R.)</p> <p>“Considero muito importante. (…) um meio extraordinário de enriquecer as competências de expressão e comunicação das crianças. (Diretora)</p>	5	5
		Vantagens das Artes Visuais para as crianças	<p>“(…) a criança não só desenvolve a sua imaginação e criatividade, como também aprende a conhecer-se e a conhecer os outros, aceitando e respeitando a forma como cada um se exprime.” (Educadora Cooperante)</p>	6	5

<p>Papel das Artes Visuais para as crianças</p>		<p>“(…) imprescindíveis para um crescimento harmonioso e global da criança. A criatividade surge com a experimentação espontânea (…) colocando nas suas produções cada vez mais intencionalidade.” (Educadora Cooperante)</p> <p>“É uma forma de comunicação poderosa e simbólica que desvenda emoções e sentimentos que a criança não consegue transmitir com palavras. (…) é uma chave que permite entrar no universo consciente e inconsciente da criança.” (Educadora A.)</p> <p>“(…) é uma forma de se expressar, a criança relaciona-se e conhece o mundo de uma forma lúdica e o contexto educativo tem um papel fundamental na sua promoção. Através delas as crianças exploram e sentem o gosto de manusear diversos materiais, novos conhecimentos e infinitas possibilidades de criação. Considero que as artes visuais ajudam a criança a ver o mundo de outra forma, tornando-se mais sensíveis e criativas” (Educadora P.)</p> <p>“(…) criam um leque variado de possibilidades, onde não se encontram estruturadas respostas corretas ou erradas. (…) sem estar presente uma formatação ou formalização das aprendizagens, que por vezes é já tão frequente na educação pré-escolar, esta necessidade de escolarização.” (Educadora R.)</p> <p>“(…) papel de alargamento e enriquecimento da representação simbólica, do sentido estético e do espírito crítico perante o mundo.” (Diretora)</p>		
---	--	---	--	--

Artes Visuais na prática pedagógica	Presença das Artes Visuais na prática das Educadoras e na Instituição	<p>“A expressão livre da criança está sempre presente diariamente (...)” (Educadora Cooperante)</p> <p>“(...) um papel preponderante na minha prática pedagógica. Instrumento de uma educação diferenciada, estão disponíveis para utilização livre e criativa. (...) a sensibilidade face ao belo são partes fundamentais do currículo educativo. As observações (...) permitem um conhecimento mais profundo.” (Educadora A.)</p> <p>“Como educadores temos de ser o veículo para criar possibilidades e tornar o contacto com as artes possível.” (Educadora P.)</p> <p>“(...) presentes na minha prática pedagógica de uma forma muito natural.” (Educadora P.)</p> <p>“(nome da organização) desenvolve, há muitos anos, um projeto artístico denominado “Linguagens da Arte”. Este projeto é gratuito, para todas as famílias e é constituído por 5 oficinas das mais variadas expressões artísticas.” (Diretora)</p>	5	4
Artes Visuais desenvolvidas no dia a dia	Artes Visuais mais desenvolvidas pelas docentes	<p>“Os desenhos, a pintura com vários materiais e suportes, as colagens com múltiplos materiais naturais ou reciclados, a modelagem.” (Educadora Cooperante)</p> <p>“(...) o desenho com lápis pastel, cera e as aguarelas. Explorámos não de uma forma diária: assemblagem, carvão, pintura, monotípias, escultura...” (Educadora A.)</p>	4	4

		<p>“(…) tendo a desenvolver com mais regularidade a pintura, o desenho e a escultura. No entanto, o planeamento é realizado com o grupo e experienciamos as várias propostas dadas pelas crianças.” (Educadora P.)</p> <p>“As mais regulares são atividades relacionadas com a expressão plástica e dramatização.” (Educadora R.)</p>		
Opinião das crianças	Gosto pelas Artes Visuais demonstrado pelas crianças	<p>“(…) uma das mais apetecíveis pelas crianças, independentemente da sua idade. Na sala com o grupo atual, as propostas são sempre recebidas com muito entusiasmo.” (Educadora Cooperante)</p> <p>“(…) respondem sempre com entusiasmo às propostas no âmbito artístico e as artes visuais não constituem exceção.” (Educadora A.)</p> <p>“(…) demonstram sempre uma grande curiosidade e entusiasmo em realizar estas atividades, experimentar novos materiais e criar. Nestes momentos é frequente observarmos que o nível de concentração, implicação e bem-estar das crianças aumenta.” (Educadora P.)</p> <p>“(…) acolhem as propostas com bastante entusiasmo e motivação. É um espaço apelativo, em que se sentem confiantes e seguras para experimentar e explorar.” (Educadora R.)</p>	4	4

Momento após as produções plásticas	Conversa entre adulto e criança acerca das produções	<p>“Sim, quase sempre. Algumas crianças precisam de um reforço positivo no final de cada trabalho, tendo necessidade de mostrar o seu trabalho. Outras crianças estiveram tão embrenhadas na sua produção que basta um olhar do adulto ou um sorriso para haver uma comunicação positiva, sem existir a necessidade de perguntar sobre o seu desenho ou pintura. Outras crianças têm ainda a necessidade de contar longas histórias da sua produção realizada, aliando a criatividade plástica à criatividade da linguagem e do pensamento.” (Educadora Cooperante)</p> <p>“Sim, sempre. Primeiro para tentar perceber qual a intencionalidade, depois para tentar desvendar o universo daquela criança: o que sente e quem é.” (Educadora A.)</p> <p>“Sim, na nossa rotina diária existe sempre um momento com o grupo para as várias comunicações e apresentações entre as crianças. Mostram os seus trabalhos, sejam eles plásticos ou uma construção com os materiais que desejarem. Enquanto educadora é para mim essencial promover estes momentos, incentivando o restante grupo a observar, refletir e questionar.” (Educadora P.)</p>	3	3
Oficina “Arte nas Mãos”	Surgimento da Oficina	<p>“A oficina arte nas mãos surgiu da necessidade sentida pela equipa, de um espaço de exploração livre, dos materiais e técnicas plásticas, ampliando esta aprendizagem e exploração aos artistas e correntes artísticas de todo o mundo.” (Diretora)</p>	1	1

		Organização das atividades da Oficina	“As atividades são organizadas mediante as necessidades e interesses dos grupos, existindo também, uma coerência com o Modelo Pedagógico do Movimento da Escola Moderna e com as linhas orientadoras do Projeto Educativo de Escola. Existe também uma vertente pessoal e profissional, que se prende com os valores e princípios que defendo e preconizo.” (Educadora R.)	1	1
--	--	---------------------------------------	--	---	---

Anexo O2. Árvore categorial das respostas abertas do inquérito por questionário aplicados às famílias

Categoria	Indicador	Unidade de Registo	Frequência	Unidade e Enumeração
Diálogo com o/a seu/sua filho/a após ele/a terminar as produções plásticas	O que é falado entre pais e filhos/as após as produções plásticas	<ul style="list-style-type: none"> - “Pede para que eu veja o que fez.” (A) - “Significado do desenho dele.” (B) - “O que desenhou ou o que representa.” (C) - “Sobre o tema que desenhou.” (D) - “Dependendo da abertura, mas normalmente o diálogo é durante e não em conclusão.” (E) - “Tentar perceber o que é, fazendo histórias para que imaginação seja fluída.” (F) 	22	22

- | | | | | |
|--|--|---|--|--|
| | | <ul style="list-style-type: none"> - “Sobre o quê é q ilustrou, quem é q desenhou, as cores que usou, de que forma pintou e vamos sempre dando um "feedback" positivo.” (G) - “O que é e história.” (H) - “Tento identificar o que representa o desenho ou pintura que a criança fez.” (I) - “Sobre as formas.” (J) - “Para explicar o que fizemos. O sobre o que fizemos.” (K) - “Para expressar em palavras o que desenhou e/ou pintou. Para perceber os seus desenhos e o que os motivou.” (L) - “Sobre o que desenhou e o respetivo significado.” (M) - “Cores e significado dos desenhos.” (N) - “Pergunto o que desenhou.” (P) - “Gostamos de perceber o que lhe vai na alma.” (Q) - “Perguntamos o que desenhou. Elogiamos a evolução.” (R) - “Se for uma casa em legos, por exemplo, pergunto onde são as janelas, a porta, o pátio etc.” (S) - “Avaliamos o trabalho realizado, se está como queríamos, se está parecido com o que queríamos ou não.” (T) - “Why did you draw it? What do you like about yours drawing?” (U) | | |
|--|--|---|--|--|

		- “Peço para me falar sobre o que desenhou, por exemplo quem são as pessoas do desenho, o que estão a fazer etc.” (V)		
Importância das Artes Visuais no Jardim de Infância	Razões pelas quais as Artes Visuais são importantes no JI	<ul style="list-style-type: none"> - “É importante para a criança desenvolver o lado artístico.” (A) - “Estímulo sensorial e criativo.” (B) - “Desenvolve a motricidade fina, bem como reflete o que sente ao nível psicológico.” (C) - “Contribui para a desenvolvimento cognitivo da criança.” (D) - “É muito importante podere. Experimentar actividades que libertem a criatividade e os ajude a expressar.” (E) - “Estimula a criança.” (F) - “As Artes visuais são em tudo experiências enriquecedoras e motivadoras da expressão por si. Ao desenvolverem e contactarem com diferentes técnicas mais amplo se torna o campo de expressão das crianças. Conforme o uso da cor, da técnica, dos materiais escolhidos, vai trabalhar as emoções, o equilíbrio, a motricidade, a plasticidade etc.... sendo figurativa, vai retratando o que a criança vive, o que valoriza, sendo abstrata vai escoando emoções...desenvolver técnicas que 	23	23

lhe permitam expressarem-se e concentrarem-se é uma ferramenta vital para o autoconhecimento e para se darem a conhecer.” (G)

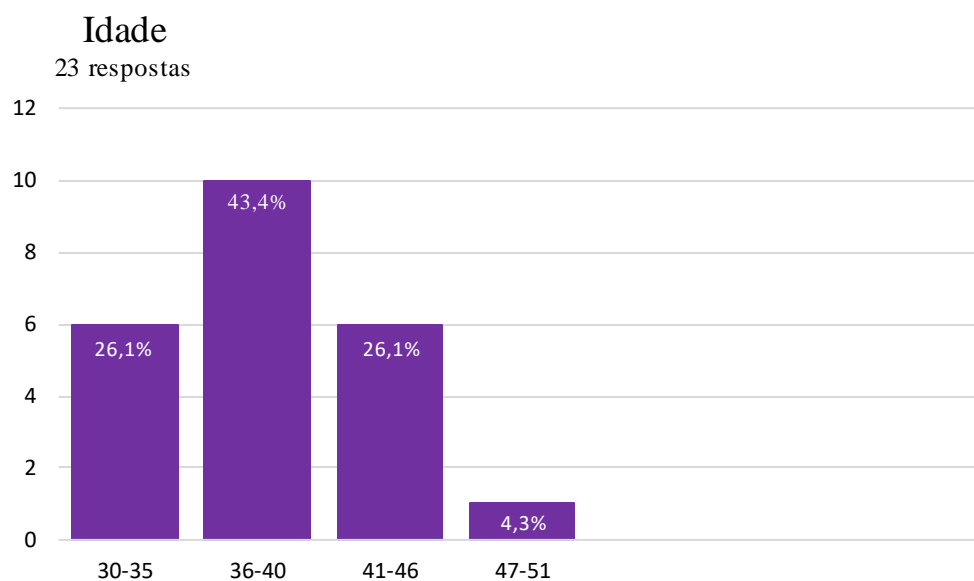
- “Estimula a criatividade e a imaginação.” (H)
- “Promove o sentido da estética, arte e criatividade, algo fundamental no desenvolvimento.” (I)
- “Acho importante a abordagem a todo o tipo de arte, permite-lhes explorar o mundo e prepara-os para um futuro aberto, com conhecimento e com a possibilidade de se sentirem livres para explorar e criar novas abordagens e novas formas de arte.” (J)
- “Artes visuais são muito importantes para o desenvolvimento emocional e destreza da criança.” (K)
- “Ensinar a criança a expressar pensamentos e sentimentos. Contribui para o desenvolvimento da criança. Desenvolver a criatividade.” (L)
- “Para que as crianças aprenderem a exprimir-se de outras formas para além da fala.” (M)
- “Considero que todo o tipo de artes favorece o desenvolvimento de competências pessoais fundamentais para o desenvolvimento do ser humano bem como possibilita a abordagem de conteúdos programáticos relacionados com as diferentes disciplinas

		<p>nucleares como a matemática, o português de forma mais descontraída e experienciada, o que favorece a aprendizagem.” (N)</p> <p>“Ajuda a desenvolver a criatividade e as capacidades motoras finas, e também a autonomia.” (O)</p> <ul style="list-style-type: none"> - “Acho que todas as formas de arte são importantes na infância.” (P) - “É uma área de desenvolvimento tão importante como outras.” (Q) - “Estimula a criatividade. Desenvolve competências.” (R) - “É essencial para o despertar da criatividade e liberdade de expressão de qualquer criança...” (S) - “Através das artes visuais as crianças conseguem apreender muito melhor a mensagem que pretendemos transmitir e absorver os conhecimentos que pretendemos transmitir.” (T) - “It is fun, it is open creativity, and it helps to show the mood of the kid.” (U) - “Estimulam o imaginário; são uma forma de expressar os pensamentos e sentimentos.” (V) - “É vital para o desenvolvimento das crianças.” (X) 		
--	--	--	--	--

Anexo O3. Análise das respostas fechadas dos inquiridos por questionário aplicados às famílias

1. Caracterização do inquirido/a

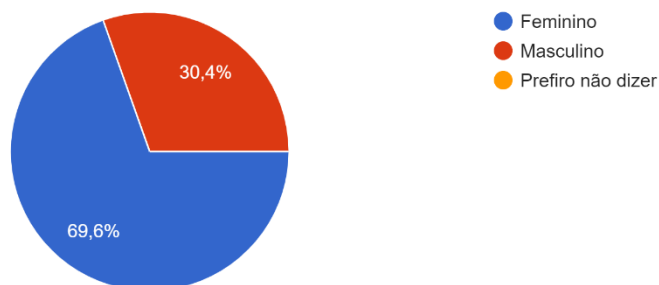
1.1.



Nota. Dados recolhidos através do questionário aplicado aos pais das crianças da Sala Verde.

1.2.

Género
23 respostas

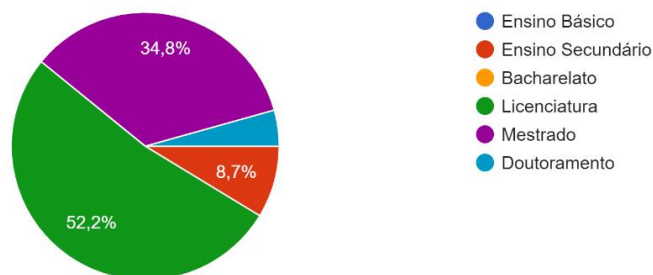


Nota. Dados recolhidos através do questionário aplicado aos pais das crianças da Sala Verde.

1.3.

Qual a sua habilitação literária. Selecione uma das opções.

23 respostas

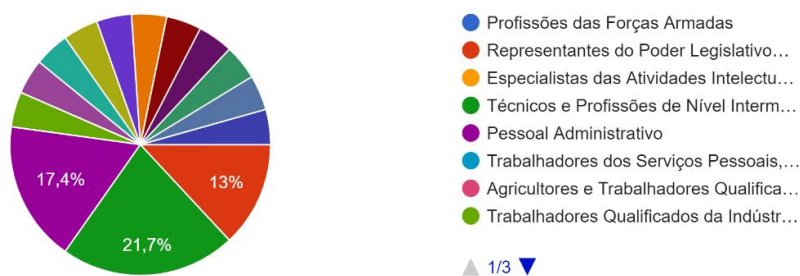


Nota. Dados recolhidos através do questionário aplicado aos pais das crianças da Sala Verde.

1.4.

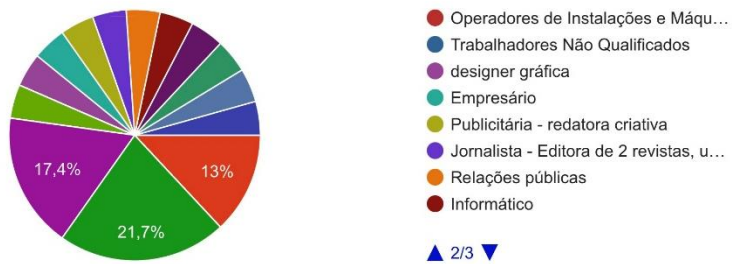
Qual a sua profissão? Selecione uma das opções.

23 respostas



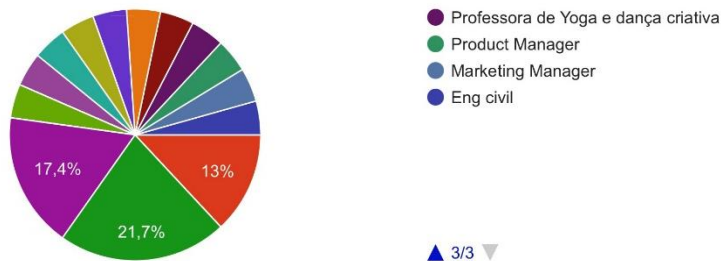
Qual a sua profissão? Selecione uma das opções.

23 respostas



Qual a sua profissão? Selecione uma das opções.

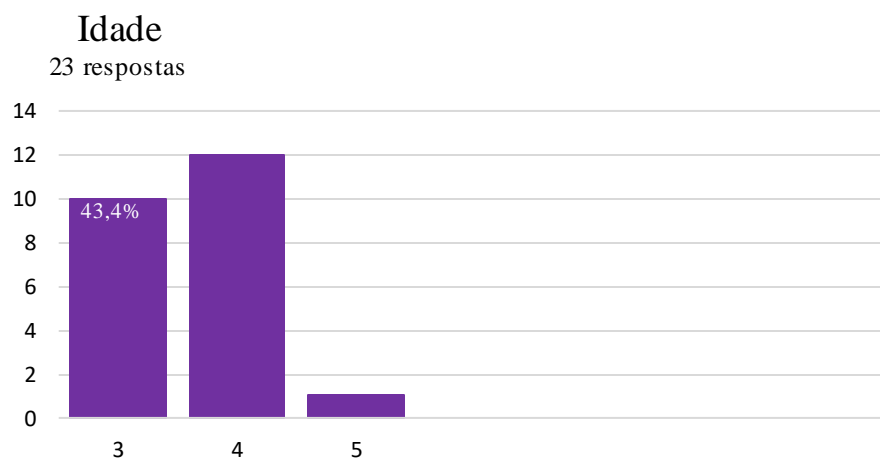
23 respostas



Nota. Dados recolhidos através do questionário aplicado aos pais das crianças da Sala Verde.

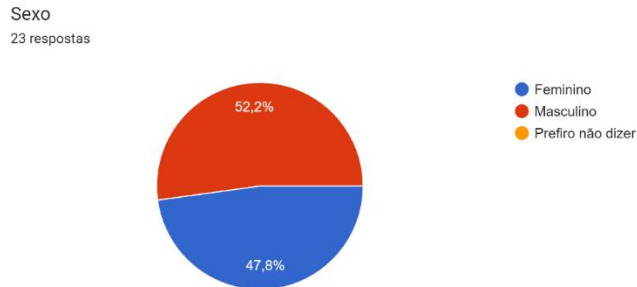
2. Caracterização da criança

2.1.



Nota. Dados recolhidos através do questionário aplicado aos pais das crianças da Sala Verde.

2.2.

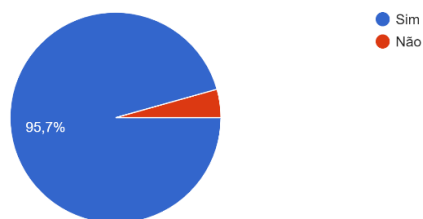


Nota. Dados recolhidos através do questionário aplicado aos pais das crianças da Sala Verde.

3. Artes Visuais no Jardim de Infância

3.1.

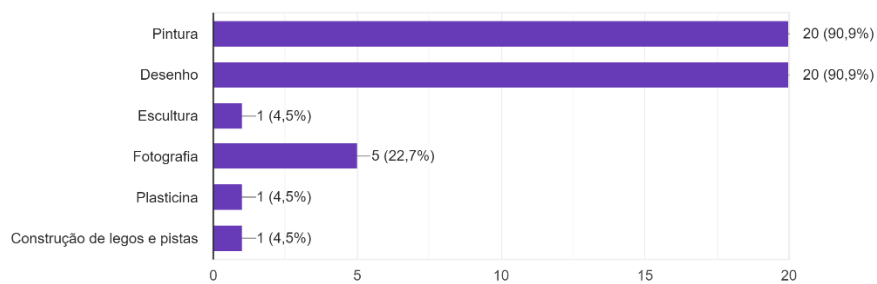
O/A seu/sua educando/a gosta de realizar Artes Visuais em casa?
23 respostas



Nota. Dados recolhidos através do questionário aplicado aos pais das crianças da Sala Verde.

3.1.1

Se sim, qual ou quais das Artes Visuais realiza mais em casa? Assinale a sua ou suas opções.
22 respostas

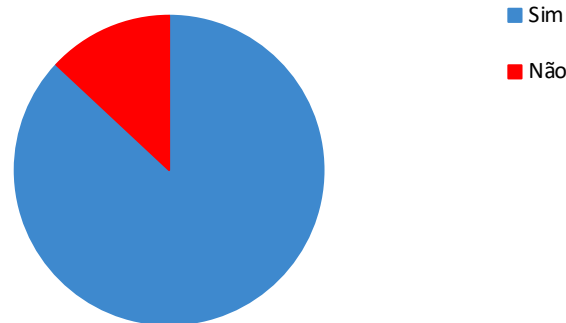


Nota. Dados recolhidos através do questionário aplicado aos pais das crianças da Sala Verde.

3.2.

Após o/a seu/sua educando/a terminar as suas produções plásticas, dialoga com o/a mesmo/a acerca do que realizaram?

23 respostas

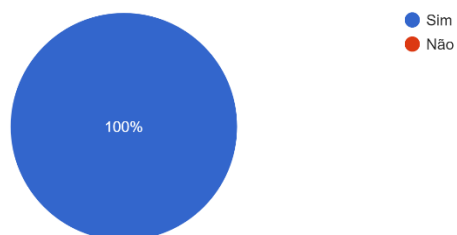


3.2.1. Pergunta de resposta aberta (dados analisados no Anexo O2. Árvore categorial das respostas abertas do inquérito por questionário aplicados às famílias)

3.3.

Considera importante a abordagem das Artes Visuais no Jardim de Infância?

23 respostas




Nota. Dados recolhidos através do questionário aplicado aos pais das crianças da Sala Verde.


3.3.1. Pergunta de resposta aberta (dados analisados no Anexo O2. Árvore categorial das respostas abertas do inquérito por questionário aplicados às famílias)


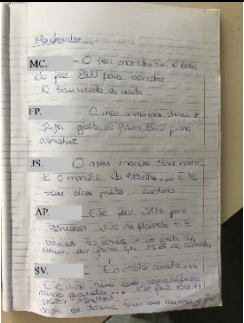
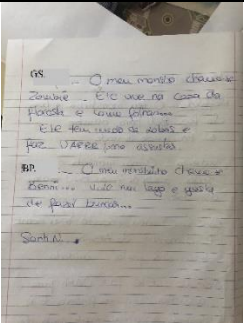

ANEXO P.



Notas de Campo acerca do tema da
investigação

| | " | | "

Data/Hora	Local	Descrição	Inferências e Observações
19/10 9H30	Sala	<p data-bbox="622 363 1025 400"><u>Nota de Campo 12</u> – Semana 1</p> <p data-bbox="622 424 1709 624">De seguida, a educadora trouxe para a sala um pedaço de papel de cenário para dar início à construção do placar do Projeto “O mar...”. Para isso, eu e a educadora colocámos o papel de cenário em cima do tapete, colocando tintas de diversas cores em cima do papel e com um rolo, duas crianças à vez, pintaram.</p> 	----
21/10 9H30	Sala	<p data-bbox="622 853 1010 890"><u>Nota de Campo 4</u> – Semana 1</p> <p data-bbox="622 914 1709 1058">Ed. – Vamos então dar início ao nosso Projeto “O mar...”? Vamos ver um vídeo no computador para ver um vídeo (“A incrível viagem da tartaruga”) sobre as tartarugas?</p> <p data-bbox="719 1082 891 1114">Todos – Sim!</p> <p data-bbox="622 1137 1709 1225">Ed. – Mas antes disso, o que se lembram sobre as tartarugas, são grandes, médias ou pequenas?</p> <p data-bbox="719 1249 909 1281">GS. – Médias!</p> <p data-bbox="719 1305 1115 1337">Ed. – E o que têm de especial?</p>	----




		<p>AP. – Uma carapaça. Ed. – Mole ou dura? PM. – Dura. Ed. – Porque têm uma carapaça dura? GS. – Para ninguém consiga partir. Ed. – A carapaça é como se fosse o quê? PM. – Uma casa. *Visualização do vídeo* Ed. – Agora que acabaram, vamos fazer um desenho sobre o vídeo que viram.</p> <div style="display: flex; justify-content: space-around;">  </div>	
<p>24/10 11H00</p>	<p>Sala</p>	<p><u>Nota de Campo 4</u> – Semana 2</p> <p>Após o reforço da manhã, apenas algumas crianças puderam dar início à construção do seu monstinho, devido ao tempo reduzido que tinham e pelo facto da atividade estar a ocorrer numa mesa apenas. Sendo que após a construção de todos os seus monstros, as crianças partilharam com os colegas, informações sobre os seus monstros.</p>	<p>----</p>

		  	
25/10 10H20	Sala da Oficina “Arte nas mãos”	<p><u>Nota de Campo 6</u> – Semana 2</p> <p>Hoje foi dia da Oficina de “Arte nas mãos”, oficina esta que fui acompanhar as crianças, sozinha. Às 10H20, acompanhei metade do grupo para a Oficina. Durante esta oficina, a Educadora RO., leu uma história às crianças, “Pop ville”, e de seguida, as crianças puderam construir a sua cidade, recorrendo a diversos materiais. Às 11H00, a outra metade do grupo veio e realizou a mesma atividade.</p> 	<p>Nota: Ambos os trabalhos finais ficaram na sala para que as crianças pudessem brincar e/ou aumentar a cidade.</p>
26/10 11H00	Sala	<p><u>Nota de Campo 9</u> – Semana 2</p>	<p>Nota: Esta atividade foi totalmente, apoiada por</p>

		<p>Após o conto da história, foi disponibilizado ao grupo material para a atividade de pintura, sendo que poderiam bruxas, abóboras, gatos pretos, fantasmas, monstros, ou o que quisessem.</p> 	<p>mim. No entanto, apesar de não ser fácil gerir uma atividade de pintura devido a experiências anteriores em estágios passados, sinto que estava mais à vontade.</p>
28/10 10H40	Sala	<p><u>Nota de Campo 13</u> – Semana 2</p> <p>Após a demonstração da abóbora, as crianças fizeram a representação gráfica da abóbora que tinham observado anteriormente.</p> 	<p>Nota: A equipa educativa decidiu reduzir o número de fruta passada, de forma que apenas comam fruta.</p>
9/11 14H40	Sala	<p><u>Nota de Campo 11</u> – Semana 4</p> <p>Hoje tive oportunidade de ficar durante da tarde, o que me permitiu observar o que eles fazem após o recreio do almoço. Quando regressaram à sala, foram à casa</p>	<p>Notas: As crianças que estão presentes mas não se encontram na lista,</p>


		<p>de banho, levaram as mãos e sentaram-se no tapete. Quando estavam todos presentes a Educadora questionou a cada um o que queriam fazer. Estas foram as diversas respostas.</p> <p>VA. – “Puzzle”; FR. – “Jogo dos colares”; PM. – “Puzzle”; GS./AP – “Jogo das construções”; SN – “Retrato do pai”; MC. – “Jogo dos números”; MF./SV./MS. – Pintura do papel cenário com aguarelas; MM. – “Desenho”; LD. – “Jogo dos picos”; JG. – “Desenho”; MCR. – “Desenho”.</p>	<p>deve-se ao facto de ainda não terem regressado da sesta, aquando da realização deste momento.</p>
<p>11/11 9H40</p>	<p>Refeitório</p>	<p><u>Nota de Campo 13</u> – Semana 4</p> <p>Hoje realizou-se a feira do outono e por isso cada sala ficou responsável por fazer um doce para vender na feira. A sala verde decidiu fazer bolachas de canela e erva doce, por isso as crianças estiveram a fazer as bolachas de manhã. Para isso, a Educadora levou os ingredientes necessários para as bolachas: farinha, açúcar amarelo, ovo, canela, erva doce, fermento e manteiga. No entanto, antes de dar início à receita, a Educadora criou uma massa simples (água, óleo e farinha), para que as crianças pudessem amassar, explorar e experimentar, enquanto a massa de bolacha estava a ser feita. Quando a massa estava pronta foram chamadas duas crianças à vez, para que pudessem amassar a massa de bolachas e criar a forma das bolachas.</p>	<p>Nota: As crianças estiveram bastante envolvidas e divertidas durante a atividade. Durante a atividade foram feitas três doses de bolachas e cada saquinho tinha 5 bolachas.</p>
<p>21/11 10H00</p>	<p>Sala</p>	<p><u>Nota de Campo 4</u> – Semana 6</p>	<p>----</p>



		<p>Após a realização da germinação, realizei uma atividade com as crianças. Inicialmente li uma história intitulada de “O livro da família”. O livro é sobre os diferentes tipos de famílias que existem como todas são distintas.</p> <p>Eu - ...,mas todas as famílias são especiais.</p> <p>SV. – A minha família é especial.</p> <p>Eu – Pois é, SV. Todas são. Vocês sabiam que havia famílias tão diferentes?</p> <p>PM. – Não.</p> <p>AP. – O meu pai é parecido comigo!</p> <p>Eu – E a mãe?</p> <p>AP. – Não.</p> <p>JG. – A mãe é parecida comigo!</p> <p>Eu – E o pai?</p> <p>JG. – Também.</p> <p>Eu – Muito bem!</p> <p>FR. – O meu pai é igual a mim!</p> <p>SV. – O pai e a mãe usam óculos!</p> <p>Eu – E tu não, vês? São diferentes.</p> <p>Ed. – Então e vocês acham que as famílias são importantes?</p> <p>SV. – Sim.</p> <p>Ed. – Porquê?</p>	
--	--	---	--



		<p>...</p> <p>AD. – A mãe é minha amiga.</p> <p>Eu – Muito bem, isso é muito bom.</p> <p>Ed. – O que é vos dão?</p> <p>AP. – Dá abraços...</p> <p>JG. – A mãe dá beijinhos.</p> <p>FR. – Faz cócegas.</p> <p>Ed. – Olhem e a família é só a mãe e o pai.</p> <p>FR. – Não, a avó e o avô.</p> <p>Eu – Muito bem. Gostaram da história?</p> <p>JG. – Sim.</p> <p>Eu – Então e o que acham de fazerem um desenho da vossa família?</p> <p>AD./JG. – Sim!</p> <div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: center;">    </div>	
16/11	Sala	Nota de Campo 6 – Semana 5	Nota: No final da conversa questionei às


	<p>Após a conversa que tive com a MS., LD. e MC. na sexta-feira, consegui perceber que havia um interesse em descobrir coisas sobre o corpo humano. Após uma conversa com a Educadora decidimos que hoje seria um bom dia para apresentar este novo projeto às outras crianças. Para isso decidi contar uma história às crianças, que se intitula de “A garrafa e o coração” de Oliver Jeffers. Após o conto da história fiz algumas questões às crianças.</p> <p>Eu – Gostaram da história?</p> <p>PM./SV. – Sim.</p> <p>Eu – Se tivessem de contar esta história aos vossos pais, o que diriam? Esta história é sobre o quê?</p> <p>PM. – É a história da garrafa e do coração.</p> <p>Eu – E mais? O que perceberam mais? Porque é que a menina colocou o coração na garrafa?...vamos rever então a história, quem vemos aqui no início da história para além da menina?</p> <p>PM. – O pai...é o avô.</p> <p>Eu – Muito bem, então o avô deixa de aparecer da história, porque será?</p> <p>FR. – A cadeira ficou vazia...foi dormir.</p> <p>Eu – Então que acontece à menina depois de ir dormir.</p> <p>SV. – Pôs o coração na garrafa.</p> <p>Eu – Quem ajudou a menina a tirar o coração da garrafa?</p>	<p>crianças que queriam participar no Projeto: LD.; MC.; SV.; MF.; FR.; MS.; JS.; VA. e MCR.</p> <p>Após este momento as crianças foram para atividades livres.</p> <p>Eu – O que queres fazer, MC.?</p> <p>MC. – Eu queria fazer um desenho do corpo humano.</p> <p>Eu – Podemos fazer durante o projeto, queres?</p> <p>MC. – Sim.</p>
--	--	--


		<p>FR. – Uma menina pequenina.</p> <p>Eu – Muito bem, eu vou-vos contar uma conversa que tive com MS., LD. e MC. *Conto a conversa*. Elas ficaram com interesse em saber coisas sobre o coração. O vosso coração está sempre a bater?</p> <p>SV. – O meu coração está sempre a bater.</p> <p>PM. – O meu não.</p> <p>Eu - Sabem sobre o que é este livro?</p> <p>LD. – É um livro sobre o corpo humano.</p> <p>Eu – Gostavam de aprender coisas sobre o corpo humano? Vocês já pensaram o que têm dentro de vocês?</p> <p>PM. – O corpo e os ossos.</p> <p>FR. – Tenho o coração e a boca.</p> <p>- Perguntas que as crianças fizeram:</p> <p>MF. – Porque ficamos doentes?</p> <p>FR. – O que temos dentro da boca?</p> <p>MCR. – Os ossos estão dentro do coração?</p>	
22/11 10H00	Sala	<p><u>Nota de Campo 6</u> – Semana 6</p> <p>Hoje após a reunião foi realizado pelas crianças a pintura do papel cenário que será colocado no placar do Projeto “O Corpo Humano” (nome escolhido pelas</p>	----

		<p>crianças). Para isso, primeiramente expliquei às crianças que iriam fazer pintura e que todas poderiam participar, mesmo que não fossem participantes do projeto. De seguida, questionei-lhes que cores queriam usar: Verde, laranja e vermelho. Por fim, coloquei o papel de cenário no tapete da sala e fui chamando duas crianças à vez para que pintassem.</p> <p>Número de crianças que participaram: 17</p> 	
29/11 – 2/12	Sala	<p><u>Nota de Campo 7</u> – Semana 7</p> <p>Na segunda-feira, as crianças deram início à construção da Prenda de Natal para as famílias. Inicialmente, a Educadora realizou uma introdução bastante interessante abordando a importância de fazer um calendário (responsabilidade que fazem todos os dias), mas que neste caso este calendário será levado para casa e poderão colocar coisas importantes relativas à família e não só.</p>	<p>Nota: A construção do calendário foi bastante interessante pois houve uma mistura de técnicas, permitindo assim a criança explorar</p>

		<p>Para começar a começar a construção do calendário fizeram uma pintura livre com aguarelas, em folhas coloridas.</p>  <p>De seguida, fizeram um desenho da família numa folha A4. Após terminar, a Educadora recortou o desenho e colou-o em cima da pintura de aguarela.</p>  <p>Por fim, a Educadora teve uma ideia de na folha da frente do calendário: construir uma “janela” com uma fotografia das crianças no interior e, posteriormente, escolherem um tecido de modo a criar um telhado para colocar em cima da “janela”. Durante a próxima semana, será terminada a prenda.</p>	diversos materiais e formas de criar.
6/12 10H00	Refeitório	<p><u>Nota de Campo 7</u> – Semana 8</p> <p>Hoje, durante a manhã, algumas crianças iniciaram a pintura dos envelopes para a prenda de Natal para os pais. Para essa pintura, foi utilizada técnica mista.</p>	----

		<p>Inicialmente, foi colocada uma árvore de Natal, no centro do envelope, de forma a utilizar a técnica de stencil e a utilização de rolhas para pintura do envelope com as cores vermelho, verde e amarelo.</p> 	
7/12 Manhã	Sala	<p><u>Nota de Campo 11</u> – Semana 8</p> <p>Hoje durante a pintura do envelope, as crianças estiveram a pintar as árvores para serem colocadas nas caixas da Feira de Natal. Para isso, as crianças fizeram as bolas de Natal com um cotonete. De forma a trabalhar a motricidade fina e diversificar as técnicas utilizadas na pintura.</p> 	----
12/12	Sala	<p><u>Nota de Campo 2</u> – Semana 9</p>	----

		<p>Hoje a MC. trouxe uma alforreca para colocar no placar do Projeto do mar. A MC. construiu em casa com a mãe, utilizando materiais/decorações que sobraram da sua festa de aniversário.</p> 	
14/12 10H30	Sala	<p><u>Nota de Campo 9</u> – Semana 9</p> <p>Hoje após a Oficina “Chuva de Histórias”, realizei a primeira atividade do Projeto com as crianças, atividade intitulada de “Silhueta”. Esta atividade consistiu na construção de uma silhueta de uma das crianças de modo a ser preenchida, com as diversas partes do corpo humano (ossos, coração) à medida que as crianças vão aprendendo sobre as mesmas.</p> <p>Eu – Uma das crianças será escolhida para o restante grupo desenhar a sua silhueta. Quem quer deitar-se no papel cenário? *diversas crianças levantam a mão*</p> <p>António queres ir?</p> <p>AP. – Sim.</p>	----

		<p>O AP. deita-se e à vez todas as crianças fazem parte da silhueta (dos 13 participantes do projeto 10 participaram, 2 estavam a faltar) . De seguida, as crianças (que quiseram) pintaram à vez parte da silhueta. Na pintura da silhueta participaram: MS.; LD.; MC.; GS.; MCR.; JG. e MF. (dos 13 participantes, 2 estavam a faltar).</p> 	
<p>16/12 10H00</p>	<p>Sala</p>	<p>Nota de Campo 13 Semana 9</p> <p>Hoje realizei a segunda atividade do Projeto, intitulada de “Desenho do Corpo humano”. Para esta atividade, as crianças desenharam o corpo humano e o que acham compõem o mesmo. Como modo de reintroduzir o Projeto, utilizei o livro que o VA. trouxe (a LD. trouxe o mesmo livro ontem) hoje acerca do Corpo Humano. Nesta atividade participaram 6 crianças à vez (dos 13 participaram 10, um estava a faltar).</p> <p>Quando as crianças terminaram, partilharam o que tinham desenhado e como era composto o corpo humano. Estas foram as respostas:</p> <p>SV. – Desenhei um esqueleto com o coração. LD. – Coração e cérebro. GS. – Cérebro e coração. VA. – Coração.</p>	<p>Nota: Nesta atividade duas crianças decidiram deixar o Projeto (JS. e MF.). Neste sentido, o projeto tem agora 10 participantes.</p>

		<p>MC. – Cérebro, coração e ossos.</p> <p>JG. – Coração e dentes.</p> <p>MCR. – Coração (na cabeça)</p> <p>MS. – Coração.</p> <p>FP. – Coração e ossos.</p> <p>FR./AP. – Identificam o cérebro e o coração, mas não o querem desenhar.</p>	
05/01 9H30	Sala	<p><u>Nota de Campo 6</u> – Semana 10</p> <p>Hoje retomei o Projeto que estou a desenvolver com algumas crianças da sala sobre o Corpo Humano”. Na atividade de hoje, as crianças encontraram as respostas para duas das suas perguntas sobre o coração: “O coração está sempre a bater? Porquê?” e “De que é feito o coração?”. Para isso, começaram por ver um vídeo da série “Era uma vez a vida...: O coração”, em grande grupo.</p> <p>Eu – Conseguiram perceber e ouvir o vídeo?</p> <p>Todos – Sim.</p> <p>Eu – Então o que ouviram no vídeo? Onde está o coração?</p> <p>*As crianças colocam a mão no peito*</p> <p>Eu – Muito bem</p> <p>SV. – O coração faz tum-tum.</p> <p>FR. – Consegui ouvir o coração.</p> <p>Eu – Vocês perceberam de que tamanho é o coração?</p>	----

		<p>MF. – O coração é pequenino.</p> <p>Eu – Muito bem. É tamanho do punho fechado. Fechem a vossa mão.</p> <p>*As crianças fecham a mão*</p> <p>Eu – O vosso coração é desse tamanho.</p> <p>De seguida, chamei cinco crianças (FP.; MS.; MC.; MCR. e AD.) para explorarem o livro “O grande livro de respostas: Corpo Humano” e iniciarem a construção do cartaz. Com a exploração dos recursos e com o meu apoio, as crianças conseguiram responder às perguntas.</p> <p>Eu – Então vamos relembrar, o coração está sempre a bater?</p> <p>MS. – Sim.</p> <p>Eu – Porquê? Para fazer o quê pelo corpo?</p> <p>FP. – O sangue.</p> <p>Eu – Muito bem. E coração é feito de quê?</p> <p>MS. – Músculos.</p> <p>Eu – Muito bem. Agora vamos construir o cartaz com as respostas, sim?</p> <p>Todas – Sim!</p> <p>Eu – Eu trouxe aqui uma imagem de um coração para pintarem e colocarmos no placar, boa?</p> <p>MCR. – Eu quero pintar o coração.</p> <p>AD. – Eu também.</p>	
--	--	--	--

		<p>Eu – Boa, então vocês as duas pintam o coração e a FP., a MS. e a MC. começam a fazer o cartaz. Podem começar por fazer desenhos na cartolina, boa?</p> <p>Começam a desenhar com lápis de cor e canetas à escolha.</p> <p>Eu – Agora que terminaram de pintar a cartolina e o coração, vamos escrever a resposta a uma das perguntas?</p> <p>Todas – Sim!</p> <p>Eu – Qual preferem? A pergunta “O coração está sempre a bater? Porquê?” ou “De que é feito o coração?”.</p> <p>Todas – A primeira.</p> <p>Eu – Muito bem. MS., tu que és a mais crescida e já sabes escrever bem as letras. Queres escrever tu a resposta? Eu digo-te as letras e tu vais escrevendo?</p> <p>MS. – Sim.</p> <p>Eu – Boa! Então vá.</p> <p>*soletro a resposta e a MS. vai escrevendo*</p> <p>Eu – Muito bem. Já está.</p> <p>De seguida, chamei o outro grupo (PM., o SV.; a JG. e o VA.), para explorar o livro, dar continuação ao cartaz e responder à pergunta que faltava. O grupo fez a mesma exploração do livro que o grupo anterior fez.</p> <p>SV. – Eu quero pintar o coração.</p> <p>PM. – Eu também.</p>	
--	--	--	--

Eu – Está bem, então o SV. e o PM. pintam o coração e o VA. e a JG. pintam o cartaz.

As crianças acabam de pintar.

Eu – Agora que terminaram vamos responder à pergunta, “De que é feito o coração?”

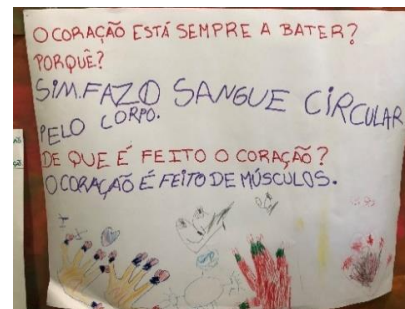
SV. – Músculos.

Eu – Muito bem. PM, queres escrever?

PM. – Não.

JG. – Eu quero.

Eu – Está bem. Eu ajudo-te, JG..



05/01

Sala

Nota de Campo 7 – Semana 10

10H00		Durante a realização da atividade do Projeto do Corpo Humano estava a decorrer uma outra atividade do Projeto do Mar que a Educadora gerida pela Educadora. Esta atividade consistia na pintura de peixes com aguarelas.	
10/01 9H30	Sala	<p><u>Nota de Campo 4</u> – Semana 11</p> <p>Hoje retomei o Projeto que estou a desenvolver com algumas crianças da sala sobre o Corpo Humano. Na atividade de hoje, as crianças encontraram as respostas para quatro das suas perguntas sobre os ossos/esqueletos: “O Corpo Humano tem ossos?” e “Quantos ossos temos?”, “Os ossos estão dentro do coração?” e “Porque os ossos se partem?”. Para isso, comecei por explorar o livro do Corpo Humano com as crianças, explorando as diferentes perguntas presentes do livro e dando respostas a algumas das perguntas das crianças.</p> <p>Eu – Vamos relembrar as vossas questões, “O Corpo Humano tem ossos?” e “Quantos ossos temos?”, “Os ossos estão dentro do coração?” e “Porque os ossos se partem?”. Vamos usar aqui o livro para responder à primeira questão, que foi o GS. que questionou. Então GS., olhando aqui para o livro, corpo humano tem ossos ou não?</p> <p>GS. – Sim.</p> <p>Eu – Muito bem. Então e a segunda questão? “Quantos ossos temos?”</p> <p>De seguida, o grupo viu um vídeo da série “Era uma vez a vida...: Os ossos e o esqueleto”, em grande grupo, através do computador e projetor.</p>	----

		<p>Eu – Conseguiram perceber e ouvir o vídeo?</p> <p>Todos – Sim.</p> <p>Eu – O que conseguiram ver no vídeo?</p> <p>SV. – O esqueleto</p> <p>MS. – Os meninos com os ossos partidos.</p> <p>...</p> <p>SV. – O menino partiu dois ossos, a menina partiu um.</p> <p>Eu – Exatamente.</p> <p>De seguida, chamei seis crianças (FP.; MS.; MC.; SV.; PM. e FR.) para iniciarem a construção do cartaz e pintarem o esqueleto. Com a exploração dos recursos e com o meu apoio, as crianças conseguiram responder às perguntas.</p> <p>Eu – Todos querem pintar o esqueleto?</p> <p>Todos – Sim.</p> <p>Eu – Fazemos assim três pintam e três fazem o cartaz?</p> <p>Todos – Sim.</p> <p>Eu – A FP., a MS. e a MC. ajudam-me e o SV., o FR. e o PM. vão pintar o esqueleto, pode ser?</p> <p>Todos – Sim.</p> <p>Eu – Querem começar por desenhar?</p> <p>Todas – Sim.</p>	
--	--	---	--

		<p>Eu – Muito bem.</p> <p>*Elas desenham na cartolina*</p> <p>Eu – Agora que terminaram de pintar a cartolina e o coração, vamos escrever a resposta a uma das perguntas?</p> <p>Todas – Sim!</p> <p>Eu – MS., queres escrever a primeira resposta?</p> <p>MS. – Sim.</p> <p>Eu – Então, a primeira pergunta é “O Corpo Humano tem ossos?” Qual é a resposta?</p> <p>MS. – Sim.</p> <p>*Soletro a palavra e a MS. escreve*</p> <p>Eu – Muito bem. LD., queres escrever a segunda resposta?</p> <p>LD. – Sim.</p> <p>Eu – A segunda pergunta é “Quantos ossos temos?”</p> <p>*Soletro as palavras e a LD. escreve*</p> <p>Eu – MC., queres escrever a próxima?</p> <p>MC. – Sim.</p> <p>*Soletro a palavra e a MC. escreve*</p> <p>Eu – Queres escrever a próxima?</p> <p>MC. – Sim.</p>	
--	--	---	--

		<p>*Soletro as palavras e a MC. escreve*</p> <p>Eu – GS., queres ajudar a escrever o resto da resposta?</p> <p>GS. – Sim.</p> <p>*Soletro as palavras e o GS. escreve*</p> <p>De seguida, fui chamando as crianças que queriam pintar o esqueleto até estar terminado.</p>	
24/01 10H20	Sala de Oficina “Arte nas Mãos”	<p><u>Nota de Campo 5</u> – Semana 13</p> <p>Hoje foi o dia da Oficina “Artes nas Mãos”, o grupo que foi primeiro era constituído por 9 crianças: MS., BP., MC., LD., JS., JG., FR., AP. e SV.</p> <p>RO. – São de que sala?</p> <p>Todos – Verde.</p> <p>RO. – Se pudessem mudavam de cor?</p> <p>Todos – Não.</p> <p>JS. – Eu gostava de ser amarela.</p> <p>RO. – Agora eu vou tentar dizer o nome e apelido de todos os meninos e meninas aqui.</p> <p>*Diz todos os nomes*</p> <p>RO. – O que é isto?</p> <p>SV. – Fio.</p> <p>AP. – Fita.</p>	----

		<p>RO. – Sabem como se chama?... Trapilho. É utilizado para fazer muitas coisas e é de algodão. Hoje vamos fazer muitas coisas com isto, podem criar muitas formas: bolas, corações, cobra.</p> <p>SV. – Tudo o que quisermos.</p> <p>RO. – Mas primeiro têm de pen...</p> <p>Todos – ...sar.</p> <p>RO. – Então cada um vai pensar o que querem fazer, podem usar mais que um é das cores que quiserem. Quando souberem o que vão fazer, põem cola branca e depois de colarem tudo, podem pintar tudo à volta. *mostra tinta preta*</p> <p>JS. – Porque é que a tinta é esquisita?</p> <p>RO. – Não é esquisito, é preta. Nunca pintaram com tinta preta?</p> <p>JS. – Não.</p> <p>Durante a atividade as crianças tinham como música de fundo um cd de capicua “Mão verde”.</p> <p>Quando as crianças acabaram de pintar questionei-lhes ou que tinham criado.</p> <p>SV. – Casa, bola e coração.</p> <p>MC. – Mesa e coração.</p> <p>FR. – Água de arco-íris.</p> <p>JG. – Roda, mota e carro.</p> <p>BP. – Cobra.</p>	
--	--	---	--

		<p>JS. – 2 Cobras.</p> <p>AP. – Cobra e mar verde.</p> <p>LD. – Bola e arco-íris.</p> <p>RO. – Gostaram de fazer esta atividade?</p> <p>Todos – Sim.</p> <p>O segundo grupo é constituído por: VL., MM., PM., MF., VA., GS., AD., SN., FP. e MCR. Quando as crianças acabaram de pintar questionei-lhes ou que tinham criado.</p> <p>GS. – Casa com cobras.</p> <p>VA. – Cobra voadora.</p> <p>FP. – Peixe-desejo.</p> <p>PM. – Harry Potter, cobra e sol.</p> <p>SV. – Cobras e peixe.</p> <p>AD. – Cobra.</p> <p>MCR. – Cobras.</p> <p>VL. – The sky.</p> <p>MM. – Cobra.</p>	
--	--	---	--

<p>25/01 10H30</p>	<p>Sala</p>	<p><u>Nota de Campo 8</u> – Semana 13</p> <p>Após a oficina, as crianças realizaram a atividade final do desenho do Corpo Humano. Para esta atividade, chamei 4 crianças à vez para realizar o desenho. Nesta atividade participaram 12 crianças e uma estava a faltar (JG.).</p> <p>Quando terminaram o desenho, questionei o que tinham desenhado.</p> <p>AD. - Esqueleto.</p> <p>SV. - Esqueleto pai e filho, as cruzes no esqueleto são para os micróbios não entrarem e o coração.</p> <p>MCR. - Coração.</p> <p>PM. - Coração e a cruz para os bichos não entrarem na barriga.</p> <p>VA. - Esqueleto e coração.</p> <p>AP. - Coração.</p> <p>FP. - Coração e pulmões (demasiado grandes)</p> <p>GS. - Coração.</p> <p>FR. - Coração e cérebro.</p> <p>MC. - Coração e esqueleto.</p> <p>MS. - Coração.</p> <p>LD. - Esqueleto e coração.</p>	<p>----</p>
------------------------	-------------	---	-------------

Legenda da Categorização:

Amarelo – Interação criança-criança

Cor-de-rosa – Interação adulto-criança

Violeta – Atividades

Verde – Informação relevante

Azul – Rotina

Laranja – Alimentação

Vermelho – Interação criança-estagiária

Castanho – Informação para portfólio da criança

Cinzeno – Momento do Projeto